



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**INGRID SILVA DOS SANTOS**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM: A EXPERIÊNCIA  
DO COLETIVO TELA FIRME COM AS JUVENTUDES**

**BELÉM PA**

**2022**

INGRID SILVA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM: A EXPERIÊNCIA  
DO COLETIVO TELA FIRME COM AS JUVENTUDES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, na Linha de Formação de Professores, Trabalho Docente, Teorias e Práticas Educacionais, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage.

BELÉM – PA

2022



INGRID SILVA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM: A EXPERIÊNCIA DO  
COLETIVO TELA FIRME COM AS JUVENTUDES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará e examinada pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage  
(Orientador) Programa de Pós-Graduação em Educação  
– PPGED/ICED/UFPA

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão (Examinador  
Interno) Programa de Pós-Graduação em Educação –  
PPGED/ICED/UFPA

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto  
(Examinador Externo) Programa de Pós-Graduação  
em Educação – PPGED/UEPA

**Data da aprovação: 24/02/2022**

Dedico esse trabalho a todos os oprimidos que lutam pela dignidade de ser e existir nesse mundo desigual.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente gostaria de agradecer aos inkissis, pelo poder de cura e resiliência e por me acolherem nessa vida. Ao meu pai Lembá, minha mãe Mikaiá, à Mametu Muagilê, pelo colo ancestral.

Agradeço a minha mãe biológica Dona Socorro, pela potência de mãe, mulher, feirante e maior incentivadora em meus estudos. Todo meu amor à você, Maria. Ao meu pai, José Louzeiro, pelo amor e dedicação de sua vida ao meu futuro.

Aos meus amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/ICED), pessoas que foram e são fundamentais para o meu processo de aprendizado e escrita na vida de pesquisadora. Dentre eles, destaco: Pânia Pires, Dorilene Melo, Francy Taíssa, Rodrigo Queiroz, Galdino Junior, Edilson Albarado, Lucas Furtado, Marielson Rodrigues, Rafael Rodrigues, Douglas Silva, Joana Carmem.

Ao meu orientador querido, Drº Salomão Hage que desde o início me incentivou a adentrar no Curso de Mestrado em Educação, afirmando e fortalecendo o acesso aos jovens da periferia nos espaços acadêmicos. Gratidão pelo carinho e pela dedicação em nossos momentos de debates na construção das lutas e do texto.

A todos os membros (as) do coletivo Tela Firme, movimento que me acolheu e uniu nossos anseios e indignações por um bairro melhor para se viver, estar e permanecer. Avante companheiros (as)!

A todos os meus amigos e amigas dos mais diversos lugares que vivo, convivo e que tenho com muito carinho nos processos da vida, de luta e sobrevivência: Jennifer Terra, Niellen Menescal, Joely Ferreira, Ivonete Pinheiro, Bruno Passos, Nagib Lucas, Eliane Sabino, Igor Alessandro, Marcos Lima, Fábio Moroni. Ao grupo de amigos “Arrasta-me” que me acompanham desde a entrada na Universidade. Ao coletivo poderoso da SEMEC que sustentam a práxis educativa: Dóris, Francy, Miriam, Gisele, Tatiana, Valéria, Yandala, Neire, Dinha, Sinara, Laurimar. Lucas, Carlos Daniel.

Às Juventudes de todas as periferias urbanas e rurais que estão na luta diariamente pelo direito de viver e resistir. A todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente a vencer cada etapa da escrita, do processo de ser pesquisadora acadêmica e popular.

## **EU SOU DE LÁ!**

Vou te contar uma história, Talvez, você só conheça o avesso, Só o que foi televisionado  
Pela grande mídia.  
Um bairro tão estereotipado Como sempre  
De forma negativa.

Essa é história de uma periferia, Com um solo tão marcado  
Por vezes batizado De vermelho carmim.  
Pelas esquinas, Corpos foram tombados,  
Corpos negros! Negra carne!  
A mais barata do mercado.  
Eu vi, foram homens, Todos estavam encapuzados!

Mas calma, espera!  
Não quero falar só sobre as mazelas, Disso a grande mídia já se encarrega. Quero falar de um  
povo de alma Livre, Tão plural e colorida.  
De identidade Afro, Indígena e Ribeirinha. Onde o Tucunduba, dessa terra é o guardião,  
Banha as fronteiras  
E com os braços esparramados, Atravessa-lhe o coração.

Quero falar de um lugar  
Onde respira-se cultura, E o grande palco é a rua, Os holofotes são:  
O sol, as estrelas e a lua. Quero falar de um lugar Onde o jovem é protagonista, E pela câmera  
de um celular, Sua história é reescrita.  
Quero falar de um lugar Onde a poesia é representativa, Onde a dança embala a alma, A  
música aguça todos sentidos,  
E na ponta do grafite, Reside a alma de quem resisti.

Ah! Eu sou de lá!  
Desse lugar onde a Terra é farta E o povo é Firme.  
É, eu sou cria da Terra-Firme!

(Joyce Raphaelly)

## **RESUMO**

A pesquisa faz uma análise das formas como o Coletivo Tela Firme vem contribuindo com o fortalecimento da educação popular envolvendo as juventudes do Bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, desde a sua criação em 2014. O interessante deste estudo é saber que o Coletivo Tela Firme é fruto da articulação de um grupo de jovens que problematiza a imagem como o bairro é retratado nas mídias locais. A idealização do coletivo de mídia alternativa surgiu após uma conversa entre jovens moradores do Bairro da Terra Firme, periferia de Belém, que naquele momento questionavam/refletiam sobre a estigmatização e a ênfase nas situações de violências e infrações de leis que o bairro era retratado nas reportagens das emissoras locais. De natureza qualitativa, a pesquisa tem caráter etnográfico com a produção de dados por meio da observação participante (com a análise de imagens produzidas pelo Coletivo de Mídia Alternativa Tela Firme) e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados da pesquisa demonstraram a importância de práticas de educação popular protagonizadas por um coletivo de bairro ao dar visibilidade da vida social e cotidiana das juventudes periféricas de Belém e suas potencialidades experienciadas pelos próprios moradores da Terra Firme.

**Palavras-chave:** Educação Popular, Juventudes, Periferias Urbanas, Mídias Alternativas.

## **ABSTRACT**

The research analyzes the ways in which the “Tela Firme” Collective has contributed to the strengthening of popular education involving the youths of the Terra Firme neighborhood, in Belém do Pará, since its creation in 2014. The interesting thing about this study is to know that the Coletivo “Tela Firme” is the result of the articulation of a group of young people that problematizes the image of how the neighborhood is portrayed in the local media. The idealization of the alternative media collective emerged after a conversation between young residents of the Terra Firme neighborhood, on the outskirts of Belém, who at that time questioned/reflected on the stigma and emphasis on situations of violence and violations of laws that the neighborhood was portrayed in reports from local broadcasters. Of a qualitative nature, the research has an ethnographic character with the production of data through participant observation (with the analysis of images produced by the Alternative Media Collective “Tela Firme”) and semi-structured interviews. The research results showed the importance of popular education practices carried out by a neighborhood collective in giving visibility to the social and daily life of peripheral youths in Belém and their potential experienced by the residents of Terra Firme themselves.

Key-words: Popular Education, Youth, Urban Outskirts, Alternative Media.

## LISTA DE QUADRO / MAPA/ TABELA

<b>Quadro 1:</b> Pesquisas sobre a educação popular e juventudes no bairro da Terra Firme	28
<b>Quadro 2:</b> Demonstrativo parcial da quantidade de famílias beneficiadas pela Campanha Terra Solidária	70
<b>Quadro 3:</b> Sujeitos da pesquisa	74
<b>Mapa 1:</b> Mapa da Terra Firme	40
<b>Mapa 2:</b> Mapa da Terra Firme dividida pelos territórios Norte, Sul, Centro e Oeste	64
<b>Tabela 1:</b> Situação escolar de jovens entre 15 e 17 anos (%)	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABREVIATURAS /SIGLA</b>	<b>EXTENSÃO</b>
ALEPA	Assembleia Legislativa do Pará
ANDI	Agência de Notícias de Direitos da Infância
DCE	Diretório Central dos Estudantes
GEPES	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Superior
GPERUAZ	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Rural na Amazônia
INCLUDERE	Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Currículo e Formação de Professores na Perspectiva de Inclusão
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organizações das Nações Unidas
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Membros do Coletivo Tela Firme com o Padre Bruno Secchi	53
IMAGEM 2: Homenagem à memória de Padre Bruno Sechi	54
IMAGEM 3: Entrevista sobre a parceria com o Projeto Emaús	56
IMAGEM 4: Vídeo Poderia Ter sido você	58
IMAGEM 5: Tela Firme recebendo a Comenda de Direitos Humanos/2015	59
IMAGEM 6: Card preparado para divulgação da Belém 400 anos	62
IMAGEM 7: Arte Divulgação em apoio às vítimas do incêndio em Canudos	65
IMAGEM 8: Arte Divulgação da Campanha 6º Natal da Paz	66
IMAGEM 9: Logomarca da Campanha Terra Solidária	67
IMAGEM 10: Arte Divulgação para arrecadação de alimentos	68
IMAGEM 11: Jovens iniciando o processo de organização para a entrega das cestas	69
IMAGEM 12: Distribuição de cestas básicas pelo bairro da Terra Firme	70
IMAGEM 13: Distribuição de cestas básicas em parceria com a Igreja Santa Maria	71
IMAGEM 14: Entrega de cestas à comunidade da Terra Firme	72
IMAGEM 15: Arte Divulgação da Carta Manifesto	73
IMAGEM 16: Divulgação do tela Firme em Jornal	80
IMAGEM 17: Entrevista com Lilian Mello	83
IMAGEM 18: Entrega de Cestas no Bairro da Terra Firme	95
IMAGEM 19: O Bairro da Terra Firme	102

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
	1.1 Contextualização da pesquisa e o objeto de estudo	15
	1.2 Trajetória e vínculos pessoais e profissionais com a ciência	17
	1.3 Questões norteadoras	18
	1.4 Objetivos da pesquisa	18
	1.5 Organização da Dissertação	19
<b>2</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO POPULAR, LIBERTADORA E AS JUVENTUDES DAS PERIFERIAS URBANAS</b>	<b>34</b>
	3.1 A Educação Popular como instrumento de libertação	34
	3.2 As Periferias Urbanas: o Bairro da Terra Firme	40
<b>4.</b>	<b>PELO OLHAR DE QUEM FAZ O COLETIVO ACONTECER: o coletivo de mídia alternativo tela firme</b>	<b>53</b>
	4.1. O Coletivo Tela Firme - das origens até os dias atuais	54
	4.2. Sujeitos da Pesquisa	73
<b>5</b>	<b>AS PRODUÇÕES DO COLETIVO DE MÍDIA ALTERNATIVA TELA FIRME: a mobilização por meio das práticas cotidianas</b>	<b>77</b>
	5.1 O encontro com o campo: Desafios, estratégias e descobertas	77
	5.2 As experiências com o Coletivo Tela Firme	79
	5.3 #JuventudeFirmeéJuventudeViva	83
	5.4 A Educação Popular como processo emancipatório	87
	5.5 Nada Sobre Nós Sem Nós: A mídia alternativa do Coletivo Tela Firme	91
	5.6 Considerações Finais: Nada Sobre Nós Sem Nós	91
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>102</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS</b>	<b>106</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização da pesquisa e o objeto de estudo

Esta pesquisa objetiva investigar a relevância para os estudos sobre educação popular em Belém e na Amazônia, com recorte para uma experiência no Bairro denominado Terra Firme com juventudes do bairro, suas experiências com as mídias alternativas e a educação popular. Esse estudo foi pensado e refletido durante minha trajetória acadêmica e política inserida na Universidade e no Bairro, com objetivo de materializar as discussões e atividades que o Coletivo Tela Firme produz na construção e fortalecimento de saberes populares em suas práticas educativas.

O Tela Firme é um coletivo de mídia alternativa que tem como um de seus objetivos a democratização da informação no qual articula, mobiliza e reúne pautas da população do Bairro da Terra Firme, que valorizam as culturas das periferias que circulam e se afirmam nesse bairro. Essas pautas incentivam atividades de caráter formativo, como palestras e mostras de vídeos produzidos pelo grupo; trabalha também no campo educacional, recorrendo a diversos temas transversalizados, com um debate que foca a garantia dos direitos humanos, em especial, a luta contra o extermínio da juventude negra.

Criado em 2014, o coletivo de mídia alternativa foi idealizado após uma conversa entre jovens moradores do Bairro da Terra Firme, periferia de Belém, que naquele momento questionavam/refletiam que o bairro era retratado nas reportagens das emissoras locais sempre de forma estigmatizada, como se nesse território só houvesse situações de violências e infração de leis.

A ideia inicial do Coletivo de mídia alternativo Tela Firme era produzir conteúdo a ser veiculado na internet na forma de programas, documentários e vídeos que desvinculassem o Bairro Terra Firme da imagem da violência, reforçada diariamente pela mídia comercial. Baseado nos princípios basilares de uma educação popular e horizontal, o coletivo passou a criar reportagens e minidocumentários que tinha como objetivo afirmar suas histórias e conquistas, reforçando o senso de pertencimento dos moradores. Essa forma de narrar suas histórias e propor à população uma educação que a fizesse compreender sua própria formação, vai ao encontro do modelo educacional “que prevalece no Brasil colonial e elitista e declaradamente comprometida com um modelo econômico dependente e agroexportador, o que contribui para o descaso com a educação dos populares” (STRECK *et al.*, 2014, p.43).

No intuito de promover um processo comunicacional mais condizente com as

necessidades de autorrepresentação e de fortalecimento das convivências no Bairro da Terra Firme, o Coletivo Tela Firme foi lançado oficialmente na rede social “Youtube” no dia 06 de março de 2014. Para alcançar pessoas do bairro, seguindo a lógica que essas pessoas fazem parte de diversos contextos escolares, sociais e pessoais, o Coletivo socializa suas pautas a partir de uma comunicação alternativa e popular, vinda dos diálogos com população, em específico, nas periferias urbanas.

A partir desse grupo de comunicadores criado no próprio bairro em diferentes contextos habitacionais, geracionais e identitários, surgem diversas ideias como proposta central para promover, influenciar e fomentar a valorização do bairro por meio de reportagens de caráter cultural, com base em entrevistas com antigos moradores e de realização de cobertura jornalística de movimentos de resistências culturais e políticas presentes no bairro.

Assim, o Tela Firme foi ganhando maiores dimensões e reconhecimento por incentivar as práticas de mídias alternativas e denunciar as injustiças através da comunicação nas redes sociais. Dessa forma, esse coletivo foi reconhecido pela estrutura de mobilização e de articulação com demandas da própria população. Devido à sua estruturação, passou a ser assunto de várias matérias de TV, o que fez com que recebesse, em dezembro de 2015, a comenda Paulo Frota de Direitos Humanos, na Assembleia Legislativa do Pará (ALEPA), pela força da denúncia contra o extermínio de jovens negros na periferia de Belém – tema desafiador abordado no episódio “Poderia ter sido você”, disponível em suas mídias sociais. Hoje, o Coletivo é referência em organizar e mobilizar as classes populares, em articular a formação política e trabalho de base, assim como em auxiliar na incidência política por meio da comunicação juntamente com outros movimentos de resistência de outros bairros.

Atualmente, o coletivo de mídia alternativa conta com diversos jovens moradores e militantes do bairro que lutam para continuar produzindo novos episódios da realidade do bairro e suas formas de resistências. Assim, é nesse contexto, que, em 2015 me insiro como fortalecedora do movimento Tela Firme, para estimular o crescimento dos espaços de debates que estabelecem uma relação direta com os direitos humanos, em especial, as ideias e reflexões dos direitos à vida de crianças e de adolescentes, de jovens, em especial, da população negra.

Nesse sentido, este estudo busca refletir como o Tela Firme promove práticas de educação popular junto às juventudes da Terra Firme, e nessa pesquisa faremos a relação com os referenciais da educação popular sob influência teórica de Paulo Freire (1987; 1996; 2000), assim como outros autores que debatem os movimentos sociais, as pedagogias com viés da educação emancipadora e práticas educativas como Miguel Arroyo (2012) e Moacir Gadotti

(1995). Ademais, apresentamos leituras e reflexões direcionadas ao debate relacionado às juventudes e periferias urbanas, pautadas nos autores Manheim (1928), Silva (2020) e Ferreira (2012).

Outro contexto relevante nesta pesquisa é a relação entre a prática e a atuação desse coletivo como forma de estimular a resistência e a produção de conhecimento, objetivando a emancipação de uma comunidade que é alvo de exclusão social resultantes do avanço da desigualdade social no Brasil. Portanto, as práticas de resistência pressupõem ações intencionais e coletivas de cunho transformador para o alcance de conquistas grupais diante da ruptura de um ordenamento rígido social (FERREIRA, 2012). Existe um “olhar negativado” sobre os jovens em volta de seus comportamentos e atitudes, que também contribuiu para a discussão e o fomento de políticas de atenção específicas a esse segmento, ganhando expressividade nas agendas e nas lutas sociais (SILVA, 2020).

## **1.2 Trajetória e vínculos pessoais e profissionais com a Ciência.**

O objeto de estudo desta pesquisa de mestrado vem fazendo parte da minha caminhada pessoal e profissional, construída de forma gradativa e processual nos diversos espaços formativos e de militância, pelos quais tive a oportunidade de aprender e de educar, principalmente minha experiência no bairro com o coletivo Tela Firme. Este tema possui influência direta com minha trajetória acadêmica e política na Universidade Federal do Pará (UFPA), a partir do curso de Licenciatura em Pedagogia e nas vivências políticas como: membra do Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia, diretora de comunicação no Diretório Central dos Estudantes (DCE) e também conselheira do Conselho de Ensino e Pesquisa e Conselho Universitário pertencentes à UFPA.

Desta forma, os vínculos pessoais e institucionais influenciaram nesta pesquisa no momento que percebi a necessidade de fortalecer nossos vínculos enquanto sujeitos moradores de uma das maiores periferias da capital belenense, a qual é localizada próximo às duas universidades públicas federais: Universidade Federal do Pará e Universidade Federal Rural da Amazônia, núcleos de pesquisas como o Museu Paraense Emílio Goeldi, escolas municipais e estaduais públicas, como Mário Barbosa e Celso Malcher, respectivamente.

Nesse sentido, esta pesquisa vem em defesa da educação popular e libertadora dos preconceitos e da marginalização social das juventudes do Bairro da Terra Firme. Foi por meio das lutas coletivas e dos debates educacionais influenciados por esses espaços sociais em que me inseri, que ampliou minhas experiências e aprendizados, me ajudando a

compreender e entender a relevância de estudar sobre as (con)vivências da comunidade em que moro e compreender que nossos saberes, sejam eles culturais, populares, oportunizam aprendizagens diferenciadas em relação aos saberes científicos, mas ainda assim são considerados como válidos para os sujeitos pertencentes desse bairro. Assim, temos como premissa com a realização deste estudo, contribuir com o desenvolvimento dos três pilares que a universidade defende: ensino, pesquisa e extensão, como também, colaborar com a valorização dos processos educativos oriundos de instrumentos de resistência que nascem no seio da desigualdade social.

### 1.3 Questões norteadoras

Em busca dessa perspectiva de fortalecimento da comunidade do Bairro da Terra Firme, buscamos entendê-lo como processo de conhecimento acadêmico e científico da seguinte problemática: **quais as contribuições do Tela Firme para os jovens que participam deste coletivo e sua importância para as lutas dos movimentos sociais no Bairro da Terra Firme, em Belém/PA?**

Em decorrência dessa problemática, intentamos responder as seguintes questões orientadoras desta pesquisa, quais sejam:

- 1) **Quais os processos educativos implementados pelo Coletivo Tela Firme junto a juventudes periféricas do bairro da Terra Firme e suas contribuições para o fortalecimento dos movimentos de Educação Popular existentes no bairro?**
- 2) **Como o coletivo Tela Firme tem influenciado o processo formativo na vida de sujeitos pertencentes ao movimento, em especial à juventude periférica, no enfrentamento às imagens estigmatizantes produzidas pela mídia comercial acerca do seu território?**
- 3) **Qual o papel social deste coletivo como espaço de produção de mídia alternativa, identificando os mecanismos que ele utiliza para influenciar os vínculos sociais, culturais e simbólicos desses jovens, assim como os conhecimentos mobilizados por eles em suas práticas cotidianas?**

### 1.4 Objetivos da pesquisa

O objetivo geral deste estudo foi analisar as contribuições do Tela Firme para os jovens que participam deste Coletivo e sua importância para as lutas dos movimentos sociais no Bairro da Terra Firme em Belém/PA. Para alcançar tal objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar os processos educativos implementados pelo Coletivo Tela Firme junto a juventudes periféricas do bairro da Terra Firme e suas contribuições para o fortalecimento dos movimentos de Educação Popular existentes no bairro.
- Analisar como o coletivo Tela Firme tem influenciado o processo formativo na vida de sujeitos pertencentes ao movimento, em especial da juventude periférica, no enfrentamento às imagens estigmatizantes produzidas pela mídia comercial acerca do seu território.
- Identificar o papel social deste Coletivo como espaço de produção de mídia alternativa, identificando os mecanismos que ele utiliza para influenciar os vínculos sociais, culturais e simbólicos desses jovens, assim como os conhecimentos mobilizados por eles em suas práticas cotidianas.
- Identificar como o coletivo desenvolve práticas educativas que influenciam na formação humana dos sujeitos, assim como do público virtual que está conectado às redes sociais do movimento, pretendemos identificar as formas como essas práticas se contrapõem à mídia hegemônica que influencia milhares de pessoas com uma padronização de comportamentos, paradigmas e opiniões.

### **1.5 Organização da Dissertação.**

A presente dissertação está estruturada em cinco seções. A primeira seção corresponde à introdução do trabalho na qual fiz a apresentação do tema, sua justificativa e relevância nos eixos pessoais, sociais e acadêmicos, assim como a apresentação das questões de investigação, a problemática, os objetivos gerais e específicos.

Na segunda seção desenvolvemos a metodologia da presente pesquisa fundamentada na concepção dialética e de sistematização.

Na terceira seção desenvolvemos os aspectos teóricos das categorias referenciais que fundamentam este estudo, assim como apresentamos o histórico do movimento popular existente no Bairro da Terra Firme, com destaque para a configuração do território em que a pesquisa se efetiva e do coletivo que é foco do estudo nesta Dissertação.

Na quarta seção as discussões e características do Coletivo Tela Firme, destacando o seu histórico, caracterização do Coletivo, suas produções e caracterização dos sujeitos. Por fim, na quinta seção desenvolvemos uma análise da *experiência do Tela Firme com as Juventudes*, explicitando e apresentando as discussões dos resultados da pesquisa, a experiência apresentada pelos sujeitos do coletivo, assim como a análise documental. Por fim, apresentamos as *considerações finais* com nossas reflexões acerca da pesquisa, seus processos

de análises, reflexões, desafios e contradições, bem como suas possíveis contribuições para a academia, com visibilidade às problemáticas sociais vivenciadas pelos sujeitos entrevistados, suas perspectivas e dificuldades, dentro das diversas violações de direitos sofridas cotidianamente diante de um contexto difícil e desigual que vive a população pobre na sociedade atual.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa científica necessita de uma rigorosa fundamentação epistemológica que delimite a abordagem teórica do pesquisador. Assim, a pesquisa por meio da realidade social exige do pesquisador uma análise de suas concepções na metafísica, o que consiste definir como a noção do processo de construção do pensamento com origem na abstração, na ideia, na razão e, portanto, a realidade é o conjunto formado por representações exteriorizadas do ideal.

A concepção materialista, por sua vez, fundamenta-se na dialética da realidade, base filosófica que vem desde reflexões heraclitanas até a nova perspectiva concebida por Marx através da visão materialista histórica que concebe a origem do pensamento na realidade concreta e que as ideias nada mais são do que a codificação da apreensão do real construído historicamente, cuja formulação do conhecimento visa uma práxis transformadora da realidade.

O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana (TRIVIÑOS, 1987).

Tais concepções versam sobre a natureza do pensamento humano de forma geral, buscam explicar a origem do pensamento, dos fenômenos sociais e tentam reconstruir o caminho lógico da construção de uma ideia, ou seja, as concepções são formas de enxergar o todo social, econômico e cultural de uma forma ampla, visando a totalidade.

Karl Marx foi um dos pensadores mais importantes da história social, suas reflexões e produções filosóficas sempre visaram a produção do conhecimento com objetivo de promover a transformação social. No terreno filosófico pode contar com a construção de uma base estabelecida pela contribuição de diversos pensadores que produziram debates e pensamentos sobre inquietações que versam sobre como a sociedade se organiza, como se estabelece, qual a explicação dos fenômenos sociais, como construir pensamentos que conduzam a exatidão e a veracidade dos fenômenos sociais, etc.

Durante séculos grandes pensadores, intelectuais, filósofos, cientistas políticos se debruçaram sobre esta temática, inaugurando uma especialidade, um direcionamento específico para reflexões que visavam explicar a natureza e gênese do pensamento e da explicação dos fenômenos de forma rigorosa e científica, o estudo da epistemologia. Com o

decorrer dos anos, as concepções foram se voltando para duas perspectivas, idealista ou metafísica e a materialista.

O método abordado neste trabalho é um desdobramento da perspectiva dialética, que advém da concepção do materialismo histórico e dialético e possui assim, como todas as demais epistemologias, seus pressupostos baseados em sínteses filosóficas diversas que são produzidas e discutidas secularmente a partir da explicação da gênese do pensamento. Este possui influências históricas dos séculos XVIII e XIX, os quais foram o centro das principais mudanças do modelo de produção econômico, que resultou em significativas mudanças em vários âmbitos da sociedade.

O modelo econômico trazido pelo sistema capitalista foi o eixo central dos estudos de Karl Marx, que buscava analisar a sociedade sob o prisma do real, em sua forma concreta, suas nuances e consequências deste novo modelo econômico. Para o estudo deste cenário, implicando os impactos e reflexos deste modelo na vida de cada indivíduo, Marx propôs a análise baseada no método denominado dialético.

Em seus estudos, teve como base, princípios advindos de três principais correntes de ideias: a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. Assim como pensadores que proporcionaram à Marx uma reflexão mais aprofundada sobre os percalços da produção de conhecimento do sujeito e do mundo como o pensador Hegel, no qual percebia a dialética como parte das contradições existentes na relação do indivíduo com o mundo, porém se detinha a análise apenas do pensamento.

Hegel compreende a sociedade como fruto das contradições existentes na realidade, entretanto, limitava-se apenas à análise dessa construção, se estabelecendo no plano das ideias, não havendo formulações que apontassem para a mudança da ordem social vigente, limitando-se assim à perspectiva idealista utópica. É possível inferir sobre as produções hegelianas que ele se encontrava em uma lógica que representava uma parte da sociedade, a aristocrática, uma classe de caráter tradicional que mantinha o pensamento da manutenção das coisas e, logo, das instituições.

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano, e por ela interpretado (MARX, 2008, p. 28).

Diante deste panorama Marx propunha uma síntese que diverge diretamente do discurso de Hegel, ao defender a noção de que a sociedade possui uma historicidade, tal

historicidade é o motor, é a causa das movimentações e mudanças sociais. Baseando sua teoria à análise concreta das situações concretas evidenciadas em suas totalidades.

No materialismo, portanto, a compreensão do real se efetiva ao atingir, pelo pensamento, um conjunto amplo de relações, particularidades, detalhes que são captados numa totalidade. Se um objeto do pensamento é mantido isolado, ele se imobiliza no pensamento, é apenas uma abstração metafísica. Porém, a abstração é uma etapa intermediária que permite chegar ao concreto; dessa maneira, aquele que procura captar o real sem ter passado pela abstração não é capaz de captar o essencial, o concreto, mantém-se no superficial, no aparente. A aparência é um reflexo da essência, da realidade concreta; o reflexo é, pois, transitório, fugaz e pode ser facilmente negado, superado pela essência (MASSON, 2007, p.6).

Desta forma, Marx se apoia numa análise da realidade sob investigação através da experiência. Para ele, a ideia não se define apenas no pensamento, mas sim o pensamento que estabelecia ideias que proporcionam análises diversas das realidades, suas convergências e divergências para refletir sobre assuntos concretos, para chegar ou não em sua superação.

Nessa perspectiva, é que Marx constrói a sua linha de pensamento no qual possui como eixo a necessidade de analisar a realidade através da materialidade histórica da vida dos sujeitos na sociedade, ou seja, Marx trata de fundamentar suas ideias através da história e de como a sociedade se organiza. Assim como enfatiza Lefebvre:

Não se poderia dizer melhor que só existe dialética (análise dialética, exposição ou 'síntese') se existir movimento; e que só há movimento se existir processo histórico: história. Tanto faz ser a história de um ser da natureza, do ser humano (social), do conhecimento! É isso o que dizia (não sem de-negá-lo e re-negá-lo) Hegel; e o que Marx e Lênin repetem (comprovando-o, fazendo-o). A história é o movimento de um conteúdo, engendrando diferenças, polaridades, conflitos, problemas teóricos e práticos, e resolvendo-os (ou não) (LEFEBVRE, 1991, p.21-22).

Nesse sentido Marx lança sua perspectiva com um caráter materialista, histórico e dialético. Para ele, é inviável entender a realidade humana sem considerar toda a construção histórica no qual a sociedade está inserida. Por isso, a importância do historicismo como elemento fundamental para entender o sentido das relações que já existiam na sociedade, e que fazem parte do processo histórico das relações atuais.

Ademais, é por via de uma materialidade da história, o denominado materialismo histórico que podemos analisar cada objeto de estudo pertencente a determinada realidade, nessa perspectiva

Frigotto

corroborar:

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, neste sentido, antecede ao método. Este constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais (FRIGOTTO, 2001, p.77).

Por conseguinte, a análise através da materialidade histórica necessita da mediação advinda do método estabelecido por Marx como sendo dialético. Ou seja, apresenta a realidade que se modifica e se movimenta como fruto de uma construção histórica e que a apreensão da essência dos fenômenos se dá por meio do método dialético que formula através da análise da realidade e da abstração, as ideias que contém a essência do real.

Marx afirma que o estudo da essência de determinado fenômeno se dá pela análise da forma mais desenvolvida alcançada por tal fenômeno. Contudo, a essência do fenômeno não se apresenta ao pesquisador imediatamente, por isso é necessário realizar a mediação pelo processo de análise, que se caracteriza como abstração. Desse modo, o método é dialético, pois a apropriação do concreto pelo pensamento científico se dá pelo complexo de mediações teóricas abstratas para se chegar à essência do real, e é materialista porque o conhecimento científico se constrói pela apropriação da essência da realidade objetiva (MASSON, 2007, p.7).

Nesse sentido, fica evidente que o método histórico e dialético é fruto de uma perspectiva que viabiliza a luta e a transformação social, é um método capaz de absorver as contradições e trabalhá-las para que possam ser superadas ou evoluídas. Esse processo de evolução se faz presente nas mais variadas formas de transformação social que provém de toda e qualquer sociedade que se movimenta cotidianamente. É por meio das contradições do capital, por exemplo, que a luta de classes se efetiva na sua plenitude. Esse processo de transformação, também se estabelece nas quantidades em qualidades que cada processo se efetiva.

É a partir da compreensão da concepção dialética que Karl Marx estabelece como mecanismo de compreensão da realidade que tem como foco principal a realidade como movimento passível de ser modificado perante aos sujeitos que estão em pleno processo de e para transformação social. Destarte, o debate na perspectiva dialética, em torno das contradições e das práticas sociais, nos possibilitou a ampliação reflexiva acerca das conceituações e compressões das categorias analíticas e fundamentais da pesquisa.

Optou-se, pela utilização da pesquisa de cunho qualitativo, que dispõe de fundamentos, princípios, procedimentos e consistências conceituais e metodológicas que

possibilitaram a compreensão e a interação reflexiva entre os processos no campo de pesquisa os dados e as bases teóricas.

As pesquisas chamadas qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais (ANDRÉ; GATTI, 2008, p.04).

A pesquisa científica em sua complexidade possui diversas ramificações dentro ou fora da academia, de modo que, cada ramo tem suas especificidades e formas de coletas de dados distintas, essa seleção do tipo de pesquisa ocorre de acordo com os critérios do pesquisador e seu objeto de pesquisa. Nesse sentido, é importante estabelecer relações diretas com este padrão de escrita para ser considerado um trabalho acadêmico. Segundo o autor Antônio Carlos Gil:

Pode-se definir ciência mediante a identificação de suas características essenciais. Assim, a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível (GIL, 2008, p. 21).

Em “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social”, Gil (2008) discorre sobre a origem da pesquisa social, principalmente, por meio dos estudos realizados por Augusto Comte e o positivismo, porém as condições positivistas analisam os problemas de pesquisa de acordo com os padrões das ciências naturais, gerando dados quantitativos e restringindo os estudos sobre o ser humano com as suas relações em sociedade.

Segundo as autoras Gerhardt e Silveira “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Assim, complementando esse debate, Gil (2008), compreende que não é possível quantificar e/ou objetificar os sujeitos e atividades envolvidos nesse processo.

Para compreender as formas e as maneiras dos processos vivenciados e protagonizados pelo coletivo Tela Firme, a pesquisa apresenta como procedimento metodológico as fontes bibliográficas utilizando a revisão de literatura, a utilização das fontes documentais e as análises das entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos envolvidos nesse processo.

Para o desenvolvimento de tais ferramentas, utilizaremos o método da pesquisa

participante, com fortalecimento da sistematização das experiências como método e técnica de análise. A pesquisa participante e a sistematização de experiências são importantes metodologias na observação das experiências, pois possibilita ao pesquisador registrar com precisão as ações que são desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa, neste caso, do Coletivo Tela Firme em que o pesquisador pode acompanhar e participar (BARROS; LEHFELD, 1990).

Primeiramente, ressaltamos a revisão de literatura como um dos métodos de coleta para esse trabalho, tendo como foco as produções de teses e dissertações que abordam temas como educação popular, juventudes, periferias urbanas e mídias alternativas. O que nos agregou bastante diante da discussão de outras pesquisas com as mesmas categorias do nosso trabalho, porém sob um olhar diferente, pois conforme destaca Godoy (1995).

o pesquisador vai a campo buscando captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos (GODOY, 1995, p. 21).

Além desta revisão de literatura, utilizamos a pesquisa documental com foco no material produzido e utilizado no cotidiano do Coletivo Tela Firme e que são fontes fundamentais de informações a respeito de seu projeto cultural. Para Gil (2008, p.51), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

A palavra “documentos”, neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, fotografias, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade).

A análise dos documentos que está sendo utilizada para possibilitar a análise de algumas fontes referentes ao Coletivo e ao Bairro são as memórias de reuniões internas do coletivo, chamados feitos *cards* de atos políticos no qual o Tela Firme estava desempenhando, a cartografia do Bairro Terra Firme, os próprios registros fotográficos, entre outros. Esses documentos são importantes porque trazem dados registrados e originários da construção coletiva, no qual apresenta seus objetivos e estratégias de mobilização e reivindicação com o envolvimento dos sujeitos e suas atuações (HIRANO, 1988). Os documentos podem trazer

dados secundários que somam na pesquisa e podem desvelar as relações que o coletivo estabelece com outras organizações e poder público para fortalecer as ações junto ao Bairro Terra Firme.

Optou-se também pela entrevista semi-estruturada, pois esse método permite que o pesquisador dialogue diretamente com os sujeitos da pesquisa de maneira individual, possibilitando uma conversa aberta, gerando confiança ao entrevistado e possibilitando informações importantes sobre o assunto perguntado (MARCONI; LAKATOS, 2007). É nesse diálogo com os sujeitos que a pesquisadora terá a possibilidade de registrar as informações e coletar os dados, assim como fazer o uso de fotografias para fazer esse registro armazenando os dados para posteriormente serem transcritos os conteúdos possíveis de serem utilizados para o estudo, interpretação e análise.

Este é o momento em que o pesquisador se desloca para o campo para coletar os dados junto à realidade dos sujeitos da pesquisa e para se fazer uso de entrevista e no caso dessa pesquisa se apoiará na entrevista semi-estruturada, conhecida como semidiretiva ou semi-aberta, assim como de observação participante.

Consideramos como aporte teórico para a entrevista o autor Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Dessa forma os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. Ressaltamos, contudo, que o foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Outro autor que é interessante para o desenvolvimento das entrevistas semi-estruturadas é Manzini (1990). Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Ambos os autores Triviños (1987) e Manzini (1990), se referem à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos, tendo o roteiro objetivo de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o entrevistado.

Ademais, a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas, em especial com o coletivo Tela Firme, as entrevistas foram fundamentais no processo de conhecimento do nosso campo de pesquisa, uma vez que todos os membros têm um vínculo pessoal e comprometimento social com o coletivo de mídia. Assim como, permitiu a identificação dos desafios relacionais e cotidianos vivenciados pelos sujeitos pesquisados, a qual buscou ter como foco uma realidade social, dinâmica e complexa.

Em busca de alinhamento com a metodologia participante e o objetivo da pesquisa, utilizamos como método a Sistematização de Experiências que corrobora com a organização e ordenamento do que foi apresentado pelos sujeitos nos relatos de suas experiências, destaca-se que “A sistematização possibilita compreender como se desenvolveu a experiência, por que se deu dessa maneira e não de outra; dá conta das mudanças ocorridas, como se produziram e porque se produziram” (JARA, 2006, p.30).

Com o propósito de organizar as experiências, a sistematização ocorre a partir de alguns elementos, como: o ponto de partida, as perguntas iniciais, a recuperação do processo vivido, a reflexão de fundo e os pontos de chegada. Esses elementos são fundamentais para que possamos identificar o início do processo de indagação com relação ao objeto de estudo com auxílio de registros dessas experiências, assim como identificar os objetivos de sistematizar tais experiências, assim como organizar e ordenar o sentido do que foi relatado por eixos temáticos, para posteriormente, refletir criticamente a partir de cada elemento expresso, e assim, formular conclusões de aprendizados com o que foi exposto.

Dessa forma, é capaz de inferir sobre as experiências de forma com que possamos identificar limites e avanços, como afirma o autor “Nesse sentido, a sistematização possibilita entender a lógica das relações e contradições entre os diferentes elementos, localizando coerências e incoerências” (JARA, 2006, p.30)

Além disso, este método de análise tem por finalidade o embasamento teórico e filosófico que dialoga com os aspectos históricos e sociais e também com a realidade envolvida nos sujeitos em seus determinados contextos, como afirma o autor:

A sistematização relaciona os processos imediatos com seus contextos, confronta o fazer prático com os pressupostos teóricos que o inspiram. Assim, o processo de sistematização se sustenta em uma fundamentação teórica e filosófica sobre o conhecimento e sobre a realidade histórico-social. (JARA, 2006, p. 36)

Para comprovar a lacuna acerca da investigação sobre o meu campo de estudo, realizei

um levantamento de teses e dissertações publicadas entre os anos de 2011 a 2021 sobre a temática que envolve a educação popular com o Tela Firme e suas práticas com as juventudes do bairro. O período escolhido compreende o meu tempo de aproximação com o referido tema e minha entrada no Curso de Mestrado. O catálogo digital de teses e dissertações da Capes é uma das mais importantes ferramentas de pesquisa que produz conhecimento, e por isso, foi a primeira fonte de pesquisa e análise das categorias que dissertaremos brevemente a partir deste momento. Esta base de dados é produzida pela comunidade científica, que tem como característica, construir um banco de dados capaz de produzir conhecimento a partir das análises do levantamento bibliográfico no qual as pesquisas estão inseridas.

O catálogo digital de teses e dissertações da Capes é uma das mais importantes ferramentas de pesquisa que produz conhecimento, e por isso, foi a primeira fonte de pesquisa e análise das categorias que dissertaremos brevemente a partir deste momento. Esta base de dados é produzida pela comunidade científica, que tem como característica, construir um banco de dados capaz de produzir conhecimento a partir das análises do levantamento bibliográfico no qual as pesquisas estão inseridas.

Para tanto, procuramos teses e dissertações com os seguintes descritores: Educação Popular; juventudes; periferias urbanas e mídias alternativas. Assim, encontramos o total de 11.036, após filtro por títulos e resumos das dissertações e teses que trabalham o tema, sob os quais selecionamos os trabalhos a seguir. O período de coleta foi de 2014, ano de criação do coletivo Tela Firme até 2020. A seguir, a partir do mapeamento dessa produção acadêmica acerca da educação popular como centralidade das discussões buscou-se extrair as principais inquietações dos pesquisadores.

**Quadro 01** – Relação de trabalhos sobre a educação popular e juventudes no bairro da Terra Firme.

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Nível/Ano</b>	<b>tituição/Bases de dados</b>
01	Adriana Socorro Campos Lira	COLETIVO TELA FIRME: Comunicação e cidadania na periferia	Dissertação/2018	UFPA/CAPES
02	Camila Quadros	Memória Social e Educação Popular: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme, Belém, Pará	Dissertação /2018	UFPA/CAPES

03	Luciana Gouvêa Cunha	A produção audiovisual do Coletivo Tela Firme no fomento dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da Terra Firme, em Belém (PA)	Dissertação/2018	UNIP/SP/CAPES
04	Jetur Lima de Castro	“PODERIA TER SIDO VOCÊ”: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém	Dissertação/2020	UFPA/2020
05	Alessandra de Almeida Souza	Jovens Estudantes do Ensino Médio e Normas Escolares: entre restrições, transgressões e desafios	Dissertação/2019	UEPA/CAPES

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Catálogo de teses e dissertações da CAPES.

Como constatamos por meio do quadro acima, os estudos e pesquisas acerca do debate da educação popular é construído por inúmeros programas da área da educação, porém existem poucos trabalhos sobre a educação popular no bairro da Terra Firme. A seguir abordamos os trabalhos que mais se aproximam da discussão desta pesquisa, porém ressaltando os limites e diferenças em relação a nossa análise.

Na dissertação da autora Camila Quadros, há uma leitura do Projeto Ponto de memória da Terra Firme como um projeto socioeducacional, que tem como proposta pedagógica a educação popular. A proposta da dissertação está situada numa das maiores periferias de Belém do Pará. Esta iniciativa visa o fortalecimento das memórias de favelas e periferias brasileiras, em especial, a Terra Firme.

Em Lira (2018), em sua dissertação de mestrado apresentada para obtenção de mestrado em educação, intitulada “COLETIVO TELA FIRME: Comunicação e cidadania na periferia”, a mesma aborda categorias como periferias urbanas e o coletivo Tela firme, pontos centrais na nossa discussão. Ao mesmo tempo que a pesquisadora se propõe a investigar como se configuram as práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme na periferia da capital paraense, ela aprofunda a discussão na questão comunicacional, porém trata de outro enfoque relacionado a comunicação, enquanto que o presente trabalho busca pautar a dimensão pedagógica do coletivo ao conceber as práticas de educação popular. Contudo, não podemos deixar de ressaltar as importantes contribuições da pesquisa de Lira (2018), onde afirma que

(...) entende-se que a relevância em trazer as práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme como objeto empírico do presente estudo está embasada em várias justificativas, uma delas é o fato do grupo desenvolver um trabalho com caráter alternativo, de luta e de resistência na periferia. Outra justificativa está centrada na questão da cidadania, pois o movimento busca

representar a comunidade em seu trabalho evidenciando questões locais que envolvem preconceito, conflito, dominação, negação, entre outras formas de exclusão.

Conforme o excerto anterior, se torna evidente uma das afirmações já levantadas em nossa pesquisa, uma vez que é verdadeira a afirmativa da relevância das ações midiáticas desenvolvidas pelo Coletivo Tela Firme no sentido apresentar um olhar de quem faz parte do *locus* de investigação. Como ressalta Freire (2011, p.72) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”. Dessa forma, afirmamos que é a partir do reconhecimento de identidade e de classe que o oprimido pode partir para a desconstrução e luta contra uma imagem imposta pela cultura hegemônica.

A partir da pesquisa de Cunha (2018) “A produção audiovisual do Coletivo Tela Firme no fomento dos vínculos culturais e comunicativos no Bairro da Terra Firme, em Belém (PA)”, a autora se propõe a analisar as potencialidades da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa na formação de vínculos sociais, comunicativos, culturais e simbólicos a partir das ações do Coletivo Tela Firme, no Bairro da Terra Firme, em Belém (PA). Esta pesquisa também tem sua centralidade na comunicação, e não na educação popular, contudo ela contribui sobremaneira por trata-se de uma pesquisa no mesmo *locus* do nosso objeto de pesquisa e por trabalhar de forma secundária com a categoria “popular”.

A autora afirma que os trabalhos do grupo (Tela Firme) também têm uma força intelectual, racional e técnica necessária à articulação política que realizam, ao buscar outras maneiras midiáticas de apresentar o bairro, ao visibilizar, participar e abrir fóruns de discussão a respeito dos problemas e das potências da Terra Firme (CUNHA, 2018).

Por último, Castro (2020), em sua dissertação intitulada “PODERIA TER SIDO VOCÊ”: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no Bairro da Terra Firme, em Belém”, também da área de comunicação, assim como Cunha (2018), teve como objeto de estudo compreender de que maneira moradores do Bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido pelo Coletivo Tela Firme, após a chacina ocorrida na periferia de Belém em 2014 (CASTRO, 2020).

A pesquisa de Castro (2020) se debruça sobre um dos momentos mais marcantes na história da terra firme, que infelizmente foi um momento de tristeza para a sociedade e, em especial, para os moradores do Bairro da Terra Firme, uma vez que mais uma vez a imagem de que a violência, o preconceito contra as juventudes que ali existe acaba por se materializar

numa chacina, em novembro do ano de 2014, poucos meses após a criação do Coletivo de mídia alternativo Tela Firme.

Em todas as situações, moradores acusaram policiais militares dos assassinatos. “Eles entraram aqui na Terra Firme e saíram atirando em pessoas inocentes. O policial foi morto no Guamá e mataram quem não teve nada a ver com o que houve lá”, disse a irmã de uma das vítimas (O LIBERAL, 05 nov., 2014, p. 3 Apud CASTRO, 2020, p.15).

A partir desse contexto, o Coletivo Tela Firme apresenta um vídeo “Poderia ter sido você”, no qual retrata toda violência que os atores sociais do bairro sofrem e ao mesmo tempo pudessem se reconhecer, capaz de se contrapor à maneira como ele foi retratado pela mídia hegemônica local. Em uma perspectiva de auto representação é que trabalha o Coletivo Tela Firme e dentro dessa perspectiva que o autor desenvolve sua pesquisa de mestrado. Apesar da discussão de Castro (2020) se dar na área da Comunicação Social, consideramos de extrema relevância para nossa pesquisa as contribuições sobre o autorretrato da periferia da Terra Firme, por meio do Coletivo, apresentado pelo pesquisador.

Desse modo, as pesquisas destacadas anteriormente são em sua maioria da Comunicação Social, contudo nós pretendemos mostrar todo o trabalho midiático do coletivo com um olhar pautado nas práticas pedagógicas, para uma categoria que não foi ponto central nos trabalhos que tinham como foco o Tela Firme, mas que para nós caminha em consonância com a educação popular. Será um olhar de uma pesquisadora que vivencia as mesmas reflexões das juventudes periféricas do Bairro da Terra Firme, além de uma integrante do referido coletivo.

Apesar da discussão temática sobre a educação popular já ocorrer entre vários níveis de pesquisas, pela relevância do contexto de investigação da nossa pesquisa, se tornou necessário realizar uma revisão de literatura sobre produções escritas que tratam da educação popular, no período de 2009 a 2018, para tanto adota-se como *lócus* de pesquisa a seleção de dissertações e teses no Banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Este estudo apresenta dados de um recorte de uma pesquisa realizada no mestrado acadêmico em Educação da Universidade Federal do Pará, intitulada *Educação Popular na periferia de Belém: A experiência do Coletivo Tela Firme com as juventudes*.

Diante desta perspectiva de educação popular, é preciso compreendê-la como uma construção histórica por meio da ação-reflexão-ação das massas populares. Não sendo concebida como uma teoria que criou a prática, nem a prática como criadora da teoria, mas ambas na vivência

educativa foram determinantes para a concretização de uma prática pedagógica. Essa prática, oriunda no seio popular, nasceu nos movimentos sociais populares e ao longo do tempo ocupou espaços institucionais.

A educação para Freire, segundo afirma Zitkoski (2006, p. 28), “[...] deve ser trabalhada intencionalmente para humanizar o mundo por meio de uma formação cultural e da práxis transformadora de todos os cidadãos sujeitos da sua história [...]”. Sintetizando assim, o entendimento freireano da educação ser praticada de uma maneira libertadora, cultural e política.

Portanto, como é nas periferias onde foram surgindo um aglomerado de pessoas que tinham seus direitos negados e foram estabelecendo-se às margens das grandes cidades que surge a necessidade de pensar grupos e formas de educação que pudessem formar cidadãos críticos ao sistema capitalista e seus desdobramentos que geram desigualdade e injustiça social. Atualmente, as periferias são conceituadas cada vez mais por outros demarcadores de análise que a determinam para além do local espaço-geográfico que ocupam, mas, segundo também, o contexto social, político e econômico em que se encontram. Ritter (2009) afirma que:

As periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores, pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades (RITTER, 2009, p. 22).

Surgindo a necessidade desses espaços agirem como precursores de resistência e luta contra as profundas contradições socioeconômicas decorrentes do seu processo de formação, a periferia enquanto tal se constitui em negação do progresso da emancipação social “prometidos” pela modernidade e pela urbanização.

Sendo assim, o delimitador deste estudo é o bairro da Terra Firme, pois é nela que se agrega pessoas que são excluídas da ordem estabelecida pelo capital, criando um grupo de sujeitos que vivem à margem da sociedade, na qual se encontram desprovidas do acesso à educação, ao saneamento básico, à saúde, ao lazer, à segurança, etc.

Quanto às categorias priorizadas pelos autores, em todos os trabalhos de forma primária ou secundária temos a Educação Popular. Contudo, após uma análise das produções é possível verificar que mesmo não sendo apresentada no título, os autores assumem a educação popular como uma das categorias centrais. As outras categorias encontradas foram:

juventudes, periferias urbanas e Terra Firme. Todas essas categorias, em tese, se alinham ao estudo aqui desenvolvido e nos ajudam a ir além nas análises sobre o protagonismo das juventudes formado nos territórios das periferias brasileiras e a importância que tem a educação popular produzida por essas juventudes.

### **3.A EDUCAÇÃO POPULAR LIBERTADORA, A COMUNICAÇÃO POPULAR E AS JUVENTUDES DAS PERIFÉRIAS URBANAS.**

Esta seção tem por objetivo realizar a discussão política e teórica das categorias utilizadas nessa pesquisa como: educação popular, juventudes, periferias urbanas e mídias alternativas, procurando evidenciar a maneira como elas se articulam no debate com o Coletivo Tela Firme.

#### **3.1 A Educação Popular como instrumento de libertação**

É em meados do século XX, durante a década de 1960, que o termo “educação popular” ganha outra conotação ligada diretamente a premência da participação política das comunidades populares partindo da conscientização, mobilização dos sujeitos das grandes periferias brasileiras, identificada por Freire, como:

(...) o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. [...] É preciso transformar essa organização do poder burguês que aí está, para que se possa fazer escola de outro jeito (FREIRE, 1993, p. 19).

Tornando dessa maneira uma outra linha de pensamento com objetivo de romper com o raciocínio da educação pensada pelas elites para o povo.

Estávamos convencidos, com Mannheim, de que ‘à medida em que os processos de democratização se fazem gerais, se faz também cada vez mais difícil deixar que às massas permaneçam em seu estado de ignorância’. Referindo-se a este estado de ignorância, não apenas, ao analfabetismo, mas à inexperiência de participação e ingerência delas, a serem substituídas pela participação crítica, uma forma de sabedoria. Participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir (FREIRE, 1967, p. 103).

No excerto acima, Paulo Freire (1967), destaca a importância de incentivar a população a ter como base a educação com o objetivo de emancipação e participação das disputas políticas que se encaravam nessa época. Neste sentido, surgiram várias propostas inovadoras no terreno educacional tendo como objetivo, a transformação das estruturas sociais para que o país pudesse avançar em direção às lutas construindo uma contra-hegemonia popular, que desencadeasse à emancipação social, coletiva e individual.

Essas iniciativas governamentais de disseminação do ensino partiram de uma preocupação de carácter quantitativo que visava a ampliação da participação popular nas eleições, tendo em vista que o voto direto estava limitado à população alfabetizada. Isto gerou a necessidade de estabelecer sistemas educacionais, expansão de escolas primárias e movimentos de alfabetização de jovens e adultos por todo o território brasileiro.

Para pensar a educação popular nestes pilares, é necessário pensar o legado de Paulo Freire e sua insistência na construção de uma educação do povo, para o povo, e sobretudo com o povo, que permita uma leitura da realidade na ótica do oprimido. Uma educação que proporcione a conscientização e a libertação do oprimido valorizando a cultura popular.

Para ele, a importância de instaurar a educação popular não se resumia ao carácter de capacitação funcional do povo, que na época a educação que prevaleceu no Brasil colonial teve carácter elitista e declaradamente comprometida com um modelo económico dependente e agroexportador, o que contribuiu para o descaso com a educação dos populares. Freire pensava em uma educação vista numa perspectiva de educação libertadora capaz de equipar as massas populares para lutar contra a imposição da educação bancária e opressora oriundas do sistema capitalista, com ressalta Streck:

O pensamento clássico apontava a educação como estratégia de formação do indivíduo para o livre exercício de sua liberdade, porém não incluía em seu projeto político os interesses do conjunto dos homens e das mulheres, nem problematizava as condições em que se encontravam. Da mesma forma, a autonomia, originalmente referida a uma faculdade humana independente (a vontade), e encontra na educação popular uma dimensão revolucionária, ao ser compreendida como processo de assunção do ser em conjunto com os outros: a autoria da própria existência (STRECK, 2014, p. 57).

Para além disto, Freire defende um “outro jeito de fazer escola” e um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum, que trazem os setores populares em sua prática cotidiana.

A estrutura da educação pensada por Freire está presente na teorização da prática da educação popular partindo de ações elaboradas com base na experiência do povo excluído, a partir do diálogo, assumindo um caráter pedagógico com referência na atividade direta com as classes populares e na defesa de sua necessidade de emancipação social.

“Munir escolas, alunos, professores e comunidade de linguagem crítica e esperança é tarefa que brota da Educação Popular” (GHIGGI, 2010, p. 116) é com esse propósito que Paulo Freire formula a educação popular como um processo de aquisição de conhecimento que possibilite os indivíduos excluídos a adquirir a capacidade de compreender o funcionamento da sociedade na qual estão inseridos, compreender sua localização nesta e promover uma postura criticamente consciente a partir do reconhecimento e da conscientização.

A Educação Popular, dessa forma, é pautada na dialogicidade. A partir das contradições da realidade capitalista vivida por homens e mulheres, o conhecimento é construído e reconstruído à medida do desvelamento do vir a ser na construção do saber realizado no processo de conscientização e na condição de seres históricos e inacabados (MACIEL, 2011, p. 338).

Outro viés diferenciador é que para a educação popular é preciso focar na importância das condições de aprendizagem, analisando-a passo a passo, compreendendo as etapas e sempre com ênfase nos processos e não nos resultados como critério da eficácia. O objetivo central da teoria do conhecimento proposto por Freire deve girar em torno da produção (desenvolvimento) e não meramente como transmissão e absorção de conhecimentos.

Paulo Freire também defende que uma educação como prática da liberdade depende diretamente do contexto político, uma vez que, pautar este modelo de educação requer um ambiente democrático que possibilite o livre debate, que possibilite a instalação de instituições que tenham como objetivo diminuir a desigualdade oriunda da relação opressor-oprimido. A libertação dos oprimidos não acontece sozinha, ele ocorre a medida que todos se libertam em comunhão (FREIRE, 1987).

Portanto, a educação popular pensada nesses moldes deve ser entendida como direito humano, direito de emancipar-se, combinando trabalho intelectual com trabalho manual, reflexão e ação, teoria e prática, conscientização e transformação, a organização, o trabalho e a renda (economia popular solidária). Assim, tem-se formado diante da problemática teórica que trata de codificar e decodificar os temas geradores das lutas populares, buscando colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos coerentes com essas pautas e lutas. Busca minimizar o impacto da crise social na pobreza, e proporcionar autonomia aos

sujeitos para manifestar a sua indignação enquanto ser oprimido, sendo indígena, camponês, mulher, negro, analfabeto e trabalhador assalariado industrial.

A quantidade de contribuição provinda da educação popular, hoje se faz presente pelo mundo, como orientador teórico, estando em um plano diferente da educação tradicional, bancária, e a educação como finalidade meramente funcional, mostrando que a intervenção é concreta na *práxis* pedagógica. A educação popular atualmente é formada por várias teorias que provieram da mesma fonte (Paulo Freire) e que hoje formam um mosaico de teorias e práticas. Entretanto, mesmo que percorram caminhos diferentes, elas possuem o mesmo objetivo: o compromisso com a população da classe proletária, com as mulheres, com a comunidade LGBTQI+, com a população negra e com as pessoas com deficiências, ou seja, com a emancipação humana.

Nessa perspectiva, a educação popular tem como característica esta epistemologia que se baseia no respeito e reconhecimento do senso comum que trazem consigo saberes de práticas cotidianas, problematizando-o, como parte de um processo de descoberta de teorias baseadas na prática popular, fazendo desses saberes práticas de cunho científico, unitário, cada vez mais estimulando o raciocínio (GADOTTI, 2015).

Neste processo, a educação escolar e a que acontece nos espaços sociais por vezes constituem fronteiras muito rígidas, uma vez que esses saberes monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam os processos educativos que acontecem no contexto “extra-escolar”, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem as experiências educativas que ocorrem fora da escola como uma característica fundamental da educação.

A educação no núcleo familiar deve ser compreendida como o ponto de partida do início do processo de aprendizagem dos indivíduos através da socialização de saberes e conhecimentos através das mais diversas práticas educativas. Pode-se caracterizar a família como a primeira base de ensino e troca de conhecimentos. Essa educação é vivenciada por meio de ensinamentos que possuem influências diretas com os valores e saberes de cada lugar. Esses saberes fazem parte de cada elemento que são instigados pelo meio social, político e econômico, em que cada um vive.

A educação ofertada, em princípio pela escola, é compreendida como um elemento que resume na transmissão de conhecimentos que provêm do modelo tradicional da aprendizagem. Por vez, Freire nos ensina que a educação pensada nesse moldes de depósito de conteúdo é classificada como Educação Bancária que possui várias características, dentre elas, esse caráter narrador e dissertador, ou seja, “A tônica da educação é preponderantemente

esta – narrar, sempre narrar” (FREIRE, 1987, p. 33).

O fator da educação bancária ser desenvolvida através desse ato narrativo é característico de professores e professoras que possuem uma didática meramente descritiva dos conteúdos que devem ser absorvidos pelos estudantes, que, como ouvintes, devem guardar essas informações e assim preencher o vazio intelectual. Assim diz Freire (1987):

Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987, p.33).

Dessa forma, a educação bancária é amplamente concebida e identificada pela sociedade como a ação de depositar conhecimentos em seres humanos vazios, necessitados dessa prática, para assim preencher o seu interior com as informações que são necessárias para a sua existência em sociedade.

Como consequência desse modelo educacional “bancário”, os educandos e educandas condicionam-se e limitam-se a memorizar as informações transmitidas, guardá-las e arquivá-las como grandes colecionadores de conhecimento. Não há a autonomia para produção deste conhecimento, apenas há espaço para as repetições, fazendo dessa forma, um educando e uma educanda que simplesmente memoriza, repete e, treinados para determinadas avaliações que apenas reproduzem uma tendência de lógica bancária.

Neste sentido, não existe espaço para refletir profundamente e criticamente sobre tais temáticas ou o ato em si de criar novos conceitos e objetos. O papel dos professores é limitado, denominado por Freire (1987) como situação alienante.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p.34).

A teoria freireana compreende este modelo de educação como algo que impossibilita o conhecimento como procedimento de busca oriundo da autonomia do sujeito. Afirma que ao considerar os educandos como pessoas que precisam absorver doações conteudistas, advém à noção de que precisam ser ajustados ao meio social.

Portanto, a consequência desse modelo bancário resulta em não trabalhar a criticidade dos educandos e educandas, tendo como efeito o favorecimento às ações dos opressores, que

trabalham para manter este modelo como vigente pois “quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos” (FREIRE, 1987, p.34), por conseguinte, não questionam a realidade em que estão inseridos.

É importante ressaltar que segundo a teoria freireana, é necessário romper com o papel do educador apenas como narrador e depositário de conhecimentos, por tanto é preciso estabelecer uma outra conduta. Para Freire, o educador deve promover a mediação entre a leitura e interpretação da realidade incorporadas na produção do conhecimento.

A segunda mudança proposta é na fundamentação desta educação que, ao invés de buscar adaptar os homens a viver em sociedade, visa a libertação dos homens para transformar a sociedade em que vivem. Esta educação não deve reproduzir e nem utilizar os métodos da educação “bancária”, ela deve propor novas formas de socializar os conhecimentos sempre visando a libertação autêntica que consiste em um processo de humanização, através da ação e reflexão sobre o mundo para assim, transformá-lo.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes (FREIRE, 1987, p. 38).

Portanto, pode-se afirmar que Paulo Freire debruça-se sobre o tema e apresenta um conceito de educação para além da narração de conhecimentos, com uma fundamentação diferente, objetivos diferentes e sujeitos diferentes da educação bancária. Ele se dedicou a formular uma educação que pudesse possibilitar aos indivíduos uma conscientização que, para além de entender, compreende o mundo em que se insere e sentindo-se parte dele, propõem-se a transformá-lo. Por isso, esta proposta é apresentada como *educação libertadora*, pois ela pretende libertar a sociedade da mistificação do mundo pintado pela educação bancária.

A partir dessa noção ocorre a contribuição para se implementar projetos educacionais mais específicos que, pautados nesta estrutura apresentada, visam a libertação de sujeitos por meio da educação libertária, evidenciando sua função social pautada neste molde.

Em Lima (2013), a educação assume esta tarefa social de despertar no ser humano a consciência de si e do outro no mundo, contribuindo, de forma relevante, para o seu crescimento formativo e informativo, favorecendo o seu exercício ativo em todos os processos de sua história.

Conseqüentemente, a educação libertária, cuja finalidade maior é a de elevar o ser humano à categoria de sujeito de sua própria história em construção, mediatizada pela compreensão, interpretação e crítica da realidade, pode desfazer as caracterizações reducionistas dessa realidade histórica vivida, levando em consideração as relações que dela provém e que possui essencialmente um caráter multidimensional.

Uma educação que proporcione a conscientização e a libertação do oprimido na valorização de uma determinada cultura que seja de caráter popular. Nesse sentido, Freire faz a crítica e propõe uma educação que percorre por eixos técnicos e também científicos para que se construa uma educação de outra maneira. A educação popular se faz presente no cotidiano de diversos comunicadores populares, jovens, professores e professoras que constroem alternativas de desenvolver o conhecimento científico e também de desenvolver uma educação para além dos muros das escolas.

Nos dias atuais, a implementação da educação libertária e popular visando a sua finalidade social, emancipar os sujeitos, deve ser direcionada ao local onde se faz presente o seu público e onde acentuam-se as conseqüências da relação opressora oriunda do sistema capitalista. Estes sujeitos e marcadores sociais estão presentes nas grandes áreas periféricas, aqui tratadas especificamente como periferias urbanas.

### 3.2 Comunicação popular, educação popular e as juventudes periférica

**Figura 1: Terra Firme a partir do Google Maps**



Fonte: Mapa elaborado por Gusmão (2017) e organizado por Lira (2017).

Belém é a quarta cidade que mais viola leis, normas, direitos da pessoa humana na mídia brasileira, de acordo com o terceiro volume da Pesquisa “Programa de monitoramento de violações de direitos na mídia brasileira” (VARJÃO, 2016), apoiada pela Rede Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), em parceria com o Coletivo Intervezes e o Ministério Público Federal. O estudo lançado, em maio de 2016, nos revela que em apenas 30 dias, reportagens de rádio e TV promoveram 4.500 violações de direitos, cometeram 15.761 infrações a leis brasileiras e multilaterais. Esse recorte da realidade social brasileira toma proporções gravíssimas quando o cenário de causas e efeitos se transporta para áreas de periferias das grandes metrópoles. Em Belém do Pará, o Bairro da Terra Firme é um dos mais marcados pelo estigma da violência.

As periferias urbanas possuem um histórico de ocupação que partem do período de transformação social dos espaços, a partir das áreas rurais. De acordo com Corrêa (2019, p.1), as periferias urbanas possuem características, tais como: “a) áreas que se acham urbanizadas e nos limites do espaço urbano contínuo; b) áreas onde a urbanização ainda é incipiente, coexistindo com áreas de agricultura, ora intensiva, ora extensiva, ou então marcada por uma forte esterilização”, caracterizando assim as chamadas periferias rurais-urbanas.

Com o tempo e a chamada urbanização do processo capitalista, originou-se os chamados subúrbios integrados ao espaço urbano, posteriormente denominados de periferias urbanas. Desse modo, elas possuem características advindas do processo histórico de cada época, e também seu papel social de acordo com as especificidades de cada local.

As periferias urbanas têm se tornado instrumentos de práticas territoriais das classes dominantes. São instrumentos e práticas que tem como objetivo utilizar para os devidos fins de caráter capitalista: acumulação de capital, através da incorporação e produção imobiliária, seja através da mão de obra, seja através da extração de terrenos baratos para a construção e efetivação de indústrias e diversos serviços propostos por este caráter capitalista. Além disso, e não menos importante, tem como consequência o controle social com base na reprodução de segregação das diversas classes sociais inseridas no espaço.

Nas periferias urbanas surgem a partir de iniciativas de movimentos sociais ações que visam o fortalecimento da cultura popular na comunidade local como grupos de hip hop, equipes de tecnobrega, grupos de teatro e dança, grupos de blocos carnavalescos, cineclubes, cursinhos populares, entre outros, que retratam a realidade em que estão inseridos e que transmitem a resistência de uma população que não tem amparo do poder público. O fortalecimento dessas iniciativas gera à população periférica uma identidade que proporciona

ao indivíduo a construção do conhecimento como protagonistas e não como seres que precisam ser adaptados a uma cultura dominante.

Para além do carácter cultural, é nos seios da periferia que surgem iniciativas que visam a contra hegemonia posta nas grandes mesas de debate das universidades. Iniciativas como o Coletivo Tela Firme que, localizado em uma das grandes periferias de Belém, a Terra Firme, busca democratizar o acesso às informações que retratam a vida da comunidade local no qual visam mostrar a realidade de um bairro no qual o acesso à educação de qualidade é negado, a segurança pública é utilizada como ferramenta de criminalização e extermínio da população jovem e negra, a saúde é utilizada como instrumento mercadológico e não preventivo, e a falta de saneamento básico coloca as famílias em situação sub-humana e degradante.

Localizada às margens do Rio Tucunduba, o Bairro da Terra Firme possui cerca de 90 mil pessoas, numa área de ocupação urbana que cresceu de forma acelerada e hoje apresenta imensos desafios devido ao descaso do poder público.

O Bairro da Terra Firme é desde a década de 1940 um lugar fértil de lutas e batalhas pelo acesso à moradia que desencadearam lutas internas e externas para que pudéssemos viver neste lugar, pois a área pertencia ao Governo Federal em conjunto com as universidades federais como a Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). O Bairro é composto por inúmeras comunidades como as ribeirinhas, quilombolas, maranhenses e cearenses. Sua população é representada, majoritariamente, por pessoas negras.

Em uma pesquisa relacionada ao índice de desenvolvimento humano (IDH) divulgada pelo compilado das Organizações das Nações Unidas (ONU) no ano de 2018 e organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil passou a ocupar o 79º lugar entre os 189 países no ranking do índice de desenvolvimento humano que é medido em escala de 0 a 1, tendo o Brasil nesse cenário com o IDH totalizando 0,761 no que diz respeito à renda e vulnerabilidade social.

Este índice representa e reflete a falta de compromisso com o projeto de sociedade que deve ser exercido e executado pelo governo federal, que tem como responsabilidade promover, estimular e fomentar o acesso da população brasileira às políticas públicas direcionados ao bem estar, à qualidade de vida de cada brasileiro e brasileira, em especial, a todas as periferias urbanas que carecem de diversos serviços de carácter social, público e gratuito.

Sabe-se que uma das estratégias de educação popular é a comunicação popular que se reproduz e se dissemina por diversos meios, criando assim, uma espécie de rede que se efetiva tanto pelos meios comunicacionais como celulares, *smartphones*, *iphones*, aparelhos com acesso à internet, notebooks, computadores, etc. como para estabelecer um diálogo acessível e simples a todos os moradores desses territórios.

Essa comunicação popular pode ser caracterizada em diversos grupos e coletivos de juventudes, de igrejas, entre outros, que possuem como suas características próprias e similares, a troca de conhecimento de maneira que proteja e agregue os saberes populares juntamente com os conhecimentos denominados científicos. Essa construção está relacionada diretamente com as comunidades populares, em especial as periferias da cidade de Belém.

A despeito de todas as mazelas sociais que o atingem, o Bairro da Terra Firme tem sido um terreno fértil para o protagonismo social de diversos coletivos que se articulam dentro da própria comunidade. É nesta ocasião de luta e permanência das moradias, que surgem vários movimentos populares articulados com as associações locais como o Centro Comunitário Bom Jesus, criado no ano de 1976 e situado na região norte do Bairro, no qual foi uma das primeiras organizações populares na luta pela moradia, assim como outras associações como a Associação Gabriel Pimenta, situada na região sul do Bairro.

Além destes espaços de articulação coletiva, existem diversos movimentos que foram criados a partir desta narrativa na busca pela autonomia, pelo direito à cidade, pela luta das moradias contra as instituições federais, pelo acesso ao conhecimento audiovisual, cultural e político, são coletivos como: o Coletivo de mídia alternativa Tela Firme, o Ame o Tucunduba, o Movimentos dos Atingidos e Prejudicados do Tucunduba, a Liga, a Associação de Amigos do Lago Verde, a Comissão de Acompanhamento da Obra do Tucunduba, o Cine Club TF, o Cursinho Popular TF Livre, os terreiros das comunidades tradicionais como o Rundembo Ngunzo Wá Bamburusema, também conhecido como Instituto Bamburusema de Cultura Afro Amazônica (IBAMCA), Movimento de Bandeirantes da igreja católica, o movimento cultural Boi Marronzinho, o Movimento de Audiovisual por Mulheres Negras e Amazônidas “ÊÊ Manas”, o Ponto de Memória da Terra Firme, a Capoeira de Angola “Eu sou Angoleiro” – Contramestre Edimar, grupos de quadrilhas juninas como a Rosa Vermelha, grupos de carnaval, times de futebol, Teatro Ribalta, Aparelhagens como Marcelo Som Bibliotecas comunitárias, Alcoólicos Anônimos, entre outros diversos grupos que fazem parte da multiplicidade de ideias e criatividade que são elementos pertencentes a comunidade do bairro e a história do território a partir dessas narrativas presentes na cultura local. Tais movimentos representam a luta e a resistência, que são desenvolvidas a partir dessa

comunicação que possui diversos nomes como comunicação popular, alternativa e comunitária, e que tem como objetivo servir de movimento de base para autonomia comunicacional dos povos das periferias, como afirmado pelo autor Peruzzo (2013):

Entende-se a comunicação comunitária como aquela desenvolvida de forma democrática por grupos populares em comunidades, bairros, espaços *online* etc., segundo seus interesses, necessidades e capacidades. É feita pela e para a comunidade (PERUZZO, 2008, p.2).

Portanto, se funda na participação ativa dos membros em todo o processo de praticar comunicação (PERUZZO, 2013, p. 173).

A comunicação popular apresenta em sua forma mais didática a tentativa de se comunicar a partir do diálogo com o próprio povo em questão. Ela pode ser desenvolvida por meio de redes sociais como o *Whatsapp*, o *Instagram*, o *Facebook*, por meio de textos, vídeos e fotos, que são ferramentas que facilitam o acesso às informações para quem está inserido nesse contexto tecnológico. Além disso, outras ferramentas são utilizadas para democratizar as informações como *bike* som, jornais, folhetos para a população pelas ruas. A produção desses conhecimentos faz, por exemplo, os coletivos de mídias alternativas produzirem conteúdos excelentes para tratar sobre variados assuntos que envolvem a população.

Partindo do pressuposto que conhecimento é poder, entendemos que a educação popular, as mídias alternativas e as diversas juventudes alinhadas em práticas educativas que tem como objetivo a democratização das informações, possuem poderes e destaques em todos os lugares pois são ferramentas e pessoas que constroem as lutas nos diversos movimentos sociais. Como pode ser observado no excerto abaixo:

Trata-se de uma comunicação cuja origem remonta à ação dos movimentos sociais populares típicos do fim dos anos 1970 e que perpassam as décadas seguintes no Brasil, sendo, portanto, características do processo de reação ao controle político, às condições degradantes de vida e ao desrespeito aos direitos humanos que foram se instaurando no país ao longo do tempo, sem menosprezar o fato de que nas primeiras décadas do século passado também existiram jornais e outros meios de comunicação alternativa a serviço dos interesses dos trabalhadores (PERUZZO, 2013, p. 174).

O ato de comunicar possui a possibilidade de ter sínteses, contradições, divergências a partir dos diálogos fomentados pelos debates. É importante compreender que temos direito de escrever, de produzir conhecimento de nós por nós mesmos e esse é o papel fundamental para que as pessoas possam se reconhecer e se identificar enquanto sujeitos daquele mesmo território, em específico, o território desta pesquisa, o Bairro da Terra Firme. O direito à

informação e o direito de comunicar deve ser uma realidade para todos, todas e todes, como é ressaltado no trecho:

O direito de comunicar a partir do ângulo do direito ao acesso à informação ou como direito à liberdade de opinião e de expressão. Mas, seu espectro na atualidade é mais amplo. Passa também pelo direito a conteúdos midiáticos de boa qualidade, pelo respeito e proteção às diferenças sociais de pessoas ou segmentos populacionais (não discriminação, sem estereótipos da imagem), direito à privacidade, acesso aos direitos culturais acessíveis através das tecnologias de comunicação e informação (partilha do conhecimento científico e artístico etc.), direito à diversidade comunicativa, direito à democracia dos meios de comunicação (infra-estrutura, espectros e habilidades), enfim direito ao poder de comunicar. Portanto, a concepção de direito humano à comunicação se renova, principalmente, por enfatizar a dimensão do acesso ao poder de comunicar, pois, implica do empoderamento das tecnologias e demais condições necessárias à sua concretização (PERUZZO, 2013, p. 168).

Iniciativas como a educação popular são frutos materializados na realidade da teoria que Freire construiu e que direcionou a educação como uma ferramenta não de caráter funcional e formal, mas que possibilitou a criação de instituições que visam emancipar os seres humanos por meio da conscientização, descriminalização e valorização dos saberes populares tão importantes para construção de um conhecimento que representa as massas populares e faça com que estes saberes tenham uma raiz e uma função na sociedade. Diante disso, o Tela Firme compreende a importância de se trabalhar com as diversas juventudes que estão à frente de lutas contra as opressões, os descasos e construindo diversos coletivos que visam o acesso à comunicação de forma não-violenta.

É nas periferias urbanas que estão as diversas juventudes que hoje resistem e tentam sobreviver a todo esse retrocesso que vivenciamos. Segundo o Atlas da Violência (2019), os índices de violência representam a juventude como vítimas de inúmeras violações de direitos como homicídios, feminicídios, assassinatos e crimes passionais. No ano de 2017, 35.783 jovens foram assassinados representando o maior número da história, dentro dessa estatística, 618 mil pessoas foram vítimas de homicídio, dessas vítimas 92% são homens, 75,5% eram negros. 74,6% dos homens e 66,8% das mulheres assassinadas. Em relação ao grau de escolaridade, os dados demonstram que as vítimas possuíam até sete anos de estudo. 76,9% dos homicídios de homens e 53,8% das mortes de mulheres foram por arma de fogo. Além disso, a região norte concentra a maioria dos estados brasileiros que apresentam os mais alarmantes resultados na pesquisa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Entre os diversos problemas estruturais que compõem esse mapa da exclusão social está a educação.

A situação fica cada vez mais alarmante quando nos deparamos com os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2018, no qual demonstra a evasão escolar com uma taxa de 11,8% de jovens em situação de hipossuficiência financeira que abandonam suas escolas sem concluir o ensino médio neste ano. Ou seja, o total de jovens que passaram por esta situação é estimado em 737 mil pessoas.

Situação que se torna cada vez pior quando falamos de nossa região amazônica, na qual a evasão dos nossos jovens e adolescentes atinge 9,2% no Norte e Nordeste, enquanto que nas demais regiões do país essa porcentagem não ultrapassa os 8%, enquanto que o Sudeste atinge a taxa de 6%. Além disso, os jovens menos assistidos pelas escolas possuem cor e raça e em sua grande maioria são pessoas pretas e pardas (8,4%).

Este cenário se faz presente na vida de milhares de jovens e adolescentes que moram em bairros periféricos e que possuem condições precárias de qualidade de vida, como a falta de saneamento básico, infraestrutura e/ou condições mínimas de higiene.

A desigualdade social também é presente no ensino superior entre jovens de 18 a 24 anos, no qual os jovens de baixa renda são 7,4% do total de jovens que estão no ensino superior. Quanto a desigualdade racial, os índices sinalizam que os jovens brancos correspondem a 36,1% das vagas no ensino superior, e os jovens pretos ou pardos representam apenas 18,3%. Estes dados representam a falta de equidade de cor e raça no território brasileiro, em especial, relacionado ao acesso educacional, que certamente pode ocasionar problemas de desempenhos que estão relacionados com questões socioeconômicas, falta de políticas públicas eficazes que não estão afetando diretamente a população que mais necessita.

É necessário também salientarmos que os professores e professoras do Norte possuem um dos salários mais baixos referentes a todo território brasileiro, segundo o relatório *Education at a Glance* (2017), ou seja, nós da Região Amazônica possuímos os piores salários da educação básica referente a todos os demais países que pertencem à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Neste sentido, é importante salientarmos o quanto a categoria que trabalha na área educacional é desvalorizada assim como na vizinha região Nordeste.

Quanto ao debate das juventudes brasileiras, o termo juventudes possui diversas vertentes de significados que fazem parte dos múltiplos olhares que envolvem o contexto acadêmico e também, popular. Segundo o Estatuto da Juventude (Lei 12.852 de 05 de Agosto de 2013), são consideradas jovens as pessoas na faixa etária de 15 (quinze) a 29 (vinte e nove) anos de idade. Os jovens segundo o estatuto possuem direito à cidadania, à participação social

e política; à educação pública e de qualidade, à profissionalização, ao trabalho e à renda; à diversidade e à igualdade; à saúde; à cultura; à comunicação e a liberdade de expressão; ao território e a mobilidade; a sustentabilidade e ao meio ambiente; à segurança pública e ao acesso à justiça.

Tais direitos são embasados nos princípios que regem a lei como: A promoção da autonomia e emancipação dos jovens, a valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações, a promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do país, o reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares, a promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem, o respeito à identidade, à diversidade individual e coletiva da juventude, a promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação, a valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações.

Dentre os estudos feitos com a categoria juventudes, pode-se observar que há uma variedade de ideias que visam dialogar sobre como pode ser caracterizado como Juventude/Jovem. A palavra “Juventudes” no sentido plural, nesta pesquisa, exerce a função de compreender as múltiplas juventudes que existem e coexistem nos mais diversos territórios, em especial, na Amazônia.

Destarte, é importante ressaltar que o objetivo dessa pesquisa, em especial, tem como foco as juventudes periféricas amazônidas, que são o público direcionado ao qual o Coletivo Tela Firme desenvolve suas ações. Entendemos que há uma pluralidade de juventudes que carregam as vivências e experiências, considerando o seu território que aglutina identidades locais, saberes locais que constitui o ser social, como resalta os autores Abramovay; Esteves (2007, p. 23):

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Dessa forma, vale ressaltar que as construções sociais que formam esse jovem como ser social pode apresentar variadas identidades juvenis em um mesmo território, como no Bairro da Terra Firme. São jovens que possuem, em sua maioria, problemas sociais em

comum como a falta do mínimo para se viver bem, como infraestrutura, saneamento básico, precarização do acesso à moradia, acesso à educação com qualidade, entre outros, que são condições mínimas para o bem-estar social e que estão previstas em leis federais.

A juventude historicamente é considerada como um momento em que tudo pode ser feito, pois não existe a devida responsabilidade, enquadrando os jovens em um padrão de libertinagem e irresponsabilidade compreendida como normal. Porém, para além dessa visão popular, as pessoas veem os jovens como pessoas que são mais propensas às organizações pelas lutas sociais e políticas, pois historicamente foram as juventudes e ativistas sociais que lutaram contra a ditadura militar.

De maneira dualista e maniqueísta. Se, de uma parte, são considerados como o futuro das nações, os responsáveis pelo advenir, de outra são acusados de pensar e agir de modo irresponsável no presente. Dessa forma, ainda que a eles seja conferida a esperança e imputada a responsabilidade por um mundo melhor, ao mesmo tempo são obrigados a conviver com o medo e a desconfiança que a sociedade neles deposita, situação que se agrava ainda mais na medida em que também são concebidos como aqueles que, via de regra, não produzem, dependendo economicamente das populações mais velhas (ABRAMOVAY; GIL, 2007, p. 26).

Segundo a UNESCO (2007, p. 28), as juventudes representam a transição da fase infantil para adulta como pode ser observado nesse excerto:

As diferentes juventudes não são, tão somente, estados de espírito. São, isso sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações. Por essa linha, pode ser entendida como um “rito de passagem” entre o ser criança e o tornar-se adulto (BRASLAVSKY, 1986), quando, segundo bem define Bourdieu (1983), vivencia-se uma “irresponsabilidade provisória”.

Dessa forma, podemos inferir que essa etapa da vida é marcada por experiências e vivências que são praticadas em seu meio social no qual é influenciado diretamente por esse território que vive. No Bairro da Terra Firme, as juventudes do bairro são refletidas no seio da luta, resistência, cultura popular e organizações políticas e populares que articulam as demandas e exercem a árdua tarefa de resistir em meio ao descaso nas periferias urbanas. Como pode ser visualizada nas considerações feitas pelo Observatório da Juventude:

A juventude se relaciona com o lugar, o bairro, a comunidade onde vive. A rua e a comunidade em que habitamos, seja na área urbana ou rural, dizem muito a respeito de nossas vidas e também sobre o modo como nos relacionamos com os outros e com as coisas ao nosso redor. Longe de serem meros cenários onde as coisas acontecem, esses locais de morada e

convivência condicionam e, ao mesmo tempo, são condicionados por práticas sociais, econômicas e histórico-culturais, constituindo-se, assim, em territórios que marcam e são marcados pela população que neles reside e convive (OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2014, p. 8).

Nesse sentido, a juventude atualmente tem sido atingida por diversos marcadores sociais e uma delas é ser inserida cada vez mais cedo no mundo do trabalho, considerando economicamente que estamos vivenciando um contexto pandêmico, essa situação fica pior em diversos aspectos, e a sobrevivência tem sido manter e garantir recursos financeiros para a alimentação. Essa situação prevalece nas camadas populares e são esbarradas nos direitos que deveriam ser garantidos aos jovens, porém a luta pela autonomia financeira é uma realidade cada vez mais latente nas periferias urbanas, como pode ser observado em Martins e Carrano (2011, p. 8) onde reconhecem

que os espaços da juventude são transformados em territórios culturalmente expressivos, onde as identidades são elaboradas. Nesses territórios delineiam-se espaços de autonomia que os jovens buscam conquistar, entre eles, o espaço da autonomia financeira por meio da inserção no mundo do trabalho.

Para tanto, percebemos que os jovens estão entrando no mundo do trabalho cada vez mais cedo, com intuito de ajudar a família, seja por meio dos empregos formais ou informais e estágios remunerados, que por diversas vezes não geram sequer direitos que as juventudes hoje se baseiam para sua autonomia financeira. Assim, o mundo do trabalho não é uma opção para a juventude e sim uma responsabilidade encarada desde o princípio, como ressaltam os autores a seguir:

Para alguns jovens, o mundo do trabalho não lhes dá a opção de escolha e o trabalho é encarado como uma obrigação necessária. E a situação se agrava quando o estudo é deixado de lado. Por outro lado, há os jovens que vivem na inércia, protelando seus projetos de vida e postergando a entrada no mundo do trabalho. Há ainda os jovens que conseguem fazer suas escolhas profissionais, mas que acabam caindo no dilema da dúvida e da incerteza, afinal é cedo para escolher. É uma decisão precoce que irá permear os projetos de vida, a fase adulta, enfim, o decorrer de sua existência (DAYRELL apud EMERIM; FAÉ; VIEIRA, 2013, p. 9).

Como observamos acima, as juventudes são constituídas de acordo com seu contexto social, em se tratando de território, essa diferença fica cada vez mais explícita. Podemos identificar limites e possibilidades das juventudes urbanas, assim como as limitações e possibilidades das juventudes rurais. Essa diferença afeta diretamente os direitos postos nas leis e nos estatutos das juventudes assim como os problemas sociais, como exemplo a falta de oportunidades nas grandes cidades e, principalmente para quem mora em lugares rurais, como

observam Emerim; Fae: Vieira (2021, p. 10):

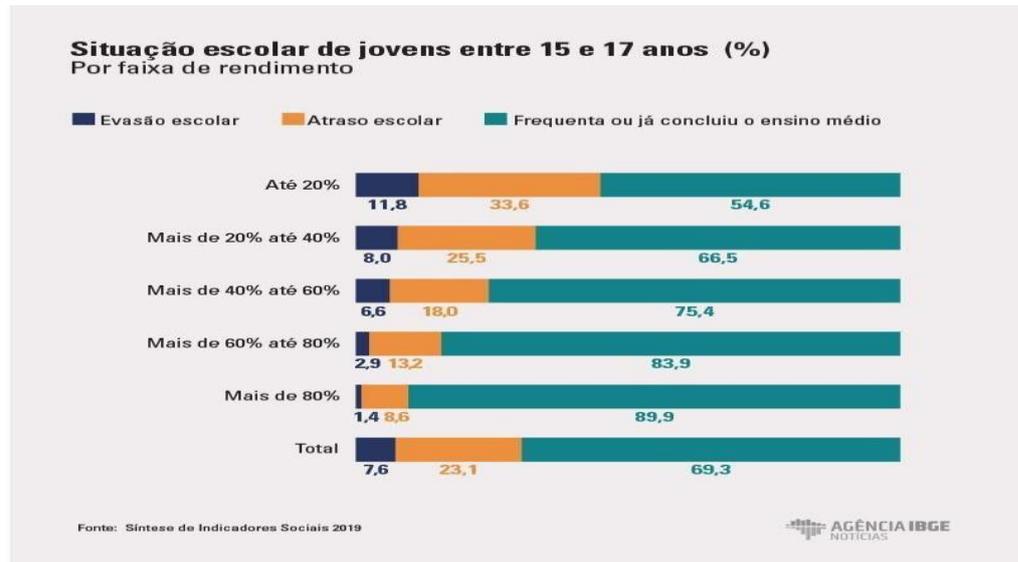
Diferenças no mundo do trabalho entre os jovens também aparecem quando comparados os meios rural e urbano. O estudo de Furlani e Bomfim (2010) aponta que os jovens do meio rural tendem a começar a trabalhar mais cedo que os jovens do meio urbano, no entanto, revelam tratar-se de trabalho informal e não assalariado ou com direitos trabalhistas assegurados. Outro dado importante é que os jovens do meio rural sentem falta de oportunidades e opções de escolha de emprego, o que os leva a pensarem em sair do campo.

Problemas existentes em diversos contextos que afetam o desenvolvimento das juventudes, e quando se refere aos jovens das cidades, os problemas sociais são diversos, porém problemas das suas realidades cotidianas como, por exemplo, o trânsito e, em consequência, a diminuição da qualidade de vida, como observado:

A sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que proporciona oportunidades para os jovens se fazerem vistos e ouvidos, também falta em estrutura e políticas públicas efetivas. As juventudes das cidades grandes, das metrópoles, enfrentam problemas de mobilidade em suas tentativas de inserção social: o trânsito; o tempo de deslocamento; as diferenças sociais entre os bairros urbanos, e também entre os meios rural e urbano. Quem vive no interior sofre com a falta de opções de lazer, estudo, trabalho e cultura. O sonho de uma vida melhor e a resposta àquela velha pergunta “o que você quer da vida?” Precisam superar essas barreiras para serem efetivados (EMERIM; FAÉ; VIEIRA, 2021, p. 7).

A desigualdade social é evidenciada em diversos contextos, dentro eles, no sistema educacional. Segundo os dados da Síntese dos Indicadores do IBGE (ano 2019), demonstrou-se que 7,6% dos jovens, de 15 a 17 anos, evadiram das unidades educativas, 23,1% apresentam atraso escolar e 69,3% ou frequenta ou já concluiu o ensino médio, conforme Tabela 1 abaixo:

TABELA 1:



Destarte, entende-se que a evasão escolar é uma realidade em todos os contextos e possui diversas causas que podem advir da falta de políticas públicas e acompanhamento dos órgãos responsáveis pela manutenção, controle e promoção do bem-estar social. Além disso, a cultura é um dos elementos fundamentais no processo de aprendizagem dos jovens, segundo os autores Martins e Carrano (2011):

[...] processos sociais e culturais contemporâneos produtores das denominadas culturas juvenis [...] chamam a atenção para o necessário reconhecimento desses processos pela escola. Os grupos culturais juvenis são decisivos na socialização dos jovens que frequentam a escola de Ensino Médio que, além de alunos, são, também, sujeitos de outros espaços e tempos culturais da cidade (fulano apud MARTINS; CARRANO, 2011, p. 43).

Assim sendo, a cultura se constitui como elemento importante no desenvolvimento e envolvimento dos jovens com a arte, promovendo em sua sua totalidade a formação humana omnilateral, tornando-os sujeitos que lêem o mundo a partir das suas experiências. Esses elementos que perpassam pelos processos sociais, políticos, educacionais dos jovens potencializam o processo de desenvolvimento de sujeitos que para além de alcançarem objetivos educacionais, conseguem ler o mundo a partir de suas próprias realidades de forma crítica e em sua totalidade, como ressalta Dayrell (2003) quando diz que se esse desenvolvimento de sujeitos não estiver acompanhada de uma rede de sustentação mais ampla com

políticas públicas que garantam espaços e tempos onde esses jovens possam se colocar como protagonistas de sua histórias, de fato não haverá uma formação integral como sujeitos e cidadãos.

Tendo em vista estes dados apresentados na pesquisa, acredita-se que é necessário e emergente a criação e reconhecimento de coletivos comunicacionais de bairros, na busca pela construção de uma outra narrativa midiática, uma narrativa que proteja nossos corpos, garanta nossos direitos fundamentais e propague a realidade das periferias através do olhar protagonista das juventudes que vivem à margem da padronização, alimentando o potencial de apresentar outras narrativas diferentes daquelas que atacam e violentam simbolicamente a pessoa humana.

A partir deste contexto, podemos inferir a necessidade da educação libertadora nesses espaços, uma vez que é neles que se evidencia as profundas consequências originadas pelas relações que o sistema vigente impõe. A perspectiva freireana baseada numa lógica que visa o indivíduo como sujeito de sua própria realidade, ou melhor, seja protagonista do seu processo de socialização de conhecimentos, abre espaço para que os indivíduos que vivem nestes territórios possam tomar a frente da produção do seu conhecimento, haja vista que é nesse perímetro em que o acesso à educação formal é precário e a iniciativa de educação popular é muitas das vezes marginalizadas.

Reafirmam a teoria freireana que trata como o princípio de que cada sujeito possui conhecimentos não menos importantes do que o outro. Utilizada em uma relação dialógica entre educador-educando por via formal e fomentando a construção informal como forma de organização educacional horizontalizada. Iniciativas como estas estão presentes em todo o território brasileiro, são originadas por iniciativa popular, que empoderadas pelas contribuições de Freire puderam efetivar a teoria em sua prática existencial.

#### 4 PELO OLHAR DE QUEM FAZ O COLETIVO ACONTECER: O Coletivo de mídia alternativa Tela Firme

Nesta quarta seção temos por objetivo analisar os caminhos por onde o Coletivo de mídia alternativa Tela Firme percorreu e quais as principais atividades que, de modo direto, fortaleceram o movimento social e como essas ações influenciam na vida daqueles que constroem o movimento.

**Imagem 2:** Foto de alguns membros do coletivo Tela com Padre Bruno Sechi<sup>1</sup>.



Fonte: Acervo pessoal do Coletivo Tela Firme/2015

---

<sup>1</sup> Padre Bruno Sechi faleceu no dia 29 de maio de 2020 vítima das complicações da covid - 19.

**Imagem 3 – Homenagem ao nosso grande amigo em memória, Padre Bruno Sechi.**



Fonte: Coletivo Tela Firme/2020

Antes de falar sobre o Coletivo Tela Firme, precisamos falar sobre nossas inspirações. Sobre lideranças comunitárias que são fontes de inspirações. Padre Bruno foi e será um verdadeiro símbolo da luta em defesa dos direitos humanos, em especial de nossas crianças, jovens e adolescentes. Ele fundou o Movimento de Emaús, que tem como objetivo educar a sociedade a partir de uma educação na perspectiva emancipadora e libertária. O Padre Bruno também nos inspirou na construção do nosso coletivo, foi ele quem abrilhantou as ideias e nos acolheu no espaço da República de Emaús e dialogou sobre as possibilidades e os desafios que o coletivo vislumbraria.

Nosso saudoso amigo e companheiro de luta sempre será uma referência para todos(as) nós que buscamos a defesa dos direitos das nossas crianças, dos nossos jovens e de sujeitos moradores das periferias de Belém. Assim como, defender a juventude negra que segue sendo exterminada pelos becos e vielas em nosso território brasileiro. São pessoas como Padre Bruno que nos faz esperar por dias melhores e pela dignidade pelo bem viver. Padre Bruno, PRESENTE!

#### 4.1 O Coletivo de mídia alternativo Terra Firme: Das origens até os dias atuais

O Terra Firme é um coletivo de mídia alternativa que tem como um de seus objetivos a democratização da informação no qual articula, mobiliza e reúne pautas da população do Bairro da Terra Firme, incentiva atividades de caráter formativo como palestras e mostras de vídeos produzidos pelo grupo, trabalha também no campo educacional com os diversos temas transversalizados com um debate que foca a garantia dos direitos humanos, em especial a luta contra o extermínio da juventude negra, assim como diversas pautas como a valorização das culturas das periferias que circulam e se afirmam em nosso bairro.

O Coletivo Terra Firme é uma experiência de mídia alternativa que surgiu para fomentar a necessidade de disponibilizar aos moradores dos bairros da periferias de Belém uma alternativa de comunicação em contraponto à grande mídia já estabelecida como referência de comunicação, a mídia hegemônica.

O nome do projeto faz alusão ao Bairro (Terra Firme) onde moram todos os seus integrantes e idealizadores, e recebe da grande mídia, o rótulo de “um dos mais perigosos de Belém” como foi expresso em um dos episódios que a polícia militar fez intervenção no bairro pela morte do Cabo Pet em 2014<sup>2</sup>:

A caça começou...! Te liga vagabundo... A Rotam está com sangue nos olhos; Militares apareceram em várias ruas da Terra Firme intimando os moradores para se trancarem em suas casas, por que a “limpeza” ia começar no bairro (DIÁRIO DO PARÁ, 06 nov., 2014, p. A3; CASTRO, 2020, p.15).

O Bairro da Terra Firme é um dos mais populosos da periferia de Belém. Segundo o IBGE, 61.439 pessoas moram no Bairro da **Terra Firme**, um dos 10 maiores da capital paraense (G1 PARÁ, 2020).

De fato, o bairro era considerado como um dos mais perigosos do Brasil conforme noticiava a mídia paraense, e essa lógica é refletida devido os inúmeros extermínios e as inúmeras intervenções policiais que ocorrem em bairros periféricos e populosos como é o Bairro da Terra Firme. É mister afirmar também, que como em qualquer outra periferia do Brasil, a Terra Firme reflete as desigualdades sociais das camadas populares, contudo nessa pesquisa o nosso foco é mostrar a realidade da nossa periferia por meio das lentes do Coletivo Terra Firme, destacando o que se produz de bom e também resgatar a memória de um bairro que tem muito a oferecer à nossa cidade.

---

<sup>2</sup> O Cabo da Polícia Militar do Pará foi assassinado em 2014 no território da Terra Firme conforme noticiado no Jornal Diário do Pará e outras grandes mídias do Pará.

O Tela Firme surge a partir da ideia que fosse uma TV comunitária que produz programas em forma de mini-telejornais, mostrando uma realidade pouco conhecida pelos próprios moradores. O canal de socialização dos vídeos inicialmente foi pelo *Youtube*. O Tela Firme começou a ser idealizado em 2011, mas, foi no final de 2013 e início de 2014 que a ideia foi posta em prática. A intenção inicial era produzir para a internet programas que desvinculassem a Terra Firme da imagem da violência, reforçada diariamente – e ao longo de anos – pela mídia comercial.

**Imagem 4** - Entrevista sobre a parceria com o projeto EMAÚS



FONTE: *Grande coleta de Emaús* / reprodução facebook (Agência GCA)

Assim, por meio de uma abordagem audiovisual moderna e dinâmica, o grupo produziu reportagens propositivas que afirmam a identidade do Bairro, sua história e conquistas, retomando o senso de pertencimento dos moradores. Narrativas costuradas por personagens do bairro, por seu ritmo intenso, colorido, barulhento, desordenado e riquíssimo em referências culturais. Dessa forma, corroboramos com a ideia de Freire quando evidencia a importância e a influência da comunicação popular em nossa construção humana:

Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que, se não for originariamente comum, não permitirá mais a comunicação. Cada um terá seus próprios caminhos de entrada nesse mundo comum, mas a convergência das intenções, que o significam, é a condição de possibilidade das divergências dos que, nele, se comunicam. A não ser assim, os caminhos seriam paralelos e intransponíveis. As consciências não são comunicantes porque se

comunicam; mas comunicam-se porque são comunicantes. A intersubjetivação das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade (FREIRE, 1987, p. 15).

Um dos vídeos e intervenções mais importantes e emblemáticas para o Coletivo, foi a produção do vídeo sobre a chacina no ano de 2014, chamado “**Poderia ter sido você**”. O dia 04 de Novembro de 2014 foi uma data que marcou de forma drástica não apenas a vida de muitos moradores dos bairros periféricos mas, em especial, as famílias das onze vítimas nas quais foram executadas neste dia. Era por volta de 20h30min da noite quando os grupos de *whatsapp* começaram a socializar a informação de que o soldado Antônio Figueiredo, policial militar, popularmente conhecido como Cabo “Pet” havia sido executado minutos atrás por grupos de facções criminosas no Bairro VIZINHO DA Terra Firme que é o Bairro do Guamá (outro Território d periferia de Belém). A ordem era para que toda a comunidade da Terra Firme e demais bairros entrassem em estado de alerta, conhecido popularmente como “toque de recolher”, pois havia um áudio sendo divulgado que naquele dia haveria vingança por conta da execução deste policial.

Em tom ameaçador, o recado do áudio se concretizou. De modo racista e aleatório, homens encapuzados fizeram onze pessoas vítimas daquele dia difícil de ser esquecido. Onze vidas que estavam na porta de suas casas, nas ruas, nas tabernas e que por questões pessoais estavam na rua no momento em que as motos começaram a invadir os bairros. Lembro que eu voltava de bicicleta com um amigo da academia que fica localizada na avenida Celso Malcher, uma das principais do Bairro da Terra Firme, quando avistamos duas motos com quatro rapazes encapuzados observando a gente no decorrer da avenida.

Em alguns segundos, essas motos observaram e decidiram que iriam seguir o caminho, acredito que neste momento decidiram poupar nossas vidas. Mais adiante, na praça Olavo Bilac, encontramos novamente mais duas motos com quatro rapazes trocando coordenadas para onde iriam percorrer; Seguir adiante rumo a minha casa e nesse momento, ao entrar na Rua Ligação, me deparei com meus pais atrás de todos nós da família, eles deram o comando de que continuasse o caminho de volta para casa enquanto que eles buscavam a minha irmã que estava a caminho de casa. Logo a frente, na passagem Brasília, me deparei com um assassinato que tinha acabado de acontecer, era o Eduardo, que estava tentando retornar para a sua casa, mas este grupo genocida, não permitiu.

Após chegar em casa, fiquei no aguardo de toda a minha família chegar em casa. Quando vejo minha mãe, meu sobrinho, minha irmã e meu pai no canto de casa, me deparo com uma moto vindo em nossa direção, mas, mais uma vez, decidi poupar nossas vidas. Este

dia ficou marcado em nossas memórias e foi a partir de então, que percebi o quanto que nossas vidas periféricas não valem o mesmo preço do que vidas que residem em espaços considerados elitizados ou propícios à moradia.

Foi com luto e luta que resolvemos expor da nossa forma alternativa, midiática, e em forma de denúncia esta e outras chacinas que já aconteceram em alguns anos atrás. O vídeo “Poderia ter sido você” faz referência a uma das maiores chacinas que já aconteceu no Bairro da Terra Firme e que tem como principal objetivo denunciar o extermínio de jovens negros moradores de bairros periféricos, que historicamente são excluídos e marginalizados da sociedade. O vídeo contou com jovens do bairro para contar sobre como cada vítima foi assassinada, segundo relato de moradores e familiares. O nome “Poderia Ter Sido Você” tem como objetivo levar a reflexão de que pessoas negras que estivessem na rua naquele mesmo momento da chacina, poderiam também ser vítimas do atentado. Esta afirmação tem relação com cada vítima assassinada neste dia, pois todos não tinham ligação alguma com o tráfico, ou se quer, com a morte do Cabo Pet. Para o Coletivo Tela Firme, esta chacina veio para demonstrar a força do poder paralelo que se perdura por anos em diversos territórios periféricos que tem como um de seus objetivos o poder sobre a propriedade de determinados territórios observados como potenciais em tráfico de drogas, entre outros.

Com um alcance de mais de dois milhões de visualizações, o vídeo se tornou um dos mais assistidos de nosso canal na plataforma do *Google* chamada *Youtube*, com uma notória repercussão nacional. Além disso, é um dos mais utilizados para expor em escolas e conversar sobre a ruptura de direitos humanos. Este vídeo pode ser visualizado através do link:

<<https://www.youtube.com/watch?v=nTymevrDkF8&t=2s>>

### Imagem 5 - Vídeo Poderia ter sido você



Pela ampla repercussão nos meios de comunicação social e por sermos considerados uma iniciativa inovadora, o Tela Firme foi agraciado com a medalha de Direitos Humanos Paulo Frota na ALEPA, como pode ser observado na imagem abaixo:

**Imagem 6: Tela Firme recebendo a Comenda de Direitos Humanos / 2015**



O Coletivo de mídia popular Tela Firme é agraciado com a medalha Paulo Frota, um reconhecimento as entidades e personalidades que atuam na defesa dos Direitos Humanos. O Prêmio foi um reconhecimento das ações do coletivo em defesa da VIDA, em especial na luta contra o extermínio de jovens na periferia e a defesa da cidadania. Queremos agradecer a toda comunidade que apostou, e continua apostando em uma mídia LIVRE E DEMOCRÁTICA, em especial a pessoas que habitam os espaços da periferia que tanto nos orgulham com exemplos de dignidade.



O Mérito é de toda nossa comunidade. Nossa TELA continuará FIRME na defesa da vida. Parabéns a todos que nos ajudam a realizar esse trabalho. Nosso proximo compromisso é a atividade Belém 400 anos, sob olhar do Gueto. A Periferia atenta.

[facebook.com/TELAFIRME](https://facebook.com/TELAFIRME)

Fonte: Acervo pessoal do Coletivo

Embora o movimento ter uma iniciativa de socialização mais de cunho virtual, buscamos sempre envolver o maior número possível de pessoas nas produções e desenvolvimento de atividades, tanto da área cultural quanto de grupos e movimentos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida no bairro. Consideramos o fato de termos uma ferramenta que evidencie os valores e as qualidades que existem neste território como o

maior impacto desse projeto na sociedade.

O Coletivo conta com uma equipe de oito pessoas envolvidas diretamente na ação, além de mais de 50 pessoas que contribuem de forma indireta nas produções e gravações, como grupos de teatro, de igrejas e de movimentos culturais, dentre eles, movimentos da cultura *hip-hop*, movimento em defesa da população negra (Coletivo Casa Preta) e o Ponto de Memória da Terra Firme em parceria com o centro de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A estratégia que criamos para alcançar essas parcerias foi, principalmente, o engajamento dos membros nessas atividades e as redes sociais, por meio da nossa página no *facebook.com* e *youtube*, onde publicamos nossas iniciativas. Outro mecanismo de alcance são as exibições dos vídeos do “Tela Firme” em locais públicos como escolas e seminários.

Com o isolamento social gerado pela pandemia da Covid-19, a forma de se relacionar com vizinhos tem passado por mudanças e adaptações para evitar a propagação do vírus. Em Belém, o Coletivo Tela Firme organizou o show #SomFirme que vai ser realizado de forma diferente: na laje de uma casa no Bairro da Terra Firme (G1 PARÁ, 2020).

O Tela Firme participa, ativamente, das ações culturais, realizando a cobertura dos diversos eventos, como foi a encenação da paixão de Cristo, que ocorre, simultaneamente, em três locais do Bairro, realizada por grupos distintos. Há uma procura muito grande por parte dos artistas e grupos culturais locais, para fazermos o registro dessas ações e publicá-los nas redes sociais. Tendo em vista os desafios e as limitações de equipamentos, tentamos contribuir para a massificação e apoio a essas iniciativas.

Existe uma variedade de experiências que inspiram processos educativos que se articulam com os movimentos sociais na perspectiva da emancipação. Por isso, está intimamente vinculado com o tornar-se educador popular, pois é, em síntese, a atmosfera que envolve ser e estar neste lugar. A realidade social, cultural e política do povo é o ponto de partida na busca de potencializar a organização desses movimentos. A tomada de consciência, reflexão e ação se converte em elementos básicos e inseparáveis do processo educativo, aprendendo com a própria história (STRECK, 2014, p. 95-96).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a iniciativa do projeto Tela Firme se configura como um instrumento de valorização e de defesa dos direitos humanos, uma vez que se propõe a contrapor as informações veiculadas pelos grandes meios de comunicação que destacam, apenas, ações de violência, incentivando, dessa forma, a consolidação da cultura da vingança e da justiça com “as próprias mãos” em detrimento do cumprimento da

lei. Recentemente, participamos de uma iniciativa contra o tráfico de pessoas, promovida pela Comissão Justiça e Paz da CNBB. Um de nossos vídeos foi utilizado como instrumento de divulgação e difusão dessa manifestação contra o tráfico de pessoas.

Em todo caso, é importante afirmar que o Coletivo Tela Firme preza em seus princípios de movimento cultural e social o compromisso ético pela não aceitação de “doações” feitas por políticos ou pessoas da iniciativa privada que tenham posturas contrárias àquelas que acreditamos serem fundamentais para construir uma sociedade verdadeiramente justa.

Ressaltamos que, nesse sentido é possível observar que nos 31 materiais que publicamos nas redes sociais, ou que exibimos em espaços públicos, destacamos questões para reflexões, como a necessidade de iniciativas de uma política de saúde séria à nossa população ou como quando denunciemos um prédio que deveria abrigar uma casa de apoio do Programa Saúde da Família, mas estava desabando. Por tanto, nosso compromisso com a cidadania e o respeito à diversidade cultural e religiosa fazem parte dos princípios de nosso Coletivo.

Nossa iniciativa é basicamente pautada para desenvolver e estimular o diálogo entre os jovens, nosso público foco. Esse diálogo ocorre por meio das redes sociais, onde eles constantemente fazem comentários e sugerem temas a serem trabalhados nos próximos programas. Além da internet, esses momentos acontecem quando fazemos exposições públicas nas escolas e outros espaços, onde fazemos também debates e colhemos sugestões.

Uma das nossas principais articulações foi organizar as atividades em alusão ao Belém 400 anos, que teve como *slogan*: Sob o olhar do gueto. Esse movimento de articulação contou com diversos outros movimentos sociais de diferentes bairros periféricos em que desenvolvemos a integração de atividades e intervenções articuladas em prol das necessidades e potencialidades culturais destas comunidades periféricas. O objetivo principal era mostrar que o aniversário de Belém para a periferia tinha outro aspecto, como o descaso e a falta de atenção do poder público para estas comunidades, como destacamos no link abaixo que divulga a carta manifesto elaborada pelo Coletivo: <<https://www.youtube.com/watch?v=wFKE2idDTvE>>.

Com o passar dos anos, fomos reavivando nossas denúncias nos aniversários de Belém, como evidenciado na imagem 7 abaixo:

Imagem 7: Card preparado para divulgação do Belém 400 anos / ano.

**BELEM 404 ANOS**  
*sob o olhar da periferia*



*No aniversário de 404 anos de Belém, o Tela Firme te convida a celebrar essa data com imagens de uma Belém pouco festejada, a periferia. São registros lindos de fotógrafos do coletivo e convidados!*

**#BELEM404SOBNOSSOOLHAR**

**tela FİRME**  
#JuventudeFİRME é JuventudeVIVA

Fotos de Harrison Lopes e Sandro Barbosa

Fonte: Acervo Tela Firme. Fotos: Harrison Lopes ; Sandro Barbosa

O Tela Firme em busca de parcerias para profissionalizar as produções e desenvolver o trabalho da equipe de forma mais autônoma e organizada, iniciou o processo de escrita de projetos para buscar patrocínios que nos apoiassem. A partir disso, fomos selecionados para trabalhar em nosso projeto via emenda parlamentar do deputado federal Edmilson Rodrigues em 2019. Dessa forma, nasceu o projeto denominado Nós na Tela.

## **Projeto Nós na Tela**

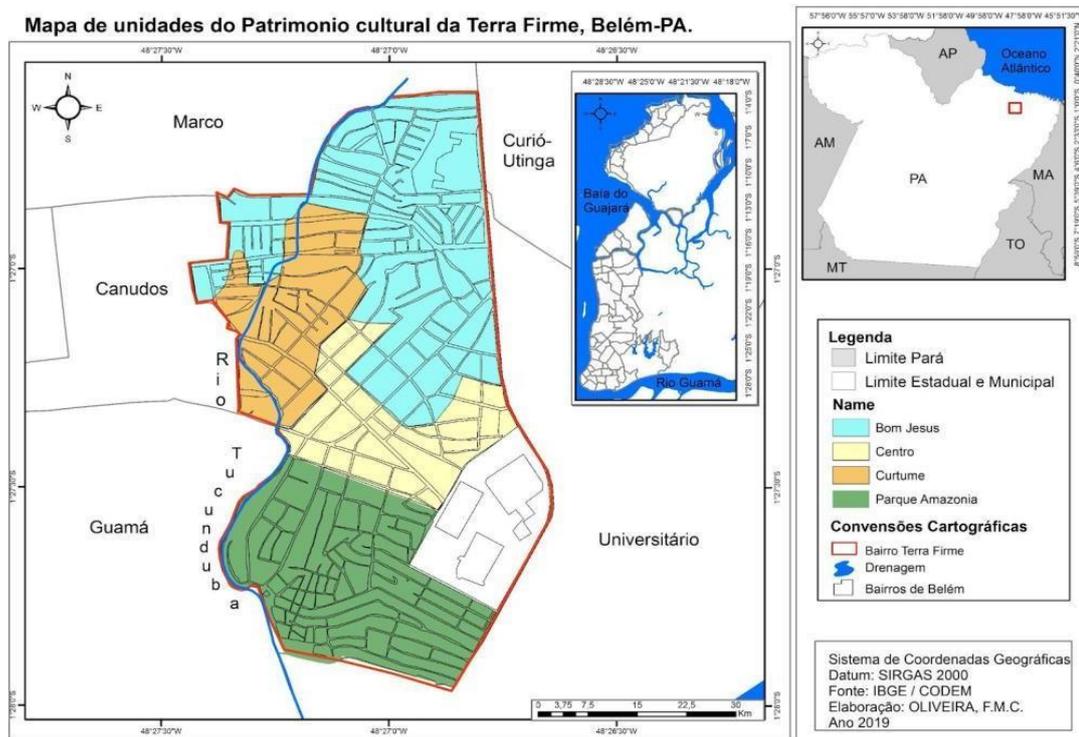
O projeto Nós na Tela foi um trabalho coletivo construído desde os anos de 2012/2013 conduzido pelos membros do Coletivo. Tivemos colaboração da Úrsula Vidal na elaboração do projeto, que no objetivo inicial teve a elaboração de um mini documentário sobre a história de vida de cada membro do Coletivo Tela Firme. Após alguns debates e oportunidades, iniciamos a construção de um novo projeto que contemplasse o modelo de projeto de extensão da Universidade Federal do Pará com o objetivo de receber recurso via emenda parlamentar do Deputado Federal Edmilson Rodrigues, em 2019.

A partir de 2019, o Coletivo Tela Firme iniciou o trabalho de pesquisa e coleta de dados para subsidiar as produções de vídeos acerca de alguns elementos que constituem o Bairro como: sua história, educação, cultura, lazer, manifestações religiosas e a dinâmica coletiva do Bairro. Este projeto possibilitou a inserção de novos estudantes que residem no Bairro para compor a equipe de produção, e dessa forma, incentivou e contribuiu financeiramente na vida de cada um. Este projeto foi vinculado à Incubadora de Linguagens Digitais com o apoio do professor Acilon Baptista, o qual coordenou em conjunto com o Tela Firme o Projeto Nós na Tela.

Com dedicação e organização, o projeto deu início também a atualização da cartografia social da Terra Firme que objetivou construir identidades sócio-espacial em nosso território, buscando assim, o entendimento de onde se vive e suas características elementares pela visão dos próprios moradores do Bairro. Dessa forma, o projeto Nós na Tela atuou em duas frentes amplas de trabalho: a primeira foi a produção de diversos vídeos que relatam com dados e levantamentos históricos a multidiversidade que o Bairro agrega. A segunda frente de trabalho foi na busca ativa na comunidade para atualização da cartografia social do Bairro, que verificou em cada rua os diversos elementos descritos na cartografia como: pontos comerciais, escolas, espaços de lazer, centros comunitários, igrejas e comunidades tradicionais de matriz africana.

Observou-se que o Bairro da Terra Firme é predominantemente um território onde existem vários comércios, de pequeno, médio e grande porte, no qual a economia do Bairro se destaca com as duas grandes feiras localizadas na avenida Celso Malcher e São Domingos, próximo ao rio Tucunduba.

Mapa 1: Mapa da Terra Firme divida pelos territórios norte, sul, centro e oeste



O Bairro, no campo educacional, existe uma história de luta pela garantia da educação básica e pública para a demanda local. Foi com empenho de luta dos movimentos sociais deste Bairro, que é notável que existe um espaço mercadológico em disputa, pois há carência de escolas públicas que atendam todas as demandas, em especial a educação infantil.

Na nova atualização da cartografia social do Bairro, feita pelo Coletivo Tela Firme a partir do Projeto Nós na Tela, no ano de 2019, foram cartografados 17 escolas de reforço, 02 creches (Associação Projeto Reviver Betinho e UEI Terra Firme, 08 escolas privadas para as séries iniciais, bibliotecas comunitárias, 02 escolas de música, 07 escolas privada de educação infantil, 08 escolas públicas, dentre elas: Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle (localizada na Rua São Domingos, que atualmente tornou-se uma escola cívico militar), Escola Mário Barbosa (localizada na Avenida Perimetral próximo a Universidade Federal Rural da Amazônia), Escola Municipal Stellina Valmont (Localizada próximo a Avenida Perimetral), Escola Estadual Mateus do Carmo (Localizada na São Domingos, próximo a Av. Perimetral), Escola Municipal Solerno Moreira (localizada na Rua Universal, próximo a Av. Perimetral), a Escola Municipal Parque Amazônia (Localizada na Rua Vinte e Seis de Setembro próximo a Av. Perimetral), a Escola Fonte Viva, a Escola Técnica Celso Malcher (Localizada atualmente dentro da área da Universidade Federal do Pará) e a Escola Estadual Nuremberg (Localizada nos espaços da Eletronorte).

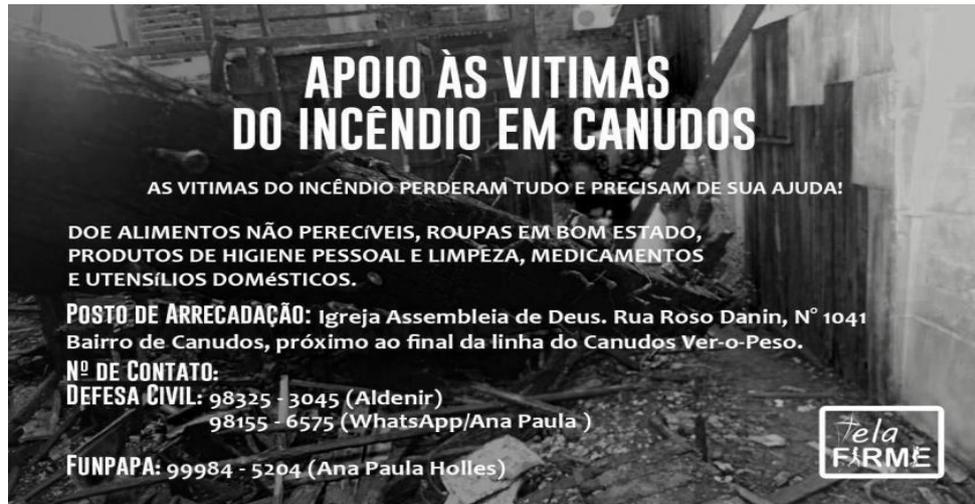
No que tange ao cenário cultural do Bairro, temos uma multidiversidade em todos os cantos do nosso território, são eles: Blocos de Carnavais como “Asteróide”, “Sapo Muiraquitã”, “Jasiroca”, “Senta que é o seu”, “Quem é quem”, “Arrastão”, “Os pegadores a bordo”, “Bloco dos pintinhos”, “Bloco Família Nike”, “Rabo do porquinho”, “Papa tudo”, “O fuxico”, entre outros. Além disso, as quadrilhas juninas como: “Rosa Vermelha”, “Santa Helena”, “Pipoqueiro”, “Crianças que Brilham”; Assim como bois bumbás como Prenda de São João, Boi da Terra, Marronzinho, Curumin; Escolas de Samba como a Rosa da TF, Acadêmicos da nossa quadra da TF, entre outros.

Além disso, aparelhagens como Marcelo Som, Mirisom, Tá no Horário, Gasparzinho saudade, O importante Mini Torre, Os Mauricinhos, Teatros como Ribalta, Mestre Otavio Freire; Grupos de danças como Arte Dance, Grupos de Capoeiras, sedes campestres no qual ocorrem programações culturais e políticas. Uma variedade de movimentos culturais que vivificam o Bairro da Terra Firme.

O projeto de cartografar o Bairro contou com o trabalho de diversos estudantes que moram no bairro da Terra Firme e que desenvolveram essa atividade de atualização da cartografia social da Terra Firme. Atualmente, o coletivo segue articulando com as escolas do Bairro para atividades de divulgação e doação dos materiais que foram produzidos como camisas, mini documentários inseridos no *pen drive* e mapa do Bairro.

Além dessas atividades, o Tela Firme elabora diversas campanhas solidárias em prol de ajudar familiares e parentes que estão passando por situações de extrema vulnerabilidade, como podemos perceber na imagem 8 de divulgação da campanha para arrecadar alimentos, materiais para a população do Bairro de Canudos que foram vítimas de incêndios:

**Imagem 8: Arte divulgação em apoio às vítimas do incêndio em Canudos.**



Fonte: Acervo pessoal do Tela Firme

Além dessa campanha, o Coletivo articula anualmente a campanha de doação de alimentos na época do natal para ajudar diversas famílias que não possuem nem a renda mínima para sobreviver. São vizinhos, parentes, amigos, conhecidos que compartilham do mesmo território que é sustentado pelos próprios moradores. Dessa forma, entendemos que o papel do Coletivo e das pessoas é promover o direito à vida digna em comunidade, pois sofremos do mesmo descaso em diferentes níveis. Como podemos observar na arte de divulgação da Imagem 9:

**Imagem 9: Arte divulgação da campanha 6º Natal da Paz.**



Destarte, o Tela Firme em 2020 iniciou uma campanha com o objetivo de acolher famílias que tiveram perdas materiais e irreparáveis com o processo de inundações no Bairro, porém, semanas após esse desastre, iniciou a pandemia causada pelo novo Coronavírus, dando início a chamada Campanha Terra Solidária conforme imagem 10 produzida pelo Coletivo.

**Imagem 10: Campanha Terra Solidária**





Fonte: Coletivo Tela Firme/2020

A campanha Terra Solidária é uma iniciativa do Tela Firme que tem como elementos principais o compromisso com a comunidade, o incentivo à prática de solidariedade e o estímulo da empatia social. Em fevereiro de 2020, houveram chuvas que alagaram diversos pontos do Bairro e da cidade de Belém como um todo. Em consequência do ocorrido, vários moradores perderam suas casas, móveis e tiveram danos à saúde de suas famílias.

Com este cenário de sofrimentos da comunidade do Bairro, o Coletivo iniciou a campanha para ajudar famílias que apresentavam alta vulnerabilidade diante do exposto. Em março do referido ano, a pandemia do coronavírus foi se alastrando pelo país e aumentou substancialmente as dificuldades da população mais pobre, gerando dessa forma, alto índice de fome e miséria em todo território brasileiro.

Imagem 11:



Fonte: Coletivo Tela Firme / 2020

A partir deste momento, a Terra Solidária iniciou os trabalhos na perspectiva de angariar recursos financeiros, doações de roupas, alimentos e materiais de higiene para ajudar a comunidade da Terra Firme. A metodologia utilizada para escolha das famílias foi por meio da observação do território em diversos pontos, o grau de risco em que cada moradia familiar estava submetida, assim como, a escuta de diversas lideranças comunitárias com o repasse das informações pertinentes à vulnerabilidade social das pessoas.

**Imagem 12: Jovens iniciando o processo de organização para a entrega das cestas**



A imagem 12 mostra os jovens iniciando o processo de observação e organização para a distribuição dos alimentos. A partir disso, a Campanha tomou grandes proporções pelas redes sociais do Coletivo Tela Firme, pelas mídias comerciais com registros e entrevistas, com a articulação de movimentos sociais dentro e fora do território, fortalecendo e incentivando outras campanhas em bairros periféricos da região metropolitana de Belém. Esta iniciativa teve como princípio fundamental trazer respostas emergenciais a toda a desordem e caos que a pandemia nos trouxe. Uma resposta mais real e sólida para que a fome não fosse uma realidade de diversas famílias da Terra Firme.

**Imagem 13: Distribuição de cestas básicas pelo bairro da Terra Firme**



Fonte: Acervo pessoal do Terra Solidária

**Quadro 2: Demonstrativo parcial da quantidade de famílias beneficiadas pela campanha Terra Solidária**



Fonte: Campanha Terra Solidária / 2021

Com a iniciativa, a campanha possibilitou que, no mínimo, mil pessoas da comunidade pudessem ter alimentos e materiais de limpeza por alguns dias (que variavam de 05 a 07 dias por cada cesta doada com famílias de até 04 pessoas), pois com o fechamento de empregos e estabelecimentos comerciais, a taxa de pobreza aumentou de forma avassaladora, trazendo insalubridade e riscos de vida à milhares de pessoas.

**Imagem 14: Distribuição de cestas básicas em parceria com a Igreja Santa Maria**



Fonte: Acervo Terra Solidária / ano 2021

A Pandemia do Coronavírus, mais conhecido como COVID-19 escancarou a desigualdade social em nosso país. Atualmente o Brasil conta com mais de 30 mil casos confirmados pela doença, assim como mais de 666 mil mortes por covid.

Em outra Imagem (15), temos a distribuição de cestas básicas durante a Pandemia da Covid-19 pelo Coletivo Tela Firme em um momento de acolhida, empatia e solidariedade aos moradores do território da Terra Firme.

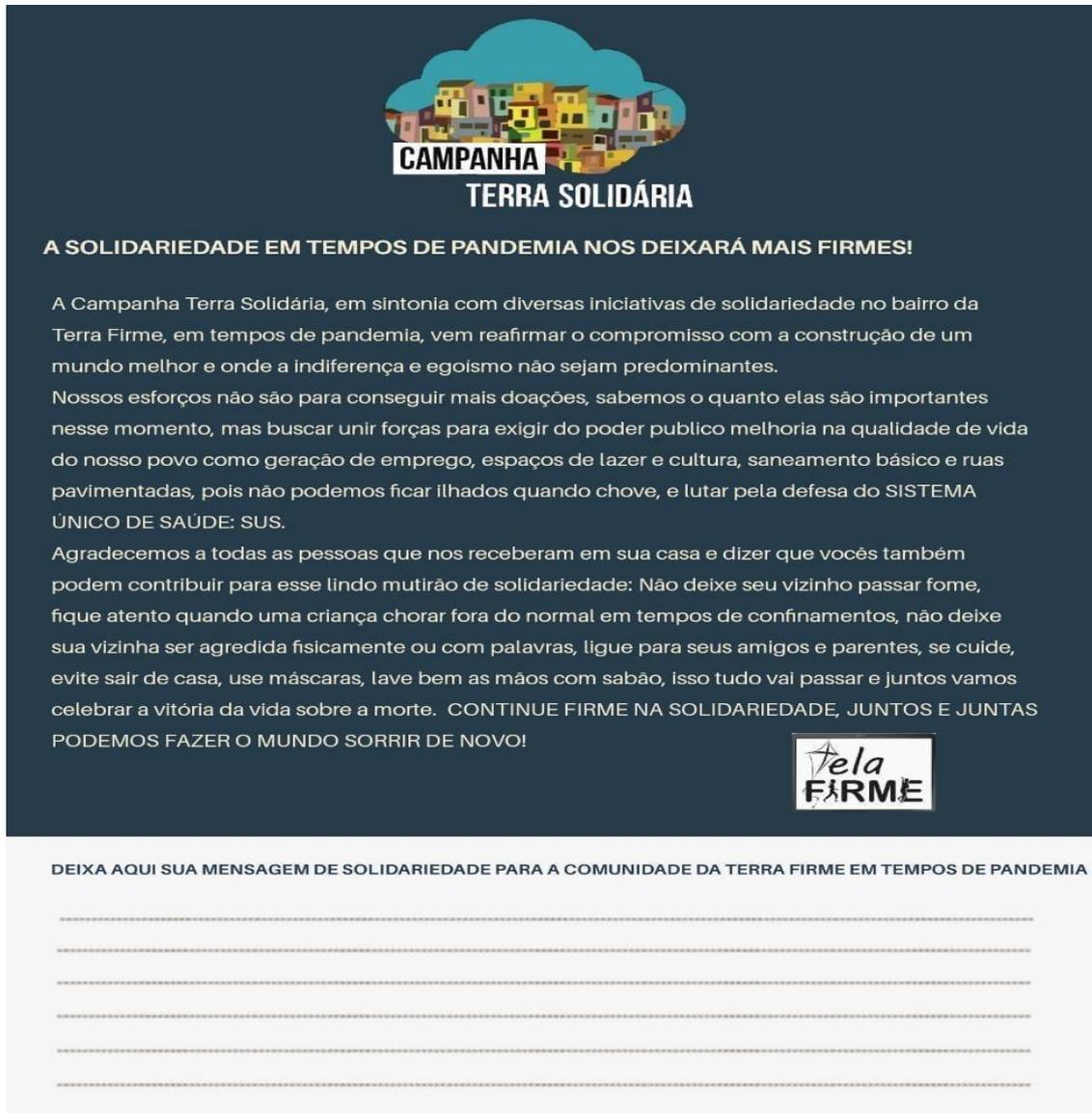
**Imagem 15** – Entrega de cestas básicas à comunidade da Terra Firme Fonte: Tela Firme



Fonte: acervo pessoal Tela Firme / ano 2021

No ato das entregas das cestas básicas, a campanha Terra Solidária entregava uma carta manifesto a todos(as) aqueles(as) que recebiam essa doação. Essa carta expressava o nosso compromisso e responsabilidade com o papel de sermos solidários uns com os outros. Era uma forma de dizer o papel social e político que a campanha desempenha, assim como receber de volta as palavras que cada um escrevia no curto prazo dessa entrega. Na imagem 16 abaixo, a carta manifesto produzida pelo Coletivo:

**Imagem 16: Arte divulgação da carta manifesto**



Fonte: Acervo pessoal do Tela Firme / 2020

## 4.2 Sujeitos da Pesquisa

O Coletivo Tela Firme conta com diversos membros atualmente, e nesta pesquisa vamos limitar e descrever alguns deles, tendo como prioridade aqueles membros que fazem parte desde o início do Coletivo e também membros que possuem experiências mais recentes, assim como aqueles que puderam se dispor de tempo para responder a entrevista semi-estruturada.

Os sujeitos da pesquisa são jovens e adultos com faixa etária de 18 a 43 anos, moradores do Bairro desde a infância. Vivenciaram as suas infâncias e juventudes nos espaços das ruas, dos lagos, becos e vielas que fazem parte do contexto social da Terra Firme. São moradores e moradoras que possuem, majoritariamente, como recorte racial a negritude e que tem como classe social a classe dos trabalhadores e trabalhadoras que são compostos por autônomos, atores, educadores populares, estudantes de graduação, artistas e professores. Essas pessoas compõem o coletivo e travam lutas que se unem e se cruzam a partir das demandas sociais expostas pelas nossas realidades em cada parte do Bairro da Terra Firme.

São lutas por acesso à moradia, ao saneamento básico, à educação pública de qualidade, ao acesso à cultura, ao esporte, lazer e à dignidade humana. Condições que buscamos como direitos constitucionais e elementares para se viver. Esses moradores da Terra Firme são sobreviventes de inúmeras chacinas, são pessoas articuladas com diversos movimentos sociais e que entendem que a luta é uma construção social também, e que ela perpassa e faz parte da nossa própria alma.

Por vez, apresentamos nesta pesquisa, no Quadro 3, a caracterização dos sujeitos da pesquisa:

### QUADRO 3: SUJEITOS DA PESQUISA

SUJEITOS	IDADE	PROFISSÃO	TEMPO DE COLETIVO
Adriano Mendes	31 anos	Engenheiro Florestal e estudante de Direito	7 anos
Davi Bentes	23 anos	designer gráfico	3 anos
Francisco Batista	43 anos	Professor de Geografia	8 anos
Harrison Lopes	34 anos	Educador social, fotógrafo, educador popular	8 anos
Ingrid Santos	28 anos	Pedagoga, educadora popular	7 anos
Izabela Chaves	28 anos	Estudante de cinema e audiovisual	8 anos
Mailson Souza	30 anos	Técnico em rádio e televisão, roteirista	8 anos
Vanessa Alves	35 anos	Pedagoga	8 anos

A partir das experiências com movimentos culturais, artísticos, políticos e de base, os membros DO Coletivo Tela Firme apresentados no Quadro 3 sentiram diversas motivações que o fizeram adentrar no Coletivo segundo Davi Bentes:

O Tela Firme tem muita importância na minha vida porque dentro dele pude obter muitas experiências de debates, de conhecer outras realidades, de poder expor esse meu lado mais crítico, mais solidário, mais artístico, entre outros, e me permitiu conhecer pessoas que têm sido importantes para a minha construção pessoal e profissional como cidadão e humano.

Essa construção de percepção de novos horizontes e outras perspectivas que fazem os diversos coletivos terem suas identidades e, principalmente, fomentar o auto reconhecimento da juventude em seu próprio bairro. Além disso, foi a partir das oportunidades que o Tela Firme obteve, que os membros começaram a desempenhar outras atividades de forma remunerada, ajudando cada um a sobreviver, como é possível inferir na fala de Davi Bentes:

Participei nas gravações de vídeos, contribui com ações do coletivo nos últimos anos, estive mais engajado nas cartografias realizadas pelo coletivo, em parcerias com algumas outras instituições onde fui apresentado a outras realidades dentro do nosso próprio bairro que enriqueceu ainda mais o nosso conhecimento sobre o nosso território e vem nos inspirando a novas produções com as inúmeras possibilidades.

Para Francisco Batista, o Coletivo contribuiu para a organização de suas inquietações individuais que se transformaram em inquietações coletivas, como podemos observar neste trecho de sua entrevista:

Foram as motivações de inquietação, de tanta coisa que falavam de um bairro cheio de gente, gente trabalhadora, de gente boa, gente que fez parte da nossa infância, da nossa adolescência, tantas pessoas e personalidades que ajudam a construir esse cotidiano. Então a motivação foi justamente essa inquietação que a gente transformou essa indignação em motivação, em sinais de esperança através da produção audiovisual.

Motivações que despertaram em cada membro, uma potencialidade de ideias que antes eram individuais e hoje se organizaram em lutas coletivas. Para Harrison Lopes, a importância de se organizar no coletivo se deu através do ato de valorizar o bairro em que vivemos, como afirma em sua fala:

É de levar o nome do nosso bairro, do nosso território da Terra Firme com uma outra perspectiva para todo mundo. Que não é aquele bairro estigmatizado pela violência que a grande mídia sempre coloca, mas que é um bairro que pulsa cultura, que pulsa muita coisa interessante, muita coisa

boa, que precisava e ainda precisa ter esse destaque maior de mostrar os grupos culturais, mostrar a potência, a força que existe dentro do bairro, das pessoas no bairro, isso foi o que mais me motivou, porque foi algo que eu sempre acreditei e que acredito e que me motiva a fazer parte até hoje. Então o que mudou na minha vida nesse sentido foi de poder estar junto nisso, me dedicando ainda a isso, ainda mais, de poder junto com outros colegas, nessa sintonia de pensamento e de ideias trabalhar isso. De levar esse bairro tão querido que é a Terra Firme, ser mostrado em outro viés. Um viés mais positivo sem deixar também de reivindicar as políticas públicas para o bairro que nós precisamos.

É possível perceber que com a entrada no coletivo, as pessoas começaram a mudar sua própria visão da realidade. A partir do momento em que começamos a trabalhar com o audiovisual no Bairro, percebemos as diversas histórias de lutas e resistências dos moradores. Assim como, percebemos que a cada história contada, nosso olhar sobre o bairro se transformou cada vez mais, pois entendemos que somos frutos de lutas que já foram travadas desde o período da ocupação desse território.

Ainda assim, para Izabela Chaves, as motivações também foram parecidas com os demais membros, pois o bairro é estigmatizado por inúmeras intervenções violentas e pela grande mídia comercial. Sabemos que existem diversos problemas sociais, porém não somos o que a mídia homogênea demonstra com tanta ênfase negativa. Para Izabela Chaves:

As minhas motivações é que nunca concordei da imagem que era passada do meu bairro, é óbvio que existia as inúmeras violências, mas a demonização que fizeram do bairro não era verdade. Tive muitos momentos prazerosos no bairro, andei muito com meu pai e minha mãe, a impressão que dava era que a violência acontecia 24h por dia e nunca foi isso.

Dessa maneira, entendemos que nosso bairro possui inúmeras demandas sociais precárias que prejudicam o nosso processo de desenvolvimento humano. A demonização do bairro feito pela mídia comercial foi e é um dos elementos primordiais que travamos contra essa marginalização dos bairros periféricos. Por isso, nossa luta também é pelo acesso democrático a todas as informações e é dessa forma que o Coletivo Tela Firme produz e vive sua essência de movimento social no território periférico.

A próxima seção objetiva dar continuidade na sistematização de nossas experiências e nossas análises sobre cada momento vivenciado por este Coletivo, suas produções e suas essências de ser o movimento em prol da comunidade periférica da Terra Firme.

## **5 AS PRODUÇÕES DO COLETIVO DE MÍDIA ALTERNATIVA TELA FIRME: a mobilização por meio das práticas cotidianas.**

Nesta seção temos o objetivo de conhecer o papel social deste Coletivo como espaço de produção de mídia alternativa, identificando os mecanismos que ele utiliza para influenciar os vínculos sociais, culturais e simbólicos dos jovens, assim como os conhecimentos mobilizados por eles em suas práticas cotidianas.

### **5.1 O encontro com o campo: desafios, estratégias e descobertas.**

A pesquisa de campo, inicialmente, foi realizada no Chale da Paz. As duas entrevistas “piloto” ocorreram no mês de Julho de 2021 e as restantes se desenvolveram no segundo semestre do mesmo ano. Nas idas e vindas ao campo em busca de novas descobertas, percebi que o sentido das entrevistas por meio de vídeo e áudio me exigiam uma infraestrutura mais especial para que a captação das narrativas dos entrevistados pudessem ser efetivadas com sucesso. Contudo, por se tratar de entrevistados que trabalham com a comunicação por meio dessas tecnologias, o processo de gravação foi construído com o suporte dos próprios sujeitos com empréstimo de equipamentos para auxiliar nas entrevistas.

A preocupação era uma realidade, a experiência em ouvi-los atentamente, fez eu perceber que a entrevista foi baseada em uma conversa entre companheiros(as) de histórias e experiências que se assemelham em determinadas questões. Além disso, as entrevistas “piloto” puderam fazer com que eu refletisse sobre as mudanças das questões norteadoras e também de algumas perguntas que precisavam de uma melhor sistematização, para que tais respostas pudessem ser refletidas no meu objetivo da pesquisa.

Para tanto, as entrevistas semi-estruturadas foram elaboradas com o intuito de não fechar o diálogo em perguntas simples, mas de elaborar um diálogo que fosse criado numa perspectiva cronológica. Para subsidiar a análise, optamos por apresentar nesta pesquisa a sistematização de experiências como mencionado nos caminhos metodológicos na seção 2 desta dissertação.

O objetivo central desta sistematização de experiências foi entender quais foram os ensinamentos e aprendizados compartilhados a partir das multi experiências que os membros do Coletivo Tela Firme vivenciaram nos últimos sete anos de existência do movimento, em específico, como o Coletivo contribuiu para o fortalecimento da educação popular junto às juventudes do Bairro da Terra Firme.

Para tanto, é importante compreender que o objeto a ser sistematizado tem relação direta com o Coletivo, seu trabalho incansável com as comunidades do Bairro desde 2014, e a partir dessas experiências, analisar a importância de compreender o papel social e político do movimento.

Os aspectos centrais que estamos sistematizando nesta escrita tem relação com os eixos Temáticos, quais sejam:

- a) Os sujeitos da pesquisa, que foram desenvolvidos em conjunto com a caracterização dos
- b) sujeitos no capítulo que se refere ao Coletivo Tela Firme;
- c) As experiências com o Coletivo Tela Firme.
- d) A categoria juventudes/jovem.
- e) A categoria educação popular.
- f) A categoria mídias alternativas.

Ressalta-se que a metodologia analítica da sistematização de experiências possui sustentação na análise dialética, resultando procedimentos metodológicos que organizam as experiências de forma com que possamos entender o processo vivido, a reconstrução do mesmo, assim como, a interpretação dos dados e a reflexão crítica. Esta pesquisa foi organizada por meio da tabulação dos dados estabelecida por cada eixo temático descrito acima, e assim, analisados de forma ordenada e classificada, observando as categorias de análises presentes nessa pesquisa.

A análise embasada na sistematização de experiências nesta pesquisa possui como foco o processo de organizar as experiências populares do Coletivo para a análise das contribuições para o Coletivo e também para a produção científica. Ressaltada no excerto a seguir:

Em outros termos, busca passar de uma prática social espontânea para uma práxis científica que enriqueça o conhecimento e a ação transformadora a partir da experiência vivenciada e refletida (JARA, 2006, p. 142).

Assim, este processo de sistematizar apresenta como papel a organização, ordenamento e produção da análise dos tópicos mais elementares das entrevistas coletadas. Assim, tais processos vividos produzem conhecimento para fortalecimento do Coletivo e para a comunidade científica.

Oscar Jara (2006) apresenta-nos a sistematização de experiências como uma das vertentes,

cujo objetivo não é apenas ordenar; classificar e organizar informações, mas, a partir de experiências, compreender profundamente uma determinada prática para melhorá-la, transformá-la. Além disso, propõe-se a compartilhar os ensinamentos com experiências semelhantes. Para este autor, a sistematização de experiência propicia, também, a reflexão teórica a partir dos conhecimentos que surgem das próprias práticas.

Dessa forma, o papel de sistematizar se torna importante para entender quais são os aspectos relativos que fortalecem o Coletivo, os sujeitos enquanto educadores populares que possuem habilidades, mas também, as limitações que cada movimento pode obter a partir da análise das entrevistas.

Além disso, é importante ressaltar que com o processo pandêmico instaurado mundialmente pelo novo coronavírus a pesquisa necessitou ser repensada e dialogada com todos os entrevistados. Assim, seguindo protocolos sanitários, considerando a COVID-19 e também do surgimento da nova variante da gripe H3N2, a pesquisadora desenvolveu as entrevistas com os sujeitos no período pandêmico respeitando o distanciamento social e o uso de máscaras faciais nas entrevistas realizadas com os educadores: Harrison Lopes e Francisco Batista. E as demais entrevistas, foram feitas por meio da rede social *Whatsapp*, onde no final desse processo de produção de dados, houve a tabulação de todas as respostas organizadas pelos eixos temáticos descritos anteriormente.

## 5.2 As experiências com o coletivo Tela Firme.

### Imagem 17: Divulgação do Tela Firme em jornal



Fonte: Acervo pessoal do Tela Firme

As vivências aqui apresentadas possuem características próprias das inúmeras experiências que os membros vivenciaram no e com o Coletivo Tela Firme. É importante ressaltar que todos e todas destacam as suas experiências construídas durante o processo de construção de suas inquietações perante as demandas sociais e individuais, como pode ser observado na fala do entrevistado:

Vi o Tela Firme como um espaço onde eu podia, de alguma forma, me unir a outros jovens que compartilhavam da mesma realidade que a minha e dos mesmos princípios e ideologias, mas que também ofereciam uma diversidade de experiências e opiniões. Vi então o Coletivo como um movimento do qual eu me identifiquei com o trabalho que ele desenvolve e resolvi fazer parte (DAVI BENTES).

As expectativas formuladas pelos membros do Coletivo estão interligadas com os processos que vivenciam na comunidade em busca de lutas coletivas que são identificadas por um conjunto de pessoas, que na maioria das vezes são as juventudes, que produzem as lutas em conjunto com os movimentos sociais que já existem e, nesse diálogo os processos de organizações de reivindicações surgem como lutas que não são mais individuais e passam a ser construções coletivas.

Dessa forma, cada interação social no decorrer das atividades do Coletivo fortalecem os diálogos, as discussões e a própria comunidade que se conhece e se reconhece em cada atividade produzida nas ruas, nos becos e vielas do Bairro, como podemos observar a seguir:

Foi a gravação de nosso segundo vídeo, o minidocumentário Terra Firme, pois nele tivemos um contato bem aproximado com o Bairro, andamos pelas ruas gravando, conhecendo pessoas, ouvindo histórias. Passei por muitas ruas que nunca tinha andado antes, pude conhecer sobre a história do Bairro, o seu processo de consolidação. Presenciamos a solidariedade dos moradores do Bairro, algo muito característico dos espaços periféricos, quando andando pelas ruas gravando, no sol, com fome, fomos recebidos em uma casa e convidados a almoçar junto aos convidados de um batizado que acontecia naquele dia (VANESSA ALVES).

Em cada produção audiovisual que o Tela Firme percorreu as ruas, fomos acolhidos pelos moradores do Bairro com carinho e atenção. Assunto devidamente bem destacado pelos membros do Coletivo, como podemos seguir observando:

É interessante quando a gente passa com a camisa do Tela Firme, quando a gente vai gravar na Terra Firme alguma coisa, e as pessoas reconhecem a gente, não reconhecem individualmente, ah, é o harrison! É o Francisco e tudo mais, mas reconhece o Tela Firme. O coletivo. Eu acho que isso é muito bacana, porque não é um trabalho individual, é um trabalho de

coletivo mesmo. Então quando reconhece o Tela Firme, reconhece de uma forma bacana, legal. Se dispõe a aparecer no vídeo porque é para o Tela Firme, isso é fantástico! Porque é uma confiança que a gente conquistou. Não é uma coisa que nós nos impusemos, é isso e pronto, Não! Isso foi conquistado, então se a população, se os moradores, nos reconhecem nisso, eu acho que é muito bacana. Quando a gente vai para a feira gravar, as pessoas veem a gente e querem gravar com a gente, querem falar pra gente, é uma relação de confiança mesmo. E isso é muito bom, é muito positivo (HARRISON LOPES).

Além do prestígio recebido por grande parte dos moradores/moradoras do Bairro, o Coletivo foi agraciado com uma emenda parlamentar do então deputado federal e hoje, prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, que na época estava designado a exercer o cargo de deputado federal (ano 2019) e dessa forma, foi desenvolvido o Projeto Nós na Tela em parceria com a Universidade Federal do Pará.

A partir disso, o projeto de extensão foi provocado e estabelecido entre o nosso Bairro, através do Coletivo, e a UFPA que possui valiosa expressão acadêmica, atravessando a avenida Perimetral e se conectando com o Bairro como podemos identificar na fala abaixo:

Particpei de muita coisa no Tela Firme, mas o que mais me marcou foi o Projeto Nós na Tela que virou um projeto de extensão pela UFPA no meu primeiro ano que entrei no curso de Cinema e Audiovisual. Ganhei uma bolsa que me ajudou bastante nos primeiros meses. Além, disso me fez pensar que é possível construir as coisas para além do muro das universidades. Foi um momento muito marcante, sempre escutei que era preciso sair dos muros da universidade, chegar na universidade fazendo isso, de longe, foi o momento mais simbólico e importante da minha luta (IZABELA CHAVES).

A fala de Izabela Chaves como membra do Coletivo Tela Firme nos faz refletir sobre a importância de manter as políticas públicas como processos de manutenção, mas principalmente, como mecanismos de acesso e permanência das juventudes que constroem as periferias urbanas e compõem a classe que possui vulnerabilidade social e financeira. Além disso, o Coletivo é fonte de inspiração de vários outros coletivos que hoje são potências nos movimentos de bairros e reconhecidos nacionalmente, como o Telas em Movimento, o Periferia em Foco, O Ê Manas, em especial, o Cine Club TF que trabalha diretamente com as diversas juventudes, em específico, a juventude negra, que tem como objetivo fortalecer os jovens da Terra Firme e incentivá-los a se expressarem a partir da arte, cultura e política. Como observado pelo entrevistado Harrison:

A gente tem outro viés dentro do coletivo que além de produzir material de comunicação, a gente também faz oficinas, as oficinas de comunicação, e é uma experiência muito bacana, muito proveitosa, pois, disso tudo foi que, dentre as oficinas de vídeo, de fotografia, de educação popular do Tela Firme, dentro da comunidade, em alguns anos recebemos uma parceria na Escola Brigadeiro Fontenelle, com a professora Lilia Melo, que foi eleita pelo MEC a melhor professora do Brasil, e um projeto que surgiu no Brigadeiro Fontenelle pela professora Lilia como ela mesma diz, foi inspirado no trabalho do Tela Firme, através da nossa parceria com ela na Escola, e surgiu o Coletivo Cine Club TF que é um coletivo que até hoje está atuando com as juventudes no Bairro (HARRISON LOPES).

Movimentos como o Coletivo Tela Firme que foi inspiração para a criação de vários outros movimentos, assim como é destaque para vários professores do Bairro, como a Lilia Melo, que exerce um papel fundamental juntamente com o Cineclube TF. Lilia é professora de Língua Portuguesa e já foi eleita a melhor professora do Brasil pelo MEC. Na oportunidade, o Tela Firme produziu uma arte-divulgação para socializar nas redes sociais a grande conquista que o Bairro teve por ter uma professora tão importante para a juventude negra do Bairro da Terra Firme e para os movimentos sociais como registrado na Imagem 18.

**Imagem 18: Entrevista com Lilia Melo**

*Entrevista com Lilia Melo*

PROFESSORA DA ESCOLA BRIGADEIRO FOTENELLE, TERRA FIRME, GANHOU PRÊMIO NACIONAL POR VÁRIAS AÇÕES FEITAS NO BAIRRO, EM ESPECIAL SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NEGRA COM CAMPAHA QUE LEVOU CRIANÇAS PARA ASSISTIR O FILME PANTERA NEGRA NO CINEMA

**QUAL A IMPORTÂNCIA DESSE PRÊMIO PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BAIRRO DA TERRA FIRME?**

"É possível estabelecer uma rede de comunicação entre propostas pedagógicas alternativas, tendo um resultado positivo e produtivo dentro de comunidades que estão se relacionando de maneira direta e indireta com a escola. A gente pode construir a partir de então uma narrativa que os ajude a entender que a escola não deve se limitar somente aos seus muros"

**QUAL A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DOS PROFESSORES PARA CONSTRUIREM ESSAS INICIATIVAS?**

"Ações como essas são, muitas vezes, 'criminalizadas' ou excluídas dentro das escolas que tem uma postura tradicional e padrão. Quando a gente se limita à sala de aula temos um ensino escolar engessado que não comunica o aluno com a sua realidade, e ele não consegue aplicar o conhecimento para além das provas formais. Acredito que a educação libertadora é aquela que identifica o sujeito, reconhece sua realidade e passa a trabalhar a partir dessa realidade as formas dos conteúdos que são necessários ministrar"

**EM TEMPOS DE "ESCOLA SEM PARTIDO", QUAL A IMPORTÂNCIA DESSAS AÇÕES?**

"São ações de resistência e principalmente de suporte para

garantir a democracia. A escola sem partido é uma tentativa de silenciar, invisibilizar e massacrar as minorias. Sabemos que na escola temos diversidade de gênero, diversidade étnica e racial que hoje esse projeto [escola sem partido] tenta ignorar.

A partir dessas ações no bairro a gente vai podendo se unir e dar a mão para o outro para podermos nos fortalecer como um coletivo que atua a partir de demandas concretas de nossa realidade"

**QUAIS OS IMPACTOS DO PROJETO "ESCOLA SEM PARTIDO" NAS ESCOLAS DA PERIFERIA?**

"Quem é a favor do escola sem partido? Não é surpresa nenhuma constatar que são aqueles que não estão nas periferias. A partir do momento que a gente entende que existe o fortalecimento de um discurso que vai nos oprimir cada vez mais e que esse discurso vem de quem não pertence à periferia, a gente precisa se perguntar se de fato estão fazendo isso para o nosso bem, pois eu desconfo muito de pessoas que levantam a voz defendendo a "escola sem partido", quando não sabem nem onde fica uma periferia e nem viveram uma ação periférica e muito menos entende a força e necessidade de uma ação coletiva"

**LEIA TODA A ENTREVISTA NA PÁGINA DO TELA FIRME**

**f Tela Firme**



**#JuventudeFIRME e JuventudeVIVA**

Fonte: Acervo Tela Firme

Nessa perspectiva, é notório a importância da relação entre a educação popular produzida pelo Coletivo e a produção do conhecimento a partir das inúmeras oficinas de como elaborar vídeos, como editá-los e como intensificar as redes sociais com o objetivo de socializar conteúdos que são feitos pelos próprios moradores da comunidade. Assim como, a importância de ter coletivos que a partir dos seus processos educativos e formativos, são reconhecidos em diferentes espaços sociais como fortalecedores da comunicação alternativa com e para as nossas próprias juventudes periféricas.

Diante disso, é fato que a educação popular nos diversos bairros, em especial, em bairros periféricos, possuem uma capacidade de auto-organização que se revelam como construções coletivas de lutas, como pode se observar no excerto abaixo:

Quem sabe nem existia o educador ou a educadora popular como uma entidade fixa, mas eles se revelam como emergências em qualquer contexto em que se luta pela igualdade, pela justiça social e pelo reconhecimento do diferente. O educador popular, nesse sentido, pode ser encontrado nos movimentos populares, nas escolas e universidades, na execução das políticas sociais, na Educação de Jovens e Adultos, nas organizações não governamentais (ONGS), entre outros lugares (JARA, 2006, p. 24 ).

Com base nas experiências apresentadas pelos sujeitos, destacamos categorias como Juventudes, Educação Popular e Mídias Alternativas que são partes integrantes desta pesquisa e que estas categorias existem e coexistem em nossas práticas educativas seja no ambiente escolar ou extra-escolar. Para falar das práticas, é necessário entender quem são os sujeitos que estão na linha de frente dessa educação popular praticada pela rede de movimentos sociais do bairro.

### **5.3 #JuventudeFIRMEéJuventudeVIVA**

Para o coletivo, a Juventude representa seu principal público foco para organizar as diversas demandas sociais e políticas do bairro. Além disso, infelizmente, a juventude negra tem sido as maiores vítimas de uma política genocida contra as periferias urbanas. Com o intuito de articular a luta, o Tela Firme criou uma *hashtag* com a frase “Juventude FIRME é Juventude VIVA” com o objetivo de que pudessem compreender que queremos a nossa Juventude viva e firme, em alusão ao nome do bairro.

Nesse sentido, iniciamos a campanha e ela é uma realidade até hoje em nossas intervenções. Para tanto, elaboramos duas perguntas para que pudesse identificar quais são as opiniões dos sujeitos sobre o que eles entendem o que é ser jovem, se eles se consideram

jovens, o que significa a juventude para cada sujeito e qual a importância de ter a juventude como público foco para estimular e influenciar na democratização das informações no bairro *in loco*.

Neste eixo temático, destacamos as respostas mais explícitas e emblemáticas para a reflexão do que significa ser jovem e também, o sentido da palavra juventude para os membros do Coletivo. Para Adriano, a juventude não se enquadra apenas na faixa etária, mas também na construção social e coletiva de políticas públicas para a sociedade, como afirma:

Sim, me considero jovem. Mas pelo Estatuto da Juventude já não sou jovem para o Estado. Isso é importante para definição de políticas públicas, porém me enxergo como jovem pois não me considero um conservador (no sentido de apenas considerar padrões de convivência e relação social ou padrões de sociedade estáticos ou estabilizados) acho que minha vida ainda está em construção, ainda tenho muita coisa a mudar, acredito em iniciativas coletivas, em novas convivências, em novos padrões, acredito que a vida pode ser melhor, com mais oportunidades e também com mais diversão, por quê não? (ADRIANO MENDES).

Para Adriano, a juventude é um estado de espírito que aglutina a perspectiva e a vontade de mudança como afirma nesse trecho: “Considero juventude um estado de espírito, que não significa não ter responsabilidades, mas que busca o bem viver e não tem medo de mudanças” (ADRIANO MENDES).

Essa perspectiva de juventude é algo relevante dentro do nosso Coletivo Tela Firme. É por meio dessa ideia que temos de juventude que conseguimos organizar atividades e envolver mais jovens para alcançar nosso objetivo que tem sido envolver cada vez os jovens nos movimentos sociais, culturais e políticos do bairro. Para o entrevistado Mailson, a juventude também possui esse sentido, como podemos observar em sua fala: “Me considero um jovem de corpo e alma, e assim, pretendo seguir até os meus últimos dias. Jovem é só um estado de espírito” (MAILSON SOUZA).

Para Vanessa Alves, ser jovem segue a mesma lógica e raciocínio dos demais membros. É ter uma vida ativa voltada diretamente para as mudanças na vida em sociedade. Como podemos observar em sua fala:

De espírito, sem dúvida. Para além do que se convencionou pensar sobre a juventude, ela não é apenas uma fase de preparação para a vida adulta, não é um público que não sabe o que quer, ao contrário, a juventude é viva, é dinâmica, é ativa, sabe o que quer e vai atrás das suas convicções. Não podemos falar em juventude, mas em juventudes devido a sua diversidade de contextos (VANESSA ALVES).

Ao observar a fala de Vanessa, é possível inferir e entender a importância de compreender que existem diversas juventudes que possuem suas próprias particularidades, apesar de pertencerem ao mesmo território. Seus limites e possibilidades enquanto juventudes é o que fazem ser jovens no sentido plural. Para Vanessa Alves, a juventude precisa ser ouvida nos contextos em que habitam:

Ser jovem é ter o vigor da própria fase e utilizá-lo para se fazerem vistos e ouvidos, independente se é um sujeito com uma inclinação mais politizada e coletiva, ou um em que seus desejos e inquietações sejam de caráter mais individuais (VANESSA ALVES).

Segundo Adriano Mendes, a juventude é carregada de diferentes identidades que afetam diretamente os seus direitos sociais, como o direito de ir e vir, o direito de amar quem quiser, o direito à vida, ao respeito e a dignidade. Essa juventude pertence ao futuro e ao agora, porém reivindica um futuro cada vez mais digno de se viver. Como Adriano destaca em sua fala:

A juventude é destemida, é pouco conservadora, carrega consigo mudanças necessárias, e nem sempre se prende a opiniões formadas. Se hoje temos cada vez mais repulsa a temas como a violência contra a mulher, ao racismo e lgbtfobia, grande parte é por afirmação de uma juventude que quer mostrar ao mundo o seu direito de ser e as ideias que acredita (ADRIANO MENDES).

Para o Tela Firme, a mudança da sociedade se constrói a partir das juventudes. Por isso, temos esse público como foco de todas as nossas atividades e intervenções com o objetivo de fomentar reflexões e debates que tratam sobre os direitos humanos, articulando com a democratização das informações e a socialização das mesmas, como podemos observar na fala de Davi Bentes:

A importância do público jovem ser nosso alvo é porque os jovens são o futuro e não temos como mudar nosso passado mas podemos trabalhar pra conseguirmos ter um futuro diferente e o Tela Firme eu vejo como um importante veículo de informação que se atenta a fazer com que os jovens do Bairro e de outras periferias abram os olhos pra essa realidade de que o futuro que nós desejamos tem que ser feito com a nossa voz, com a nossa cara e pra gente aceitando e respeitando a diversidade que é a realidade da nossa juventude (DAVI BENTES).

Afirmção que segue dialogando com a fala de Francisco Batista, quando afirma que essa articulação com as juventudes e as mídias sociais são duas categorias que favorecem e dão visibilidade para as demandas do próprio Bairro. As juventudes possuem papel social que podem mudar a realidade, como é possível inferir na fala de Francisco Batista:

E a juventude é aquela que vai dar continuidade as várias juventudes. Então, é fundamental, é necessário essa repercussão no nosso trabalho, por isso que a gente tem que está sempre dialogando com esse público, por isso que escolhemos as mídias sociais que é algo dessa era informacional pra dialogar com essa galera (FRANCISCO BATISTA).

Além disso, é por meio das redes sociais que nós conseguimos atingir esse público, por intermédio do *facebook*, do *instagram* e do *youtube* que são ferramentas de divulgação de nossas ações, atividades e movimentações pelo Bairro. Como podemos observar na fala do Francisco Batista:

Através das redes sociais a gente envia os vídeos pelo *whatsAapp*, e agora nós temos o *instagram*, e outras mídias sociais que dialogam com essa galera, e a gente acredita que o que nós produzimos uma linguagem acessível que atinge a juventude, todas as juventudes de todas as idades, inclusive (FRANCISCO BATISTA).

Para Vanessa Alves, essa estratégia de ter as juventudes como público foco se justifica por ser eles quem mais socializam e compartilham nossos conteúdos, como observa-se na fala de Vanessa:

A juventude, de certa forma, é aquela que está mais atendida, mais conectada com outros sujeitos. Atingir esse público é interessante no sentido que eles são grandes propagadores de informações, de qualquer cunho. Utilizar essa característica inerente a eles é “estratégico”, pois além de auxiliar na promoção e divulgação de conteúdo, contribui para a formação política destes sujeitos que, assim como todo ser humano, estão em processo constante de aprendizado (VANESSA ALVES).

Como pode se observar, o sentimento de continuidade é uma realidade na fala de cada membro, pois entendemos que somos um movimento que aglutina as juventudes, que motiva as diversas juventudes e influencia outras práticas formativas como o Coletivo Cine Club TF.

Assim, é possível perceber na fala do Harrison Lopes, a perspectiva de continuidade que o Coletivo Tela Firme fomenta:

Isso é o bacana em trabalhar com as juventudes, esse sentimento de continuidade, esse sentimento de esperança e esse sentimento de força, de fé, de esperança, de força e de continuar (HARRISON LOPES).

Dessa forma, podemos compreender que o Tela Fime possui contribuições valorosas para o fortalecimento das juventudes periféricas, pois ele estimula a capacidade das

juventudes se perceber enquanto seres humanos que são construídos socialmente, culturalmente e politicamente, como Izabela Chaves afirmam: “Eu sou porque muita gente antes de mim foi abrindo caminho pra dizer que é possível chegar lá e construir algo diferente mesmo sendo jovem” (IZABELA CHAVES).

Além disso, a partir do convite feito pelo Francisco Batista para participar do vídeo “Poderia ter sido você”, eu, Adriano e Izabela fomos convidados a participar do Coletivo, ressaltando o grande estímulo que o vídeo fomentou. Como é possível perceber na fala de Francisco:

Acho que vale destacar aqui, por exemplo, o vídeo ‘Poderia ter sido você’, que teve participação de artistas locais, de juventude mesmo, inclusive a partir desse vídeo muitos aderiram como a Ingrid Louzeiro, Adriano Mendes, Izabela Chaves, essa turma que até então era admiradora do Coletivo passaram a aderir no ano mesmo de fundação. Então, repercussão melhor não tem, não existe! você faz uma produção, insere a juventude e a juventude passa a compor esse Coletivo, isso que é mais interessante (FRANCISCO BATISTA).

Diante das falas e intervenções que cada sujeito apresentou, podemos compreender a importância de termos as juventudes como público focal de todas as nossas atividades enquanto movimento de base. São elas e eles, quem se desdobram na dura realidade de sobreviver em meio a uma pandemia, a uma realidade que nos impulsiona a trabalhar desde cedo.

As juventudes que são vítimas dos extermínios nas periferias, principalmente, as juventudes negras. Por isso, o Tela Firme segue trabalhando para que as juventudes permaneçam vivas e firmes.

A partir desse contexto em que as juventudes estão inseridas, é necessário criar estratégias de intervenções que possam ser utilizadas como metodologias educativas. A educação popular nesse contexto cria mecanismos de defesa e resistência na luta pela desigualdade social.

#### 5.4 A Educação Popular como processo emancipatório.

Fazer um trabalho como semelhante ao que o Tela Firme faz, é uma missão de educar (FRANCISCO BATISTA).

A educação popular se configura como prática pedagógica que agrega os saberes científicos e os saberes populares da sociedade. É a educação que tem sido desenvolvida por grande parte dos movimentos sociais, pois é feita das construções de lutas dos povos. Tal processo é desenvolvido pelo Coletivo Tela Firme na perspectiva da educação popular, como ressalta o autor no excerto a seguir:

a educação popular se constitui como uma prática pedagógica que se alimenta das lutas de resistência e da criatividade dos povos da América Latina e, por isso, valoriza os conhecimentos aqui produzidos (STRECK, 2014, p. 22).

Para o membro do Coletivo, Adriano Mendes, a pergunta sobre a possibilidade de se reconhecer enquanto educador popular, trouxe a reflexão e a indagação de seu próprio processo individual de luta, como pode ser percebido em sua fala:

Nunca parei pra pensar nisso! Refletindo agora, talvez sim, pois sempre participei de movimentos, e aprendo demais com tudo o que vejo, mas também gosto de interagir, perguntar, e contribuir com o que eu sei, com minhas opiniões (ADRIANO MENDES).

Esta visão de reconhecimento enquanto educador popular trouxe diversas reflexões acerca do próprio movimento das experiências vividas pelos demais membros do Coletivo, como é possível observar nos excertos abaixo:

Me identifico completamente como Educador popular, até mesmo como profissão, atuo como educador popular há mais de 15 anos nas comunidades da Terra Firme, e do Guamá onde atualmente eu trabalho, e ser educador popular pra mim é muito gratificante, porque a gente tá podendo..., porque eu sinto, o sentimento que eu tenho é de está colaborando um pouquinho ali na construção de um mundo melhor. De mostrar novas possibilidades. De sermos melhores e de lutarmos por aquilo que nós acreditamos, que é a construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária (HARRISON LOPES).

Nesse excerto, é possível identificar a finalidade e o papel da educação popular enquanto processo educativo e formativo que tem como objetivo a construção de um mundo mais justo e igualitário, como observado pelo entrevistado Harrison Lopes. Ademais, as experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa antes de adentrar o Coletivo, são de fundamental

importância para que cada um estivesse disposto a compartilhar suas indignações e suas ideias, como observado na fala da entrevistada Izabela Chaves:

A partir do momento que fui criada no meio de pessoas que sempre estiveram ligadas a luta popular, mesmo que na arte, além do mais, pessoas que nos incentivam a compartilhar esse pensamento. Minha missão agora é sair da Graduação de Cinema e compartilhar a linguagem cinematográfica com a juventude (IZABELA CHAVES).

Nesse excerto, é possível entendermos que o processo de interação com o meio social em que vivemos é diretamente proporcional à construção de nossas ideias, e indispensável para a produção do pensamento crítico como afirmado por Streck:

A educação popular possui uma “acumulação própria de pensamento” (Torres Carrillo, 2013) que pode ser entendida, também, a partir das experiências dos movimentos sociais e populares que buscam a própria produção de metodologias, conhecimento e poder. (STRECK, 2014, p. 36)

Assim, cada conhecimento produzido por pessoas em diferentes níveis educacionais, consideram-se educadoras populares, assim como pode ser produto de construções para apresentar diversas metodologias de aprendizado, de conhecimento e poder. Como reitera o entrevistado Davi:

Acredito que todo aquele que tem algum tipo de conhecimento seja ele de nível superior, médio, técnico ou popular e deseja compartilhar esse conhecimento disseminando informações e coisas boas deve ser tratado como um educador popular (DAVI BENTES).

De modo parecido, o entrevistado Adriano Mendes também reforça que o acesso às informações por meio dos debates e discussões que obteve em espaços fora do bairro, puderam fortalecer os seus conhecimentos para que compreendesse as diversas formas de saberes que as pessoas possuem e que esses mesmos saberes podem ser transformados em conhecimentos populares ou até mesmo científicos.

Sou um estudante universitário, tive acesso a debates ou discussões que muitos no meu bairro não tiveram, mas aprendi também que ninguém é vazio de conhecimento, e sim, que o conhecimento se constrói em interação com o mundo ao seu redor. Se eu entro nesse fluxo, me coloco em interação nessa troca de conhecimento, eu aprendo e ensino, e vice versa (ADRIANO MENDES).

Deste modo, podemos inferir que a educação popular possui como papel social a valorização pelos saberes culturais e populares, assim como a pluralidade de ideias construídas por meio da opinião individual e coletivas desses sujeitos entrevistados e suas

realidades sociais e culturais, identificando as particularidades de cada contexto de vida. Corroborando com esta inferência, a entrevistada Vanessa quando diz que:

A partir do momento que a gente consegue atingir um indivíduo, que passa a pensar mais sobre a sua realidade, sobre o contexto social em que vive, e que este sujeito passa a se posicionar, questionar e reivindicar que seus direitos individuais e coletivos sejam exercidos plenamente sabemos que a educação se desenvolveu neste cenário (VANESSA ALVES).

É nesse sentido que a educação popular transforma a vida dos sujeitos dos territórios periféricos. Com a diversidade de saberes e conhecimentos que adquirem no coletivo e demais movimentos sociais de bairro passam a construir a sua própria identidade, assim como, observam a vida enquanto contexto social de maneira diferente, mais coletiva, dialético por si só. Para Streck *et al* (2014, p. 21-22), a educação popular emerge dos conflitos históricos das sociedades latino-americanas, ou seja:

A educação popular é uma prática educativa e uma proposta pedagógica que se situa dentro e diante dos conflitos históricos das sociedades latino-americanas. Ela surge como uma manifestação que questiona a ordem de quem sabe e não sabe, quem ensina e aprende, de quem manda e a de quem obedece. Palavras como conscientização, libertação, empoderamento, humanização e emancipação, em lugares e tempos diferentes, procuram nomear os fins dessa educação.

É nessa perspectiva que o Coletivo Tela Firme desenvolve suas atividades, construindo a partir da educação popular um projeto que é feito com os sujeitos das camadas populares e por eles. Uma vez que “entre seu sentido público e de classe, para compreender os sentidos e significados do “popular”, tendo como fio condutor a concepção de educação popular cujo desafio é construir um projeto civilizatório contra-hegemônico” (IDEM, p.33).

Além disso, o trabalho pelo processo de discriminar o bairro da Terra Firme com os próprios moradores, foi um dos trabalhos prévios para que o Coletivo Tela Firme pudesse produzir conteúdos com os próprios moradores. A formação educativa e discriminatória de que faltam políticas públicas de acesso para todas as juventudes, foi tema de diversas discussões com pessoas mais experientes.

Esse trabalho de base nos conduziu para o diálogo de que não podemos criminalizar nossas juventudes pelo descaso que o poder público exerce sobre as periferias urbanas. Para Francisco Batista, é possível essa desconstrução sobre o território em que pertencemos:

Primeiro que nós tivemos historicamente uma grande desconstrução do nosso território, então tivemos que passar por um processo educativo

libertador para que as pessoas pudessem compreender em que território elas estão (FRANCISCO BATISTA).

Além disso, Francisco Batista ressalta a construção de processos formativos que o Tela Firme fomenta e constrói em diálogo com a comunidade, como é possível inferir nesse trecho:

Possibilitou às pessoas vários subsídios para que as pessoas pudessem inclusive argumentar aonde elas estão e que bairro é esse. Então, a partir desse elemento de levar às pessoas essas informações, inclusive de pessoas que estavam anônimas e que faziam muita ação social no bairro, isso é um processo educativo. Eu considero que este instrumento de comunicação é um instrumento de educação que leva informação às pessoas e a partir de então elas passam a ter e estabelecer novas formas com o território (FRANCISCO BATISTA).

Quando pergunto se a entrevistada se considera educadora popular, percebo que os sujeitos, de forma geral, não reconhecem de forma acadêmica o que significa educador popular, mas nos mostram cada característica que eles mesmo possuem, como podemos verificar na fala de Vanessa Alves:

Acredito que sim, pois todo e qualquer trabalho ou ação que desenvolvemos no grupo tem um viés educacional. Atuamos de forma a conscientizar a população dos seus direitos, seus deveres e obrigações enquanto cidadãos que vivem em sociedade (VANESSA ALVES).

Nesse sentido, podemos perceber que todos os membros do Coletivo participantes desta pesquisa possuem diversas características que os fazem ser considerados educadores populares. Para Torres Carrilho (2013):

A educação popular refere-se à interpretação crítica da realidade e, por essa razão, possui um caráter gnosiológico; posiciona-se diante da realidade e constrói alternativa, portanto possui um caráter político; orienta ações práticas e teóricas para a transformação de determinada realidade, logo é tanto individual quanto coletiva. Além disso, os sentidos e os significados das experiências educativas populares encontram nas práticas e nos conhecimentos, potencial libertador. Não se trata de aplicação, mas de sua (re)criação e (re)invenção nos contextos e por meio das 'possibilidades temáticas' em que estão situados os sujeitos (JARA, 2006, p. 36).

## 5.5 “Nada sobre nós sem nós: a mídia alternativa do coletivo Tela Firme”

As mídias hegemônicas que disputam as narrativas sobre o Bairro da Terra Firme são carregadas de preconceitos, racismo, criminalização e reproduzem que o bairro é local onde moram pessoas marginais, pessoas em conflito com a lei, entre outros conceitos negativos. Com o objetivo de enfrentar tais preconceitos conduzidos por essa tal mídia hegemônica, o Coletivo organiza as demandas sociais e trabalha sob a perspectiva da própria visão de movimento social, considerando assim a mídia alternativa como ferramenta legítima.

Tal análise é ressaltada pelo entrevistado Adriano quando diz que: “Além disso, existia muita crítica à forma que a mídia retratava a Terra Firme, criminalizando as pessoas e, principalmente a sua juventude, sempre mostrada como pessoas perigosas e indesejadas” (ADRIANO MENDES).

É possível perceber a importância de termos a nossa própria representatividade quando o assunto é sobre nós mesmos. Dessa forma, o coletivo é visibilizado por levantar questões sociais e históricas do Bairro dialogado pelos próprios moradores. Para Adriano, o Tela Firme é uma ferramenta que busca a dignidade da nossa comunidade:

O Tela Firme e a internet mostrou pra mim que a mídia pode dizer o que é a Terra Firme ou como as pessoas da Terra Firme são, mas a partir de agora nós mesmos também podemos colocar nossas vivências, nossa vida, nossa cultura, e nossas denúncias. O Tela Firme me fez falar da história dos meus iguais e exigir respeito, me fez enxergar que não podemos abrir mão da dignidade que todos temos que ter (ADRIANO MENDES).

Dignidade essa que se almeja na vida, e que só é garantida por meio das lutas coletivas, para aqueles que estão à margem das políticas públicas. A educação popular para Moretti (2014) tem esse papel, como pode ser visualizado neste excerto:

A educação popular em seus mais variados sentidos e significados trata de explicitar essas pedagogias e metodologias alternativas, cujo sentido de público possui sua raiz nas necessidades daqueles e daquelas que estão abaixo da linha abissal, na zona do não ser (MORETTI, 2014 *apud* STRECK *et al* 2014, p. 38).

Destarte, é possível inferir que o objetivo de construção de um coletivo de mídia alternativa tem como foco a democratização e o acesso às informações. Mas, sobretudo, a desestigmatização do bairro. Para Francisco Batista, esse é o papel do coletivo, percebível em sua fala:

A importância do Coletivo Tela Firme na minha vida de morador é de ver o bairro ser retratado dentro de uma outra perspectiva. A gente falar da Terra Firme, exaltando aquilo que tem de bom, e também denunciando as injustiças que tem a partir de um processo mesmo de uma sociedade desigual (FRANCISCO BATISTA).

Para Izabela Chaves, a resistência e a luta da mídia alternativa tem como objetivo fortalecer as lutas das juventudes negras, pois são eles quem mais são assassinados e invisibilizados pelos poderes públicos. Nesse sentido, o Coletivo segue trabalhando na luta pela Juventude viva!

Entramos em cena quando necessário, questionamos e, com toda certeza, conseguimos subverter o que a mídia veiculava sobre nós, o que não faz a gente não ficar atentas e atentos sempre. Ainda acontece violação de direitos e violência com a nossa população, sabendo que esses corpos são negros (IZABELA CHAVES).

A partir das nossas experiências com as juventudes, observamos que a democratização das informações, os problemas existentes no nosso próprio bairro podem ser os mesmos problemas em outros territórios com o acesso às informações, como podemos compreender na fala de Izabela Chaves:

Nos chocamos mais quando as coisas estão bem próximas, captar e compreender nosso micro nos faz partir para um pensamento mais macro da situação não só do bairro, mas no município, estado e país. Esse é o papel fundamental para a democratização das informações (IZABELA CHAVES).

Nesse sentido, nos deparamos com o poder que a socialização do conhecimento possui quando trabalhamos com a comunicação coletiva. Nessa articulação com as juventudes, a educação popular, a mídia alternativa, o processo de transformação da sociedade se torna cada vez mais real. Assim para alguns autores, a educação popular não é mera instrução, contradizendo o cientificismo positivista, mas é aquela que precisa partir da realidade cultural e social do povo para, então, compreendê-la e transformá-la (STRECK, 2014).

Assim, percebemos que a mídia alternativa se contrapõe à mídia tradicional e hegemônica, fazendo com que ela se torne nossa porta-voz. Para Adriano, a mídia alternativa quebra a visão homogênea, quando diz que a:

A mídia alternativa quebra o monopólio da mídia tradicional que nos educa com uma determinada visão de mundo. Essa visão de mundo é política e mostra o que serve para manter um padrão político e de sociedade, que nesse caso nos mantém em uma determinada condição. A mídia alternativa cumpre o papel do contraditório, traz a dúvida, mostra uma nova versão de visão de mundo, causa debate. Isso é muito importante!!!! Na nossa sociedade dividida em classe, manter o *status quo* é o principal papel da mídia

tradicional. Importante dizer que não existe mídia neutra, todas têm posição política, e nós também não somos neutros e temos posição política nítida. Temos lado!!!! (ADRIANO MENDES).

A partir da mídia alternativa podemos construir o que de fato queremos que seja divulgado, fazendo assim com que nossa própria identidade seja respeitada e valorizada. Assim como ressalta o entrevistado Francisco Batista: “Uma coisa que é muito importante destacar é a questão da identidade. Como você fala com as pessoas a partir da realidade delas, repercute, e elas se identificando com isso, elas vão legitimar” (FRANCISCO BATISTA).

Por conseguinte, para Harrison Lopes, o papel da mídia alternativa possui um papel político de mostrar outros olhares a partir dos próprios moradores, ou seja,

A mídia alternativa vem com um papel fundamental de mostrar outros olhares, de não ficarmos apenas dependentes de um olhar hegemônico dessa mídia, essa grande mídia que tem apenas o lucro como um objetivo, então quando a gente pensa numa comunicação alternativa, popular e alternativa, é justamente pra isso, pra não dependermos apenas dessa mídia... dessa grande mídia capitalista, mas sim, de uma mídia que seja mais realista com a comunidade, que viva e sinta as dores e os sabores de ser da periferia por exemplo (HARRISON LOPES).

Para Izabela Chaves, essa mesma mídia alternativa fortalece a democracia e nos faz lembrar do papel que a mídia homogênea desempenhou na época da Ditadura Militar: “A mídia alternativa cumpre um papel fundamental para o fortalecimento da democracia, da pluralidade de ideias. No Brasil tivemos uma mídia que apoiou o golpe militar”.

Nesse sentido, é possível observar que as mídias tradicionais são fontes de informações que produzem outras narrativas de interesse próprio do conhecimento hegemônico. Diferente das mídias alternativas que buscam romper com a falta de comprometimento e cuidados que a mídia tradicional retrata das pessoas moradoras em territórios periféricos, como bem ressalta Vanessa Alves: “assim, a mídia alternativa atua de forma a promover uma comunicação onde as pessoas podem buscar ou divulgar informações mais populares, com interesses da comunidade, com responsabilidade social e coletiva (VANESSA ALVES).

Além disso, a mídia alternativa possui um papel importantíssimo quando o assunto se trata sobre as *Fake News*, que são as notícias falsas. Como podemos observar na fala de Vanessa Alves:

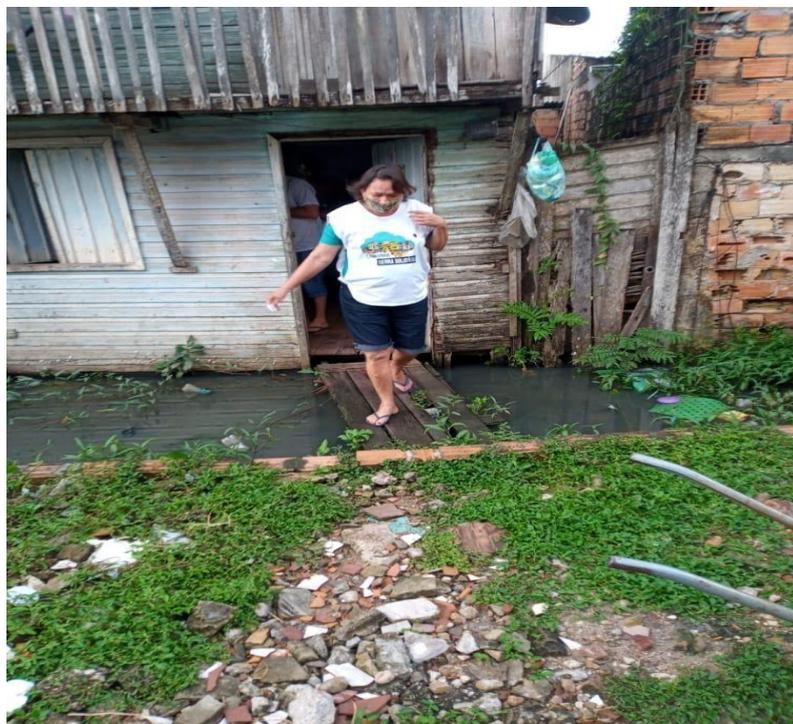
Além disso, podemos ver atualmente um crescimento exorbitante da propagação de fake news, nas redes sociais. Nesse sentido é necessário que

uma outra comunicação venha atuar na contramão daqueles que querem vender uma informação que tem o intuito de manipular o nosso pensamento e comportamento, bem como daquelas que tem o intuito de espalhar informação mentirosa com interesses políticos ou mesmo por “falta do que fazer” (VANESSA ALVES).

Dessa forma, a mídia alternativa tem como papel a democratização do acesso às informações com responsabilidade social, mas também, fazer com que as pessoas possam compreender que elas mesmas podem divulgar informações com intencionalidade diversas, mas não de qualquer forma ou por interesse individual, mas produzir conteúdo que alcance socialmente e culturalmente a comunidade, como reforça Francisco Batista:

Por isso que é muito importante a gente ter mídia alternativa, não pra dizer que é de qualquer forma não. Mas usar esse instrumento para comunicar com e para as pessoas do bairro, e fazer também com que elas entendam o que nós estamos falando, que elas também possam ser fontes de informação, e ter espaço para falarem nesses meios; é por isso que a gente fala que é mais do que uma mídia alternativa, é uma mídia alternativa comunitária, porque não dizer uma mídia revolucionária em que o povo tem acesso de produzir conteúdos (FRANCISCO BATISTA).

### **Imagem 19: Entrega de cestas no bairro da Terra Firme**



Diante do exposto, a partir das sistematização das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, podemos perceber as inúmeras ponderações que os sujeitos destacaram em suas falas e experiências. É importante destacar que o Bairro apresenta inúmeras dificuldades por ser uma periferia urbana que é localizada em um território estratégico, próximo ao centro e as universidades públicas federais. Contudo, o Bairro precisa ser mais visibilizado pelo poder público e que, de fato, chugue as políticas públicas aos moradores da Terra Firme.

Apesar disso, o Coletivo segue com a missão de mostrar a todos o quanto que de diverso tem o Bairro, como ressalta Adriano Mendes:

O tela firme mostrou um bairro com muitos problemas e contradições, mas também um bairro de muitos trabalhadores, de histórias, de muita cultura e iniciativa. O Tela Firme deu vida e visibilidade para muitos talentos, artistas, jovens, e através dos moradores mais velhos entrevistados pelo Tela Firme, ouvimos a história do nosso bairro contada por quem chegou aqui no início, e tivemos a oportunidade de conhecer nosso histórico de ocupação e muita luta por moradia (ADRIANO MENDES).

Na oportunidade de conhecer e conviver com pessoas mais experientes, podemos conhecer melhor o Bairro em que moramos e toda a trajetória de luta e resistência. A partir do diálogo, membros como Davi puderam conhecer outras realidades e se reconhecer enquanto sujeito pertencente a esse território, como pode perceber:

O Tela Firme tem muita importância na minha vida por que dentro dele pude obter muitas experiências de debates, de conhecer outras realidades, de poder expor esse meu lado mais crítico, mais solidário, mais artístico, entre outros e, me permitiu conhecer pessoas que tem sido importantes para a minha construção pessoal e profissional como cidadão e humano (DAVI BENTES).

Dessa forma, podemos concluir que o Coletivo alcança objetivos que afetam diretamente os vínculos, pessoais, simbólicos, culturais e políticos dos membros do Coletivo. Eles transformam o modo de pensar, agir e, assim, transforma as vivências e experiências das pessoas. Além disso, os sujeitos do Movimento produziram conhecimento a partir de novas oportunidades que lhes foram oferecidas, como podemos compreender na fala de Davi Bentes:

Participei nas gravações de vídeos, contribuí com ações do Coletivo nos últimos anos, estive mais engajado nas cartografias realizadas pelo Coletivo em parcerias com algumas outras instituições onde fui apresentado a outras realidades dentro do nosso próprio bairro que enriqueceu ainda mais o nosso conhecimento sobre o nosso território e vem nos inspirando a novas

produções com o inúmeras possibilidades (DAVI BENTES).

Além disso, o Tela Firme possui reconhecimento social dentro e fora do Bairro. Podemos perceber em várias atividades o reconhecimento e a valorização que temos quando estamos em atividades nas ruas. Além disso, elogios em forma de comentários em nossas redes sociais são formas de percebermos essa valorização do Movimento perante a opinião pública, como lembra o entrevistado Harrison Lopes:

É interessante quando a gente passa com a camisa do Tela Firme, quando a gente vai gravar na Terra Firme alguma coisa, e as pessoas reconhecem a gente, não reconhecem individualmente, ah, é o Harrison! É o Francisco e tudo mais, mas reconhece o Tela Firme, esse Coletivo. Eu acho que isso é muito bacana, porque não é um trabalho individual, é um trabalho de coletivo mesmo. Então quando reconhece o Tela Firme, reconhece de uma forma bacana, legal. Se dispõe a aparecer no vídeo porque é para o Tela Firme, isso é fantástico! Porque é uma confiança que a gente conquistou. Não é uma coisa que nós nos impusemos, é isso e pronto, Não! Isso foi conquistado, então se a população, se os moradores, nos reconhecem nisso, eu acho que é muito bacana. Quando a gente vai para a feira gravar, as pessoas veem a gente e querem gravar com a gente, querem falar pra gente, é uma relação de confiança mesmo (HARRISON LOPES).

Diante disso, podemos perceber que o coletivo possui suas contribuições para o fortalecimento dos movimentos de Educação Popular existentes no Bairro. Além disso, a partir do coletivo que Izabela Chaves conheceu um pouco mais sobre o audiovisual e hoje é estudante de Graduação em Cinema:

O Tela Firme é um coletivo que me aproximou do audiovisual, mais do que isso, me fez dizer que era possível fazer parte desse lugar da comunicação, do audiovisual e do cinema. Até então, não existia nada sobre isso na comunidade que nos fizesse aprender, fazendo e pensando, sempre ficamos no centro das decisões e somos livres para sugerir e aprender sobre o processo do audiovisual (IZABELA CHAVES).

Podemos inferir a partir de todos esses depoimentos que o Coletivo têm grande importância nos processos formativos de cada membro pertencente ao Movimento. Processos que são utilizados de forma a fomentar a emancipação de cada jovem que almeja um futuro menos desigual para sua família e seus pares. Assim como conclui Izabela: “O coletivo disputa a narrativa através do nosso olhar, cumpre um papel social e político em prol dos direitos humanos no Bairro” (IZABELA CHAVES).

Ademais, na narrativa dos membros do Coletivo Tela Firme percebe-se a influência que este movimento social de bairro pôde trazer a essas pessoas enquanto um processo

formativo. Como um deles afirma que: “mesmo morando a minha vida toda na Terra Firme, foi com a convivência dentro do Coletivo que me fez enxergar o meu papel dentro do bairro. O Tela Firme me fez chegar onde tô e me inspira a ir sempre mais longe e fazer sempre mais pelos que estão ao meu redor (MAILSON SOUZA).

Ainda sim, pode-se perceber que o Coletivo a partir de seus mecanismos com a mídia alternativa, possibilitou que Vanessa Alves pudesse enxergar a capacidade de se posicionar enquanto mulher da periferia:

Apesar da minha inquietação, naquela época não tinha a consciência de que poderia fazer algo para o enfrentamento às praticas de discriminação que a população periférica é alvo constantemente. A criação do coletivo ampliou minha visão e me ajudou a perceber que eu poderia me posicionar contra aquilo que considero errado (VANESSA ALVES).

Ademais, o coletivo contribuiu para a formação humana de Vanessa Alves enquanto ser humano pertencente a um bairro periférico, onde as políticas públicas são diminutas, construindo assim, uma pessoa mais humanizada e com olhar mais crítico. Como podemos perceber nesse trecho:

O Tela Firme teve um papel fundamental na minha formação enquanto sujeito que tem consciência que tem direitos e, para além de saber que os tenho, saber que posso e devo cobrá-los. Me tornou uma pessoa mais humanizada, que consegue ter uma maior sensibilidade para as problemáticas sociais. E, ainda, me ajudou a resgatar o desejo de cursar o ensino superior, algo que com o tempo havia deixado de lado, até mesmo considerado não ser capaz de acessar. Minha atuação no grupo fez com que eu buscasse uma formação educacional para além do ensino médio (VANESSA ALVES).

Assim sendo, a partir das falas de cada sujeito que participou das entrevistas e momentos de troca de experiências, é evidente a transformação do Coletivo Tela Firme na vida desses sujeitos. Além disso, é evidente a visibilidade e a influência que este Coletivo se insere nas juventudes do Bairro da Terra Firme ao promover nesses jovens um estado de consciência de classe social e assim, buscar transformação de sua realidade ao entorno. Isso é educação popular transformando vidas por meio da transformação das pessoas.

## 5.6 Considerações finais: nada sobre nós sem nós.

A pesquisa foi estudada a partir de minhas inquietações enquanto jovem moradora do Bairro da Terra Firme. Assim como, com as experiências vivenciadas no âmbito acadêmico dentro da UFPA pude perceber que mesmo que a universidade seja localizada próximo ao bairro, constatei o quanto distante ela se faz quando o assunto é a interligação entre a comunidade acadêmica e os bairros periféricos Guamá e Terra Firme, e que por diversas vezes presenciei falas preconceituosas, assim como a falta de políticas públicas inseridas dentro desses territórios.

A sistematização de experiências como metodologia me proporcionou organização das entrevistas a partir dos eixos temáticos, e fez eu perceber o quanto é rico e potente as falas de cada sujeito que puderam se fazer presentes nessa pesquisa. Dessa maneira, pude compreender melhor a relação das categorias de análises em conjunto com as práticas educativas do Coletivo Tela Firme. A concepção dialética possibilitou que as análises pudessem ser refletidas no contexto da educação popular, preservando e valorizando as construções sociais de cada indivíduo.

É possível entender que a educação popular muda os processos históricos e os rumos que o bairro tomou com a luta pelo acesso à moradia. O bairro respira e transpira luta em seu cotidiano, apesar das inúmeras contradições e limitações que é presente em cada periferia urbana. Territórios utilizados pela mídia homogênea para transmitir a violência, o racismo, o terror psicológico e o caos devidamente pensados para criação de territórios perigosos.

Dessa forma, o Coletivo Tela Firme trabalha na contra argumentação da mídia tradicional, na elaboração de produtos audiovisuais, campanhas de solidariedade, trabalhos coletivos com outros movimentos populares e sociais, na criação de projetos educacionais voltados para combater a desigualdade social refletida propositalmente nas periferias urbanas pelos poderes públicos que não trabalham políticas públicas específicas nesses territórios. Para nós, a política pública eficaz deve ser pensada de forma coletiva e especialmente, com a participação popular do bairro.

Nesse sentido, o coletivo trabalha com grupo focal que tem sido desde o início as juventudes periféricas. Juventudes que possuem suas limitações e possibilidades enquanto pessoas que atuam na construção de um país menos desigual. Juventudes que são diversas e que possuem classes sociais diferentes, apesar de serem do mesmo território. A campanha “Juventude firme é juventude viva” é uma campanha contínua pela alta taxa de genocídio da população negra. Essas juventudes são reflexos das poucas políticas públicas, de acesso à

educação de qualidade, de oportunidades para a população que estão em vulnerabilidade social e econômica, assim como pessoas não-pretas pobres que vivem à margem da sociedade.

A educação popular, dessa forma, possui sua prática social voltada para as minorias mais pobres, como as pessoas negras, a comunidade LGBTQI+, a população indígena e todas em prol da luta pelo acesso aos direitos basilares à vida e de formação de sujeitos que buscam, permanentemente, a integração da arte, da educação pública de qualidade, do acesso ao saneamento básico e outros bens públicos de melhoria da qualidade de vida.

A partir das reflexões apresentadas nessa pesquisa, foi possível perceber a relevância que outras metodologias educacionais são importantes para o processo de ensino e aprendizagem da população periférica. As mídias alternativas são metodologias que formam e constroem sujeitos a partir de suas próprias vivências e reflexões. Produzir conteúdo audiovisual tem sido a forma de resistir e denunciar todas as demandas sociais e injustiças ocasionadas pela desigualdade social.

Essa pesquisa ocorreu no antes e durante de uma pandemia mundial do novo coronavírus, que devastou famílias de todos os lugares do planeta. Planos e trabalhos foram adiados, reprogramados e interrompidos com a onda de mortes em todos os territórios. No total, foram 5 milhões de pessoas que morreram com covid-19, porém sabemos que esse número é cada vez maior quando falamos das subnotificações que existem no sistema de saúde.

Vivemos um caos na saúde pública mundialmente, e no Brasil, foram identificadas mais de 600 mil pessoas mortas em decorrência desse vírus. A situação fica cada vez mais difícil quando temos governos ligados às concepções conservadoras de produção de políticas públicas, segregadoras, racistas, homofóbicas que tem como principal objetivo o poder para poucos e a pobreza para muitos. Assim, a desigualdade social se agravou com a falta de políticas públicas que combatam a disseminação do vírus.

As *fake news* sobre a pandemia, em especial, a eficácia da vacina foram propagadas pelo próprio presidente da república que, de forma agressiva, trata dos diversos assuntos relacionados à pandemia em forma de sarcasmos e frases que só demonstram o desinteresse do atual presidente face à todo o caos existente: “*é só uma gripezinha, é mimimi, a vacina vai matar as pessoas*”. Posturas como essas que seguem exterminando aqueles que não possuem condições de sobreviver com tamanha desigualdade social.

As mídias alternativas, nesse contexto, possuem a capacidade de se desenvolver diante das notícias falsas e cobertas de preconceitos, articulando com a realidade de cada território e desenvolvendo a resistência com ações audiovisuais e educativas. Assim, a cada expressão

apresentada pelos sujeitos, podemos concluir que são diversas as contribuições que o Tela Firme se insere na vida das juventudes, estabelecendo uma articulação entre política, cultura e educação. Contribuições essas que fortalecem e fazem com que os jovens possuem cada vez mais autonomia sobre suas próprias realidades, observando cada especificidade e considerando cada característica desse território que contempla tantas manifestações culturais e políticas.

Acredito que é necessário e emergente a criação de coletivos comunicacionais de bairros, na busca pela construção de outra narrativa midiática, uma narrativa que proteja nossos corpos, garanta nossos direitos fundamentais e propague a realidade das periferias através dos que vivem à margem da padronização, alimentando o potencial de apresentar outras narrativas diferentes daquelas que atacam e violentam simbolicamente a pessoa humana.

Diante disso, é explícita a influência direta do coletivo nas relações humanas dentro desse lugar. São relações de diálogos que impulsionam o pensamento crítico e emancipatório de cada sujeito, em especial as juventudes periféricas, que são atingidas de forma indireta e direta nos contextos educacionais, comunicacionais e políticos.

Conclui-se que cada movimento educacional do coletivo tem formado jovens que aglutinam e fortalecem as lutas coletivas, produzindo conteúdos que tem como objetivo a democratização das informações e com isso, o rompimento do monopólio que é carregado de preconceitos e tem como consequência o aumento da desigualdade social.

Torna-se de suma relevância ressaltar que nas periferias urbanas, em que pese ser muito evidente a deficiência de atendimento das políticas públicas sociais, existem sujeitos comprometidos com a educação popular e com o fortalecimento do coletivo. Ressaltamos que não eximimos o Estado brasileiro de suas obrigações, por compreender que se torna fundamental investir em políticas sociais para alcançar todas as regiões do país, em especial bairros periféricos das capitais brasileiras, como é o caso do Bairro da Terra Firme em Belém do Pará.

Dessa maneira, entendemos que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados e que temos como tarefa a partir de então, a continuidade de construção coletivas por meio dos movimentos populares como o Tela Firme para a emancipação das comunidades de periferias urbanas. Além disso, com o material audiovisual que produzimos nas entrevistas pilotos desta pesquisa será apresentada em formato de vídeo com os relatos de alguns membros e relatos de pessoas que foram beneficiadas pela Campanha Terra Solidária.

Diante disso, finalizo este trabalho ressaltando que o coletivo Tela Firme possui

contribuições educativas que fortalecem as práticas populares do bairro, em trabalhos com as múltiplas juventudes, e como consequência, fortalece os vínculos sociais, culturais e simbólicos, que são descritos e vivenciados neste bairro que tem uma pluridiversidade territorial que podemos observar na imagem 20 a seguir que mostra a boniteza do Bairro pesquisado.

Por fim, sabemos dos desafios apresentados com a função social que tem o Coletivo Tela Firme no Bairro Terra Firme, e temos a certeza que esta pesquisa fomentará novos debates, novos estudos, outros diálogos que promovam o protagonismo da juventude nestes territórios de alta vulnerabilidade social, que deem visibilidade aos territórios das grandes periferias brasileiras onde as políticas públicas sociais demoram a alcançar seus sujeitos.

**Imagem 20: O Bairro da Terra Firme e seu momento arco-íris.**



Fonte: Acervo pessoal do Tela Firme

## REFERÊNCIAS

- ANDRE, Marli; GATTI, Bernadete A. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução**, 2008.
- APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989 (capítulo 1: Reprodução, contestação e currículo, p. 19-54)
- \_\_\_\_\_. **"Currículo e poder"**. In Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 14, vol. 2, jul/dez, 1989, p. 45-57
- BARROS, A. D. J. P. D.; LEHFELD, N. A. D. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BRANDÃO, A. T. M. **APRENDER "NA TORA": práticas e saberes de jovens produtores midiáticos**. 2016. Dissertação de mestrado. 187.f
- CAPES, **Banco Digital de Teses CAPES**. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/pt/a-bdtd.html?showall=1> . Acesso em 25/09/19 a 04/09/19.
- CASTRO, J.L. DE. **Poderia ter sido você: Autorrepresentação, dimensão sensível, e intersubjetividade da violência no bairro da Terra Firme em Belém**. Dissertação de mestrado, 2020. 177f
- CUNHA, Luciana Gouvêa da. . **Tela Firme, gravando!** : A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da Terra Firme, em Belém (PA) / Luciana Gouvêa da Cunha. - 2018. Dissertação de mestrado.170 f..
- CORREIA, Roberto Lobato. **A periferia urbana. Geosul**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 70- 78, jan. 1986. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12551>>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- EMERIM, M.; FAÉ, J. S.; VIEIRA, J. A. **Juventudes contemporâneas e os desafios da educação, trabalho e cultura**. Rev. Pedagógica, v. 23, p. 1-18, 2021.
- ESTEVES, L. C. G; ABRAMOVAY, M. **Juventude, Juventudes: pelos olhos e por elas mesmas**. IN: ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E. R; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes: Outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC/SECADI; UNESCO, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo:Cortez & Moraes, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2. ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 2. ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em educação popular.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In: Fazenda, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001.

GLOBO.COM. G1. **Chacina em Belém completa 1 ano e crimes permanecem sem solução.** 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/11/chacina-em-belem-completa-1-ano-e-crimes-permanecem-sem-solucao.html>>. Acesso em: 03.11.2020

\_\_\_\_\_. **Conheça a Terra Firme, um dos bairros mais populosos de Belém.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/e-do-para/noticia/2020/08/08/conheca-a-terra-firme-um-dos-bairros-mais-populosos-de-belem.ghtml>> Acesso em: 08.08.2020.

GADOTTI, Moacir. **Revista Trimestral de debate da FASE.** Ed. nº 113.

GHIGGI, Gomercindo. **Paulo Freire e a revivificação da Educação Popular.** Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, maio/ago. 2010.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa.** 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry. **"Poder e resistência na nova sociologia da educação: para além das teorias da reprodução social e cultural"**. In: GIROUX, Henry. *Pedagogia Radical: subsídios.* São Paulo: Cortez, 1983, p. 31-56 (cap. 2)

\_\_\_\_\_. **"Rumo a uma nova sociologia do currículo"** In: GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais – rumo a uma nova pedagogia crítica da aprendizagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 43-53 (cap. 2)

\_\_\_\_\_. **"Educação Social em sala de aula: a dinâmica do currículo oculto"**. In: GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais – rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 55-77 (cap.3)

\_\_\_\_\_. **"Professores como intelectuais transformadores"** In: GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais – rumo a uma pedagogia crítica da educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164 (cap. 9).

- GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa**: Tipos fundamentais. Rev. de Administração de Empresas – ERA. São Paulo, v. 35, n.3, Maio-Jun, 1995.
- GRELLERT, Ana Paula. **A Educação Popular na escola pública**: das situações-limite ao inédito viável. 2015.95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.
- HIRANO, Sedi. **Projeto de estudo e plano de pesquisa**. In: HIRANO, Sedi (org). **Pesquisa Social: Projeto e Planejamento**. 2ª. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações coletadas em Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**. Base de dados disponível em: . Acesso em: 15 out. 2019.
- Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade /organização, Miriam Abramovay, Eliane Ribeiro Andrade, Luiz Carlos Gil Esteves. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume27\\_juventude\\_outros\\_olhares\\_sobre\\_a\\_diversidade.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume27_juventude_outros_olhares_sobre_a_diversidade.pdf) Acesso em: 20/12/2021
- LIRA, A.DO S.C. **Coletivo Tela Firme**: Comunicação e cidadania na periferia. 2018. Dissertação de mestrado. 181.f
- MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007. Mizukami (2008, p. 215) Porto: Porto Editora, 1995. p. 13-34.
- MARQUES, Isadora da Silva. **Sentidos da Educação Popular em Movimentos Populares Urbanos**: cartografia das ações político-educativas da Associação de Moradores do Bairro Jardim Catarina em São Gonçalo/RJ. 2017. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.
- MACIEL, K. de F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educ. em Perspect.**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 326–344, 2011.
- MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857- 1858 Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC, 2004
- MASSON, G. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 105–114, 2007. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/312/320>>

MENEZES, MAURELIO. **Movimentos sociais @ internet e sua dimensão educativa**/ Dissertação de mestrado- ano 2015. Disponível em: [https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2232/1/TESE\\_2015\\_Maurelio%20Menezes.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2232/1/TESE_2015_Maurelio%20Menezes.pdf). Acesso em 20/12/2021

PPGED. *Linhas de Pesquisa*: Educação, Cultura e Sociedade. Disponível em: <http://ufpa.br/ce/ppged/> Acesso em: 13/10/2019.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos sociais**: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. Rev. Contemporânea|PERUZZO Comunicação e cultura. V. 11, n. 01, jan-abril, 2013.

QUADROS, Camila Alves. **Memória Social e Educação Popular**: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018

RITTER. C.; FIRKOWSKI, O. L. C. de F. **Novo conceitual para as periferias urbanas**. Revista Geografar. Resumos do VII Seminário interno de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, 2009.

RITTER, Carlos. **Revista Geografar: VII Seminário interno de pós graduação em Geografia**. Curitiba, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2013.

STRECK, D. R [et al]. **Educação Popular e Docência**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

STRECK, Danilo Romeu. **ENTRE EMANCIPAÇÃO E REGULAÇÃO: (DES)ENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS**. In: Sessão especial da 32ª

Reunião Nacional da ANPED intitulada Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações?, Caxambu-MG, 2009. Disponível em:< [http://32reuniao.anped.org.br/sessoes\\_especiais.html](http://32reuniao.anped.org.br/sessoes_especiais.html) >

SILVA, Lúcia Isabel. **DIREITO à CIDADE: PERFIL E DEMANDAS DA JUVENTUDE DE UM BAIRRO DA PERIFERIA DE BELÉM\_PARÁ\_AMAZÔNIA**. In: VII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 2009, Rio de Janeiro. v. único. p. 28-29.

SILVA, SELLI MARIA DA ROSA E. **JUVENTUDE, SOCIABILIDADE E PARTICIPAÇÃO**:

percepções e desafios de jovens estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Governador Alexandre Zacarias de Assumpção, Belém-P. Dissertação de mestrado. 159.f

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa**

**qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira:** Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília, DF: ANDI, 2016.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

INTRODUÇÃO: Apresentar os objetivos da pesquisa

### **EIXO I – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

1. Nome e idade
2. De que forma você conheceu o coletivo Tela Firme
3. Você tem formação até que nível de ensino? se superior ou técnico qual área?

### **EIXO II – ATUAÇÃO NO COLETIVO TELA FIRME**

4. Descreva em um breve resumo sobre sua trajetória de vida antes e até chegar na sua inserção no coletivo tela firme.
5. Quais foram as suas motivações para entrar no coletivo Tela Firme?
6. Para você, qual a importância do coletivo tela firme em sua vida?
7. Para você, qual a importância do coletivo para o bairro da Terra Firme?
  8. A partir de sua experiência com o coletivo, descreva sobre algumas experiências que você participou pelo coletivo com as juventudes do bairro.
  9. Qual a importância de ter a juventude como público alvo para estimular e influenciar na democratização das informações no bairro da Terra Firme?
10. Você se identifica como educador (a) popular? Se sim, por quê?
11. Para você, qual a importância da mídia alternativa nos tempos atuais?

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa, da aluna do curso de mestrado do Programa de Em Educação – PPGGE da Universidade Federal do Pará – UFPA, Ingrid Silva dos Santos e de seu orientador Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage, intitulado **EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM: A EXPERIÊNCIA**

**DO COLETIVO TELA FIRME COM AS JUVENTUDES**, acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, \_\_\_\_\_, residente e domiciliado na \_\_\_\_\_, portador da Cédula de identidade, RG

\_\_\_\_\_, e inscrito no CPF \_\_\_\_\_ nascido (a) em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo “**EDUCAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO TELA FIRME COM AS JUVENTUDES**”.

Estou ciente que:

- I) A presente pesquisa objetiva estudar como se configuram as práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme.
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do Coletivo Tela Firme: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VI) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa;
- X) ( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. ( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_